

NOÊMIA DE FÁTIMA SILVA LOPES

GÊNERO E PODER NA PASTORAL CATÓLICA DE SOLEDADE

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2011**

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

L864g
2011

Lopes, Noêmia de Fátima Silva, 1970-
Gênero e poder na pastoral católica de Soledade / Noêmia
de Fátima Silva Lopes. – Viçosa, MG, 2011.
xi, 155f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Orientador: Maria de Fátima Lopes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.
Inclui bibliografia.

1. Gênero. 2. Poder (Ciências Sociais). 3. Religião.
I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 306.682

NOÊMIA DE FÁTIMA SILVA LOPES

GÊNERO E PODER NA PASTORAL CATÓLICA DE SOLEDADE

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 8 de julho de 2011.

Prof. Douglas Mansur da Silva
(Coorientador)

Prof. Marcelo José Oliveira
(Coorientador)

Profa. Haudrey Germiniani Calvelli

Profa. Maria de Fátima Lopes
(Orientadora)

“Cada um que passa em nossa vida passa sozinho... Porque cada pessoa é única para nós, e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai só... Levam um pouco de nós mesmos e nos deixam um pouco de si mesmos. Há os que levam muito e os que levam pouco, mas não há os que não deixam nada. Esta é a mais bela realidade da vida... A prova tremenda de que cada um é importante e que ninguém se aproxima um do outro por acaso, ‘Saint Exupéry’” (Palavras encantadas. ANDRADE, 2002, p.226).

“É graça divina começar bem,
graça maior é continuar na caminhada
certa, mas graça das graças é não desistir
nunca” (D. Helder Câmara).

Ao Agostinho, meu marido,
companheiro, amigo e enamorado, quem
mais me incentivou e acreditou em mim.

Você é exemplo de determinação,
persistência e serenidade, encara a vida
sempre de bom humor... Com você,
aprendo um pouco mais a cada dia.

À Maria Luíza, nossa filha,
querida, linda e inteligente, razão de
nossas vidas. Muitas vezes não entendia a
nossa ausência e distância. Nos momentos
de grande sufoco e angústia, Malu sempre
chegou com um sorriso sapeca, pulando
no colo e beijando-me o rosto, como adora
fazer. Sua vida nos ensina que muitas
vezes é preciso ser criança e não levar a
vida tão a sério.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho fico pensando nas pessoas que contribuíram para sua construção. Chegar aqui não foi fácil. Foram dois anos vividos de forma intensa, mas foi possível chegar ao final com o apoio de inúmeras pessoas às quais jamais esquecerei e quero, nesse momento, agradecer. Sei que citar nomes é sempre um risco, mas, “viver já é um risco”, então vamos lá...

Nesse pensamento gostaria de agradecer primeiramente a Deus. Ele que guiou e iluminou meu caminho até aqui. Sem Ele não teria chegado aonde cheguei.

Aos meus pais. Minha mãe, Luiza, que é uma guerreira e está sempre superando obstáculos e nos surpreendendo, junto com Salvador, que conseguiu conquistar a todos e fazer minha mãe tão feliz! Obrigada por hoje fazer parte de nossa família com suas filhas, nossas mais jovens irmãs, dois cunhados, uma sobrinha e uma afilhada linda!

Ao meu pai Gedí, que já se foi, mas nesse momento está festejando conosco mais essa vitória. Sei que se sentiria honrado nesse momento, pai. Dedico a você mais essa.

Aos meus irmãos, Eduardo, Luís e Édson, com quem muitas vezes dividi meus sonhos, angústias e limites, desde os físicos, intelectuais, aos econômicos e financeiros. Só Deus poderá retribuir a confiança e o carinho que tiveram por mim. Como agradecer? Só posso pedir a Deus que continue iluminando o caminho e a vida de vocês. Muito obrigada!

Às minhas cunhadas, Leila e Marcelaine, com quem sempre conversei sobre os desafios enfrentados e ouvi palavras de ânimo e motivação.

Ao amigo André, que já é parte da família. Ele também é professor e sempre trocamos figurinhas sobre os desafios e rumos da educação. Muito obrigada.

À amiga Juliana Teixeira, que veio comigo e minha filha para Viçosa, morou conosco dois anos, me ajudou em tudo e inclusive nos cuidados com Maria Luíza que, muitas vezes, ficou de lado por causa do mestrado. Foi amiga e companheira. Desejo sucesso nos seus estudos e na vida pessoal. Você merece ser feliz!

Às colegas do mestrado da UFV. Nós dividimos tudo, além dos estudos, trabalhos, tristezas e a saudade de casa. Choramos juntas e rimos também. Criamos laços fortes no grupo. Valeu conhecer vocês! Agora fazem parte de minha história de vida.

Aos líderes de Soledade que me receberam de braços abertos e permitiram que eu realizasse a pesquisa. Sempre serei grata a vocês.

À CAPES, por financiar grande parte deste tempo de dedicação aos estudos e à pesquisa através da concessão de uma bolsa.

À Universidade Federal de Viçosa – MG, pela oportunidade de fazer parte do mestrado.

Ao Departamento de Economia Doméstica. Cumprimento todos os professores e funcionários na pessoa da Professora e Coordenadora Maria das Dores Saraiva “Dorinha”, humana e sempre aberta ao diálogo, pessoa com quem muito aprendi. Obrigada.

Aos coorientadores e professores, Marcelo Oliveira e Douglas Mansur, pela compreensão, dedicação, apontamentos e atenção com o trabalho.

À orientadora Maria de Fátima pelas sugestões e correções. Nossa convivência foi de grande aprendizado para mim.

De modo muito especial agradeço a duas pessoas que foram o motivo da conclusão do mestrado e de eu ter chegado até aqui: meu marido Agostinho e minha filha Maria Luíza.

Agostinho, você sempre foi o meu maior incentivador, motivador, amigo, companheiro, quem sempre me “empurrou” quando eu achava que não dava mais. Fomos muito além de onde poderíamos ou talvez acreditássemos, você sabe, mas chegamos, graças a você e a confiança depositada em mim. Ainda vamos rir muito de tudo isso, pois Deus sabe o quanto foi difícil e quantos obstáculos superamos! Sinto-me orgulhosa de ter você como meu marido e companheiro. Eu te amo!

E agora, a nossa pequena grande Malu! Eu te amo minha filha, como você mesma diz: “te amo do tamanho do universo, porque o universo não tem fim”. Peço desculpas por tantas vezes ter deixado a desejar no que diz respeito à atenção, tempo e até carinho, para dar conta do mestrado, mas tenho certeza que colheremos os frutos dessa caminhada. Você e seu Pai são a razão da minha vida, responsáveis por eu ter chegado à conclusão do curso.

Assim, partilho com todos vocês a alegria desse momento. Como não teria outras palavras: muito obrigada, vocês são parte da minha história. Com certeza ninguém passa pela vida de alguém por acaso, sempre fica alguma coisa. Obrigada!

BIOGRAFIA

NOÊMIA DE FÁTIMA SILVA LOPES é filha de Gedi da Silva (em memória) e Luíza de Souza e Silva. Nasceu em Soledade, em uma comunidade do Distrito de Sacramento, Manhuaçu, município localizado na Zona da Mata Mineira, em 05 de julho de 1970.

Em sua infância, mudou-se de Soledade para Caratinga/MG, onde morou até os sete anos. Lá nasceram os irmãos Edson da Silva e Luis Antônio Silva. A família retornou para Soledade em 1977. Noêmia iniciou a primeira série (assim chamada na época) na escolinha de Soledade. Logo em seguida, nasceu o irmão caçula Eduardo de Souza e Silva.

Em 1986, um grave acidente automobilístico retirou seu pai, Gedi, de sua família, e Luíza, sua mãe, assumiu o papel de provedora do lar. Com dificuldade, Luíza fez com que todos os filhos estudassem. Eles ficavam na casa dos tios em Caratinga, cidade vizinha. Noêmia morou com sua tia Maria, sua segunda mãe, concluiu o segundo grau e ingressou-se no curso superior na Faculdade de Serviço Social de Caratinga. Noêmia trabalhava durante o dia na Casa de Saúde de Caratinga e estudava à noite, como todos os colegas de sua turma. Concluiu o curso de Serviço Social em 1997.

Casou-se em 10 de outubro de 1998 com Agostinho, companheiro e amigo de sua vida. Àquele que mais a incentivou nos estudos e na profissão. Em 2002, fez pós-graduação em Políticas Públicas nas Faculdades Integradas de Caratinga (FIC).

Na vida profissional trabalhou como assistente social em Vermelho Novo. Lá foi secretária de saúde por quatro anos. Depois, secretária da assistência social em Bom Jesus do Galho por três anos e, sucessivamente, foi diretora administrativa da Secretaria de Assistência Social de Caratinga por mais três anos.

Em 2008, depois de sete anos de casada, engravidou-se e teve uma linda filha: Maria Luíza, hoje com seis anos. Afastou-se da profissão por dois anos para cuidar da filha, que nasceu prematura. Depois, retornou ao trabalho, mas como professora de sociologia e filosofia em duas escolas de ensino médio próximas a Soledade. Nesse período, foi convidada a ministrar aulas no curso de Serviço Social em Caratinga. Essa fase despertou em Noêmia o gosto e a paixão pela educação, então decidiu fazer o curso de pós-graduação na UFV. Fez três disciplinas como aluna especial e depois, na segunda tentativa, ingressou-se no Programa de Pós-Graduação, em nível de mestrado, no Departamento de Economia Doméstica, em 2009. No curso foi bolsista da CAPES e concluiu, agora, com a defesa da dissertação.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE FIGURAS	ix
RESUMO	x
ABSTRACT	xi
1 INTRODUÇÃO GERAL	1
2 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS	10
2.1 Das opções teóricas	10
2.2 Abordagem metodológica.....	10
2.3 Área e local de estudo.....	12
2.4 Métodos e técnicas no processo de construção e análise dos dados.....	16
2.5 População estudada.....	19
2.6 Etapas da pesquisa	20
Referências Bibliográficas.....	23
Artigo I – As Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais na Igreja Católica....	25
RESUMO.....	25
1 Introdução.....	25
2 As Comunidades Eclesiais de Base e a Teologia da Libertação	29
3 A Diocese de Caratinga	40
3.1 A Forania de Manhauçu	44
4 O surgimento da Paróquia São Sebastião do Sacramento	44
5 A Comunidade de Nossa Senhora da Soledade.....	52
5.1 Conhecendo um pouco mais desse lugar chamado Soledade.....	59
5.2 A conquista de espaço pelas mulheres na comunidade de Soledade.....	74
5.3 A mulher, a família e o trabalho doméstico.....	77
6 Considerações Finais	80
Referências Bibliográficas.....	81
ANEXOS	85

	Página
Artigo II - Trajetória de vida de mulheres líderes das pastorais da Igreja Católica: o significado de ser mulher no espaço pastoral em Soledade.....	89
RESUMO.....	89
1 Introdução.....	89
2 Trajetórias de vida de Clara, Vitória e Lúcia.....	93
2.1 O desejo do saber.....	98
2.2 Para uma mulher ser líder.....	101
2.3 Mulher: líder, mãe e esposa.....	107
3. A construção das relações de gênero nas pastorais e a influência da família.....	112
4. A mulher diante das questões sociais e políticas locais.....	117
4.1 O sonho de viver em uma sociedade diferente.....	120
4.2 O preconceito da própria mulher.....	122
5 A mulher na família: naturalização e divisão sexual do trabalho.....	123
6 Considerações finais.....	127
Referências bibliográficas.....	130
Artigo III - A Assembleia Comunitária Geral como Dramatização do Poder.....	133
RESUMO.....	133
1 Introdução.....	133
1.1 “O poder está em toda parte”.....	135
1.2 A organização e preparação para a Assembleia Geral da Comunidade de Nossa Senhora da Soledade.....	138
1.3 As relações de gênero na comunidade entre as pastorais.....	142
1.4 O dia da assembleia.....	144
2 Considerações finais.....	149
Referências bibliográficas.....	151
3 CONCLUSÃO GERAL.....	152

LISTA DE FIGURAS

	Página
Encaminhamentos Teóricos Metodológicos	
Figura 1 – Mapa das microrregiões da Zona da Mata Mineira	12
Figura 2 – Mapa do distrito de São Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil	13
Figura 3 – Mapa do Distrito de S. Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil, com destaque para córregos, estradas, rodovia e limites geográficos ..	14
Figura 4 – Legenda ampliada do mapa e da sede do distrito de S. Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil	15
Artigo II	
Figura 1 – Média de horas semanais gastas em afazeres domésticos e total de pessoas ocupadas, segundo o sexo – Brasil – 2009	124
Artigo III	
Figura 1 – Vista da Praça e Igreja da comunidade Nossa Senhora da Soledade.....	138

RESUMO

LOPES, Noêmia de Fátima Silva, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2011. **Gênero e poder na pastoral católica de Soledade**. Orientadora: Maria de Fátima Lopes. Coorientadores: Marcelo José Oliveira e Douglas Mansur da Silva.

Este trabalho procurou analisar como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade/MG, através do estudo da dinâmica da vida das lideranças do CPC (Conselho Pastoral Comunitário). Buscou de forma específica, verificar e interpretar as implicações das relações de gênero na vida dos sujeitos em estudo – mulheres que experienciam situações de liderança em espaço “sagrado” marcado por prescrições do que deve ser mulher-esposa-mãe. Paradoxalmente em Soledade se amplia possibilidades de acesso à construção cidadã. A presente pesquisa buscou discutir a respeito da fundamentação teórica das categorias analíticas: *gênero e poder* no campo religioso pastoral católico. A pesquisa foi orientada pela perspectiva da metodologia qualitativa e, para sua execução, utilizou dos métodos de etnografia, pesquisa documental, observação direta participante, narrativas e técnicas de DRP (Diagnóstico Rural Participativo). A escolha desses encaminhamentos teóricos metodológicos se construiu no processo de delineamento do objeto de pesquisa no espaço das pastorais da Igreja Católica e foi fundamental na análise dos resultados. Verificou-se que o estudo das categorias gênero e poder seria relevante para a compreensão do objeto pesquisado. A pesquisa foi desenvolvida no primeiro momento com 21 líderes integrantes do CPC, entre eles 14 homens e 7 mulheres. No segundo momento elegemos nesse grupo de 21 líderes: 03 mulheres que apresentaram através da narrativa de suas histórias e trajetórias de vida, informações que contribuíram de forma significativa para a pesquisa. Das 21 primeiras entrevistas as três escolhidas se destacaram pela espontaneidade nas expressões e disponibilidade em participar do estudo. Os resultados do trabalho foram apresentados por meio de três artigos: Artigo I: As Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais na Igreja Católica. Artigo II: Trajetória de vida de mulheres líderes das pastorais da Igreja Católica: o significado de ser mulher no espaço pastoral em Soledade. Artigo III: A assembleia geral como espaço de dramatização do poder.

ABSTRACT

LOPES, Noêmia de Fátima Silva, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, July, 2011. **Gender and power in the catholic pastoral in Soledade.** Adviser: Maria de Fátima Lopes. Co-Advisers: Marcelo José Oliveira and Douglas Mansur da Silva.

The objective of this work was to analyze how gender and power relationships are lived and built in the Catholic Church in Soledade/MG by studying the dynamics of life of CPC (Conselho Pastoral Comunitário – Community Pastoral Council) leaderships. It was aimed to verify and to interpret specifically the implications of gender relationships in the lives of the study subjects – women experiencing leadership situations in a ‘holy’ space marked by prescription of what a woman-wife-mother is supposed to be. Paradoxically, the possibilities of access to the citizen construction are increasing in Soledade. This work aimed at discussing the theoretical framework of the analytical categories: gender and power in the Catholic pastoral religion field. This study was guided towards the perspective of qualitative methodology and ethnography methods, documental research, participating direct observation and narratives and DRP (Diagnóstico Rural Participativo – Participative Rural Diagnostic) were used for carrying out this study. Those methodological theoretical direction choices were built in the process of designing the study object in the space of Catholic Church pastorals and they were fundamental in the results analyses. The study of gender and power categories was found to be relevant for understanding the object studied. The study was developed in the first moment with 21 leaders integrating CPC, 14 men and 7 women. In the second moment, we elected 21 leaders out of this group: 3 women who presented information through their histories and life trajectories which contributed significantly for this work. Of the 21 first interviews, the three chosen ones stood out for their spontaneity in expressions and availability to participate in the study. The results of this work were presented in three articles: Article I: Base Ecclesial Communities and Pastorals in the Catholic Church. Article II: Life Trajectory with Leader Women of the Catholic Church Pastorals: The meaning of being woman in the pastoral space in Soledade. Article III: General Meeting as a Space for Dramatization of Power.

1 INTRODUÇÃO GERAL

Nesta pesquisa, analisamos como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade. Trata-se de uma das comunidades do distrito de São Sebastião do Sacramento, pertencente à Manhuaçu/ MG. Em Soledade, homens e mulheres desenvolvem várias atividades, algumas em conjunto, outras bem delineadas e construídas culturalmente, como espaço de homens e espaço de mulheres; seja na família, no trabalho rural ou nos grupos e pastorais da Igreja Católica, onde participam ou atuam como líderes.

A princípio, a intenção em pesquisar gênero no contexto religioso católico surgiu ao me ingressar no mestrado de Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa – UFV/ MG. No contato e na proximidade com discussões acerca dos estudos de família e temáticas afins, fui percebendo a possibilidade de construção de um exercício investigativo que unia minha experiência de mulher e líder de pastoral com a reflexão sociológica. Tanto a vivência empírica quanto a incursão teórica concorreram para despertar meu interesse para as discussões sobre as relações de gênero.

Na ocasião do ingresso no mestrado, eu participava dos projetos desenvolvidos pelas pastorais em Soledade, onde tive a oportunidade de exercer atividades e fazer parte da coordenação pastoral, assessoria paroquial e Diocesana; espaços que me permitiram conhecer de perto e vivenciar as relações de gênero e poder na Igreja Católica. Fui percebendo como as relações de gênero são importantes e de que forma elas aconteciam nas pastorais numa ligação estreita com o poder, principalmente com o hierarquizado da Igreja Católica. Poder de vínculos fortes com as pastorais que, em muitos momentos, reproduzia aquela cultura masculina existente e fortalecida naquele espaço. Um viés questionador próprio emergia no espaço pastoral entre os líderes sobre essas relações, tanto de poder como de gênero. Tratava-se de um lugar diferente, mais popular, sem receio de se expressar. Foi nesse contexto que vislumbrei a possibilidade de um exercício reflexivo que pudesse esclarecer dúvidas e levantar questões sobre essa realidade vivenciada, consciente de que o trabalho seria desafiador e extremamente complexo – mas, instigante e compensador.

O interesse, deste estudo, pela religiosidade enquanto lugar de reflexão nasceu de vivências singulares, desde minha participação em atividades nas pastorais da igreja, bem como da percepção da relevância e de desafios enfrentados nesse espaço de coletividade,

como parte de um sistema de símbolos que define uma forma específica de pensar, agir e se expressar.

A escolha do tema religiosidade não foi, pois, algo aleatório, mas parte integrante da história de minha vida. Tal experiência se somou com os principais debates inerentes da atual profissão, o Serviço Social. No entanto, a religião e a profissão não estão separados, pois este campo religioso contribuiu no sentido de um despertar para a profissão e, como resultado, a incursão no mundo acadêmico. A construção dos valores e seus significados, a forma de ver o mundo e posicionar-se diante dele possui as marcas de uma trajetória construída de forma muito próxima da religião e de experiências singulares que se manifestam como definidoras e constitutivas do sagrado. A postura em relação à religião adquirida e aqui apresentada não se resume a uma crença para o consumo pessoal e imediato, mas algo em que a relação com os princípios e valores religiosos enriqueceram minha experiência de vida numa variedade de atividades sociais e políticas.

Na década de 1980, mais precisamente em março de 1986, me deparei com a morte de meu pai. A causa: um acidente automobilístico na BR 116 (rodovia Rio - Bahia, que corta a comunidade de Soledade). Como consequência, a família vivenciou um drama: a perda e a separação de uma pessoa de 44 anos de forma brusca e violenta. A superação foi ainda mais difícil em função da perda de uma pessoa bem relacionada em casa com minha mãe e toda a família; ele era carinhoso e atencioso. Meu pai era líder na comunidade de Soledade e foi o responsável por me fazer conhecer o espaço pastoral e comunitário, possibilitando experiências que marcaram minha adolescência. Nessa época, eu o acompanhava nos cursos e encontros nos quais ele trabalhava na comunidade e paróquia de Sacramento. Era uma pessoa que se relacionava de forma amigável e solidária com os colegas líderes e demonstrava fundamental responsabilidade ética e política através de suas ações.

Esse fato ocorreu no início de minha trajetória enquanto participante da comunidade na pastoral da juventude, lugar onde encontrei solidariedade, generosidade e apoio necessário para superação desse drama, marcando profundamente minhas escolhas desde então. Dizer que foi importante pertencer àquele grupo naquela época, parece-me hoje não dar conta do apoio imprescindível no enfrentamento do luto. Assim como eu, outras pessoas, entre colegas e amigos, vivenciaram momentos e desafios em suas vidas e também encontraram apoio e amizade na pastoral em que participava. Participar foi essencial para retomar o sentido da vida novamente, o entusiasmo e a alegria de viver. Isso foi possível junto aos amigos, nas

atividades pastorais, nos encontros semanais de definição das intervenções sociais – uma das características que até hoje move cada pastoral, além da sua espiritualidade. Esse perfil contribuiu para que eu continuasse no espaço pastoral e fizesse dele um lugar de referência, no que se refere ao trabalho comunitário.

As pastorais são espaços relevantes para quem faz parte delas. Elas possibilitam a sociabilidade, a consciência política e social, que nascem do próprio debate, dos cursos para liderança, do acesso às informações consideradas importantes para o trabalho pastoral. Estes, por sua vez, chegam e contribuem com conhecimento e desperta o desejo de uma participação efetiva nas políticas públicas municipais e nos movimentos sociais, nos conselhos de direitos, entre outros. As pastorais motivam ou participam com representantes – exemplo disso é a pastoral da criança e do idoso – que fazem parte dos conselhos da saúde e assistência social de Manhuaçu.

Quando olho esse passado, várias cenas vêm à mente, recorro experiências próprias desde a infância: a divisão entre homens e mulheres quanto ao lado de se sentar-, até o lugar ocupado no interior da Igreja no momento da celebração do culto religioso era mapeado; lado direito para os homens e esquerdo para as mulheres. Os cargos de ministros da eucaristia¹ há 10 anos não eram assumidos por mulheres – mesmo elas sendo em maior número na Igreja. Os homens sempre se fizeram mais presentes nos cargos de liderança na comunidade. Esses comportamentos e modelos, tidos como naturais e que obedecem a regras não verbalizadas ou explicitadas em relação ao masculino ou feminino, porém são aceitos como dados, naturalizados, essencializados, por conseguinte, indiscutíveis.

Minha incursão no universo acadêmico, o contato com teorias socioantropológicas de autores como Weber, Durkheim, Mauss, Bourdieu, Foucault, Geertz, entre outros clássicos e contemporâneos, do pensamento sociológico, vêm mapeando de forma singular o processo de construção do objeto para esta análise. Isso torna possíveis a identificação e o reconhecimento das próprias “marcas e formas” culturais na vida profissional, familiar e social.

O acesso ao referencial teórico fez com que surgissem e fossem problematizadas questões, apontando para possibilidades, transformando o que eram apenas ideias do senso

¹ O **ministro extraordinário da comunhão** é, na Igreja Católica, um leigo a quem é dada permissão, de forma temporária ou permanente, de distribuir a comunhão aos fiéis, na missa ou noutras circunstâncias, quando não há um ministro ordenado (bispo, presbítero ou diácono) que o possa fazer. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ministro_extraordin%C3%A1rio_da_comunh%C3%A3o>. Acesso em: 05 fev. 2011.

comum, dúvidas e paixão em problemas científicos e sociológicos. Assim, as indagações e observações no campo da religião, junto com as contribuições teóricas, motivaram o interesse pela pesquisa e fortaleceram o investimento neste estudo.

Na contextualização histórica do presente trabalho, após a exposição das principais características dos movimentos e pastorais, percebe-se que alguns dos movimentos pertencem a uma linha conservadora da Igreja, com dedicação maior à oração, aos carismas e ao aspecto espiritual dos fiéis. No entanto, as pastorais pertencem a uma linha mais progressista, com foco mais político, de intervenção na realidade vivida pela comunidade, na leitura da Bíblia que se fundamente na ação dos membros que atuam em determinada pastoral.

Em Soledade, existem inúmeros grupos e pastorais, e cada um deles construiu sua própria história no contexto local, paroquial e diocesano. Estudar todos eles seria impossível, tendo em vista o prazo determinado para a conclusão do curso e o tempo destinado à atividade de pesquisa. Assim, o foco eleito para esta pesquisa foi o grupo de líderes composto por homens e mulheres das pastorais.

Soledade é uma comunidade que apresenta um nível de participação efetiva por parte de seus moradores, possui vários movimentos e pastorais, alguns existem desde a década de 1970, porém, poucos possuem história registrada. Para a construção do presente trabalho utilizamos do registro de depoimento dos participantes, moradores e líderes, na tentativa de conhecer a história local. Nesse sentido, um fato chamou a atenção em um dos primeiros momentos da pesquisa, nem mesmo na diocese existem registros de sua própria história de forma organizada sobre os movimentos e pastorais. Não parece ser uma preocupação ou prioridade – na paróquia e na comunidade o mesmo acontece. Sendo assim, o trabalho contou com a participação e depoimento de moradores mais antigos, coordenadores e membros das pastorais e movimentos locais, que se dispuseram a participar e demonstraram satisfação em fazer parte da pesquisa de “uma aluna da Universidade Federal de Viçosa”, como faziam questão de ressaltar.

Na diocese e na paróquia houve uma resistência não declarada verbalmente, porém, demonstrada de forma sutil e educada ao meu trabalho, após tomar conhecimento do objetivo da pesquisa.

Entretanto, na comunidade de Soledade fui bem acolhida, por ser uma “nativa” e as pessoas se sentiram importantes fazendo parte da pesquisa. Foi o local onde consegui mais informações. Não tive acesso aos arquivos diocesanos, por isso, busquei informações nas

revistas, documentos publicados pela Igreja e depoimentos de moradores e membros da comunidade de Soledade.

No entanto, não contava com esse inconveniente, porém, ao mesmo tempo em que surgiu esse fato considerado como dificultador, ele transformou-se em um objeto de análise. Inclusive, podem ser objeto de análise para demonstrarem como se dão as relações de poder na hierarquia da Igreja Católica.

Num primeiro momento, uma das pessoas “braço direito” do bispo, foi apresentada a mim por uma amiga religiosa e ele se colocou a disposição para ajudar nas informações e contribuir com a pesquisa. Após conhecer os objetivos do trabalho, desconversou e disse que não teria tempo, que era melhor eu procurar em outras fontes e concluiu: “é um trabalho muito pesado”. Então, retomei novamente e percebi que estava diante de um dos desafios da pesquisa. Não ter a voz da liderança oficializada e formalizada da diocese me fez compreender e refletir sobre questões relevantes para o trabalho.

Essa fase foi fundamental para compreender na prática a complexidade do campo religioso e como algumas informações não podem ou não devem circular entre as pessoas comuns. A certeza/ crença na ciência é que torna o entendimento possível.

Nesse momento, apropriar de estudiosos como Foucault (1979) nos ajuda a pensar a respeito do que é necessário ficar simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar. Inclusive, o que não pode ou não deve ser dito, pois o discurso do silêncio é revelador. É necessário desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como conjuntos de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado. No entanto, para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault (1979), precisamos, antes de tudo, recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e igualmente a busca insistente do sentido último, ou do sentido oculto das coisas práticas bastante comuns, quando se fala em fazer o estudo de um “discurso” ou “dispositivo”. Desse modo, esse autor contribui para que, por intermédio da investigação dos discursos e do poder, nos defrontemos com nossa história, ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o que agora, para nós, é tão evidente.

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade, a partir do estudo da

dinâmica da vida das lideranças do CPC, verificar as implicações nas relações de gênero e na vida dos sujeitos em estudo.

É de fundamental pertinência, neste trabalho, entender que a religião, os sistemas de crença se constroem exercendo influência significativa na vida e ação do ser humano, que está inserido no meio social, com suas orientações, regras e dogmas. A religião, para os crentes, é capaz de realizar transformações intensas, físicas e psicológicas na vida dos indivíduos que a praticam. Em estudos e pesquisas sobre a religião, como o de Oliveira (2006), observou-se que é possível o entendimento da realidade em que vivemos e das relações que são construídas entre homens e mulheres que ocupam esse espaço.

Weber (1997) afirmou que as religiões não somente oferecem sentidos e significados para a existência humana, mas se torna parte da cultura estabelecida e das estruturas institucionais de uma sociedade, como também influem – de maneira mais íntima – nas atitudes práticas dos homens com relação às várias atividades da vida diária, independente e para além da salvação. Esse espaço religioso ocupado por homens e mulheres é também um dos que são construídas as relações de gênero.

As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade, pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher tende a regular todas as atividades sociais. Segundo Bourdieu (2003), podemos assumir que os agentes e instituições – o homem, a mulher, Escola, Igreja, o Estado e a família – são estruturados e estruturantes nesse processo de naturalização da dominação. Ou seja, ao mesmo tempo em que têm poder para moldar a sociedade, eles (agentes e instituições) são por ela moldados, vão se modificando com o tempo e no confronto das ideias, numa relação entre instituições e pessoas que possuem culturas e valores diferentes.

Historicamente, a Igreja Católica é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos no ocidente. As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos através de representações, linguagens e palavra autorizada, reforçando e sacralizando, inclusive a relação desigual entre homens e mulheres.

Bourdieu (2003) apresenta a estrutura do campo religioso como um espaço caracterizado por lutas e tensões entre os agentes e as instituições:

[...] a concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus* religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão quase sistemática do mundo e da existência (BOURDIEU, 2003, p.88).

À medida que a Igreja proporciona uma ordem simbólica, contribui para a manutenção e legitimação da ordem política. A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações de poder de uma sociedade.

Estudar o familiar é um desafio, principalmente quando se fala do lugar de origem natal. Assumimos o risco de naturalizar informações importantes, devido ao envolvimento pessoal. Existem vantagens em termos de acesso ao universo pesquisado, para tanto nos resultados da pesquisa, existe a possibilidade de o pesquisador/a rever e enriquecer sua investigação quando supostamente acreditava possuir domínio dos códigos e pressupunha saber sobre o quê está falando.

Isso ocorre uma vez que o familiar quase sempre se apresenta como realidade complexa principalmente quando o(a) pesquisador(a) elege objetos próximos a sua vivência familiar, mas nem sempre conhecido como ensina Velho (1978). No entanto, constitui objeto relevante de investigação para uma antropologia, preocupada em perceber que a mudança social se encontra no resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas. Esse cotidiano faz parte de uma cultura, construída a partir de símbolos e códigos.

Partindo desse pressuposto, acredita-se, assim como Geertz (1978, p.15), que o ser humano está “amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, assumindo a cultura como essas “teias” e não como uma ciência experimental em busca de leis, mas de estudo da cultura de uma ciência interpretativa sempre à procura de significados.

É nesse contexto que a pesquisa está sempre em busca de resposta a várias questões. Essa busca desvenda significados do cotidiano das pessoas, a partir da análise das relações e da forma como as pessoas vivem e sobre o que elas acreditam ou valoram no espaço ou lugar que ocupam.

Uma sociedade sem desigualdades, onde as diferenças exigem aprendizado cotidiano e intermitente no seu enfrentamento, apresentavam-se associados a responsabilidades éticas e políticas que despertaram o interesse em problematizar, ou melhor, em transformar em

problema sociológico, questões que pudessem esclarecer e, porque não, apontar para o desejo e o sonho de pertencer a uma sociedade menos desigual.

A investigação e as discussões explicitadas nesta pesquisa tiveram como norte uma questão: como são vivenciadas as relações de gênero entre homens e mulheres que fazem parte da liderança pastoral comunitária católica de Soledade/ MG? A questão foi problematizada a partir dos resultados obtidos e apresentados em forma de artigos como segue neste trabalho.

O presente trabalho foi estruturado em três momentos. Optamos em apresentar as discussões por meio de artigos. Nesta parte, apresentamos uma introdução geral e a metodologia utilizada. Na sequência, o conteúdo em forma de artigos, a saber: artigo I, artigo II e artigo III. Os estudos foram desenvolvidos pela perspectiva da pesquisa qualitativa, observação direta participante e métodos etnográficos.

O artigo I – As Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais na Igreja Católica objetivou contextualizar historicamente, momentos que evidenciam mudanças e conflitos na Igreja Católica, após a realização do Concílio Vaticano II. Em seus resultados percebemos uma instituição católica hierarquizada, masculina e centralizadora, do outro, a organização de pequenas comunidades de base, constituídas de homens e mulheres que se apropriam do espaço religioso e trazem suas experiências de vida e que contribuem para construção de novas relações.

O artigo II – Trajetória de vida de líderes mulheres das pastorais em Soledade foi desenvolvido a partir da história de vida de mulheres líderes nas pastorais da Igreja Católica da comunidade de Nossa Senhora da Soledade, pertencente a uma das paróquias da Diocese de Caratinga, localizada na Zona da Mata Mineira. O principal objetivo foi analisar os significados do que é ser mulher no espaço pastoral católico, buscando compreender, a partir das narrativas de Clara, Lúcia e Vitória, como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica. A partir do estudo da vida dessas mulheres, verificaram-se implicações de gênero e poder no campo religioso e na vida dos sujeitos em estudo.

O artigo III – A assembleia geral como espaço de dramatização do poder teve a finalidade de narrar a assembleia geral da liderança da comunidade de Soledade. Tal assembleia é realizada a cada dois anos para eleição de todos os cargos de coordenação. Das análises feitas a partir dos dados observados e registrados, podemos afirmar que o poder dos homens se apresenta definindo possibilidades de ação propriamente política e de aspectos da

comunidade onde o poder se manifesta nos interstícios ou invisíveis; escolhem-se lideranças e ocupam os espaços tidos como mais importantes na comunidade de Soledade e na Igreja Católica local.

As mulheres estão presentes em todos os espaços pastorais e de grupos. No entanto, a trajetória de mulheres de Soledade vem conquistando espaços e modificando sua forma de conviver na família e em comunidade. O lugar ocupado pela religião através da participação pastoral na vida das mulheres de Soledade tem sido de suma importância na construção de novas relações de gênero. A convivência com a diversidade presente na comunidade no cotidiano dessas mulheres desperta questionamentos e provoca inquietações frente às diferenças de gênero e poder nesse lugar, construída a partir de uma cultura hierarquizada e androcêntrica na Igreja Católica.

Para realização deste trabalho fundamentamos em um referencial teórico denso e em uma metodologia que proporcionou alcançar resultados, os quais poderão tornar-se questões para novos estudos.

2 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

2.1 Das opções teóricas

Para a construção do presente trabalho, recorreremos a autores como Durkheim, Bourdieu, Foucault, Weber, Geertz e Scott, Gebara, Heilborn, Therborn, entre outros que foram fundamentais na discussão e no entendimento das relações entre religião, gênero e poder. A incorporação das reflexões teóricas acerca de gênero “como categoria de análise”, o diálogo com a teoria feminista ao lado da antropologia, perpassaram todo o processo de construção da dissertação e foram lentes escolhidas para realização deste estudo.

2.2 Abordagem metodológica

A metodologia não se resume a um conjunto de técnicas. Ela é um caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade, desse modo, envolve teoria, técnicas e criatividade. Nessa perspectiva, descrever a metodologia é mostrar a direção que se pretende seguir ao longo de um estudo. Para Schimidt (1996), trata-se de um caminho que se escolhe em função do objeto pesquisado, porque são os problemas subentendidos na pesquisa que orientam e indicam qual caminho deverá ser percorrido.

Como instrumento e técnica metodológica, esta pesquisa adotou o modelo interpretativo (MORIM, 2004) indicado no caso da análise qualitativa participativa, uma vez que ela envolve alternância de ações e reflexões.

As pesquisas qualitativas possuem características diversas, de acordo com Mazzotti (1998), utilizando um número variado de métodos e instrumentos de observação e interpretação das informações. Entre os mais aplicados estão: a entrevista individual e grupal, a análise de documentos e a observação participante direta.

De acordo com Minayo (2004), é no universo científico que a construção sistemática da observação participante se torna cada vez mais evidente, uma vez que essa técnica modifica a ação do pesquisador, ao integrar o grupo que vivencia a realidade social, propicia interações que contribuem para a mudança de comportamento do grupo observado de forma não intencional.

A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada e com os atores dessa situação. Esse contato direto fundamenta-se no princípio de que as circunstâncias particulares, nas quais os objetos ou atores estão inseridos, são essenciais para que se possa entendê-los. Segundo Minayo (1999),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1999, p.21-22).

Para Morim (1997), esse conhecimento é pertinente quando se é capaz de dar significado ao seu contexto global, ver o conjunto *complexus*. Assim, a pesquisa participante que valora a interação social deve ser compreendida como exercício de conhecimento de uma parte do todo e vice-versa. Dessa forma, o foco de estudo concentra-se no processo vivenciado pelos sujeitos.

A tarefa mais desafiante da observação direta participante é exatamente esse contato próximo entre pesquisador e pesquisado, é “transformar o familiar em exótico”, uma vez que as pastorais inseridas no campo da religiosidade e os sujeitos que fazem parte dessa história fazem parte também da trajetória de vida da pesquisadora. Em contrapartida, acredita-se que, o que parece um problema, constituiu-se em um exercício de grande riqueza, pois é nesse processo que se apresentam os *antropological blues*, aqueles elementos que se insinuam na prática etnográfica quando menos se espera (DA MATA, 1978, p.7).

A observação, como técnica, exige treino disciplinado, preparo cuidadoso, conjugado com alguns atributos indispensáveis ao investigador-observador (CORREIA, 2009), como atenção, sensibilidade e paciência, e tem como referência os objetivos, favorecendo uma abordagem indutiva, com redução de pré-concepções. No entanto, a possibilidade de vir a clarificar aspectos observados e anotados posteriormente em entrevistas e em observações mais focalizadas é importante quando nos referimos às Ciências Sociais.

A pesquisa utilizou-se do método etnográfico e em entrevistas da história de vida de mulheres, através de narrativas gravadas em vários encontros formais programados para esse fim e a partir da observação direta e da análise da rotina da vida dessas mulheres, especialmente na família e na comunidade de Soledade.

Apresentamos, na sequência, a área e o local do estudo; os métodos e as técnicas utilizadas neste trabalho, a partir da pesquisa qualitativa, observação direta participante, o método etnográfico; população estudada; análise do processo de construção dos dados; e etapas da pesquisa.

2.3 Área e local de estudo

Este estudo foi desenvolvido com os(as) líderes de Soledade, no município de Manhuaçu, localizado na microrregião de Manhuaçu, Zona da Mata de Minas Gerais. Esta região está situada ao sudoeste do Estado de Minas Gerais, estabelecendo proximidade com os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. É formada por 142 municípios agrupados em sete microrregiões.



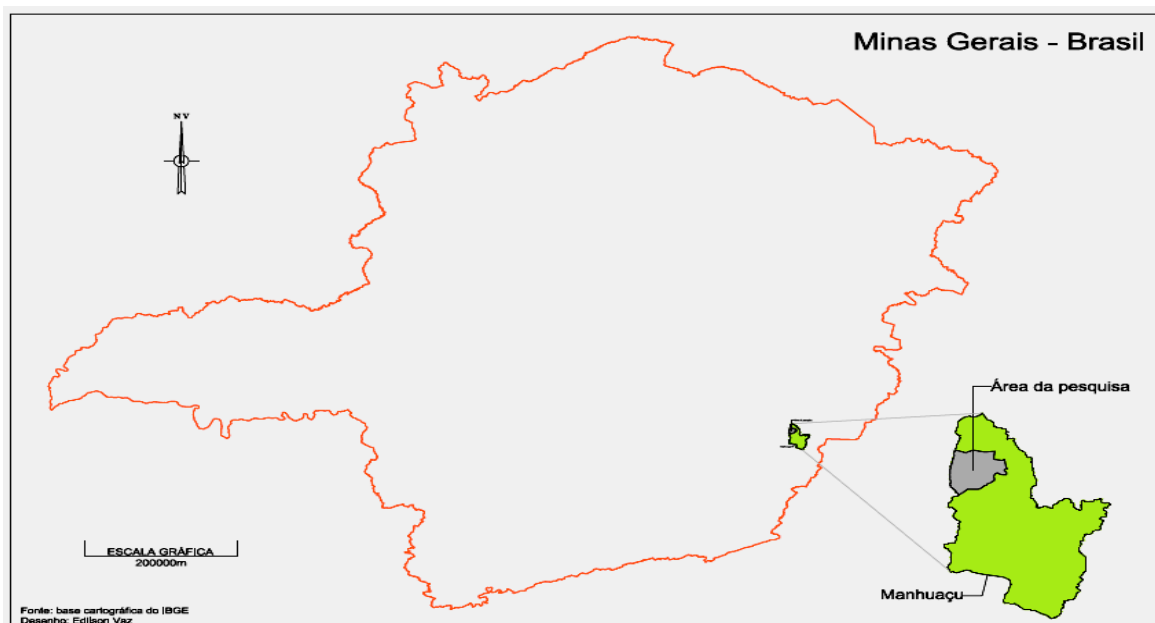
Fonte: Minas Gerais.net²

Figura 1 – Mapa das microrregiões da Zona da Mata Mineira.

² Disponível em: <<http://www.minas-gerais.net/diretorio/catimages/mapa-zonadamata.gif>>. Acesso em: 05 fev. 2011.

O município de Manhuaçu está localizado geograficamente em região montanhosa, na Zona da Mata Mineira, Estado de Minas Gerais, Brasil, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009) é um município com população estimada em 78.605 habitantes e possui 9 distritos. A distância do município de Manhuaçu até a capital do estado, Belo Horizonte, é de 290 km (DER-MG, 2010)³.

A Figura 2 mostra a comunidade de Soledade (área da pesquisa). O local escolhido para este estudo pertence ao distrito de São Sebastião do Sacramento, um dos 9 distritos de Manhuaçu, com uma população estimada em 6.000 habitantes. Assim como toda a região de Manhuaçu, é município produtor e exportador de café acompanhado pela produção de cereais, leguminosas e oleaginosas – porém, em menor escala (PORTAL MANHUAÇU, 2011).

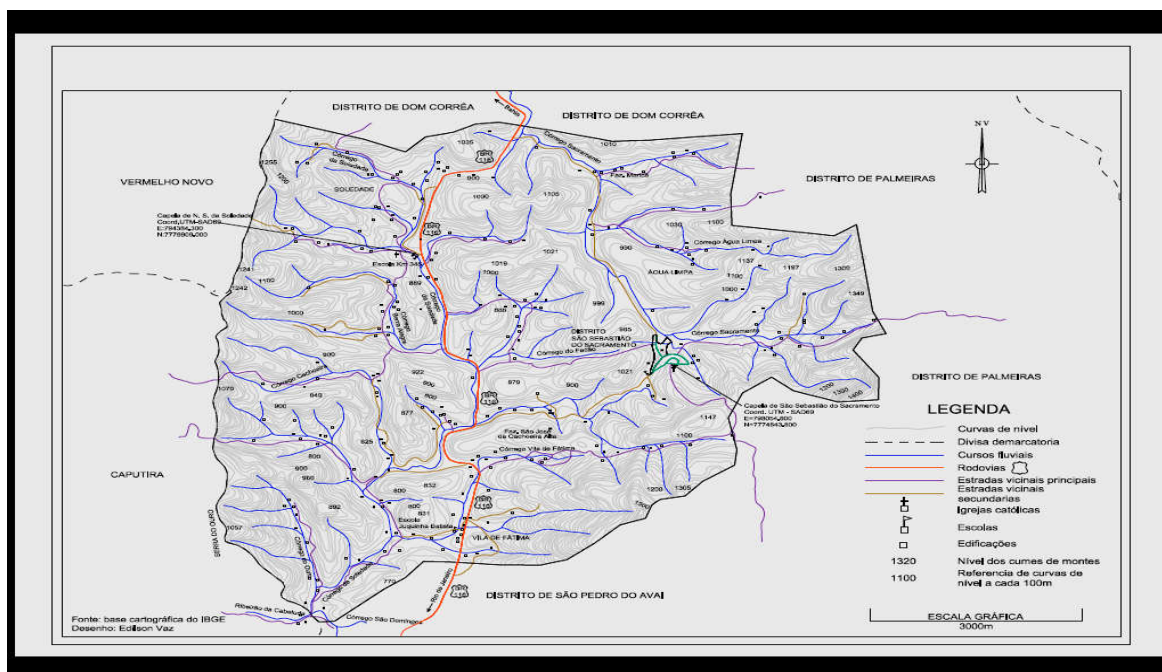


Fonte: Base Cartográfica do IBGE – Desenho Edilson Vaz – Manhuaçu/ MG – 2010

Figura 2 – Mapa do distrito de São Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil.

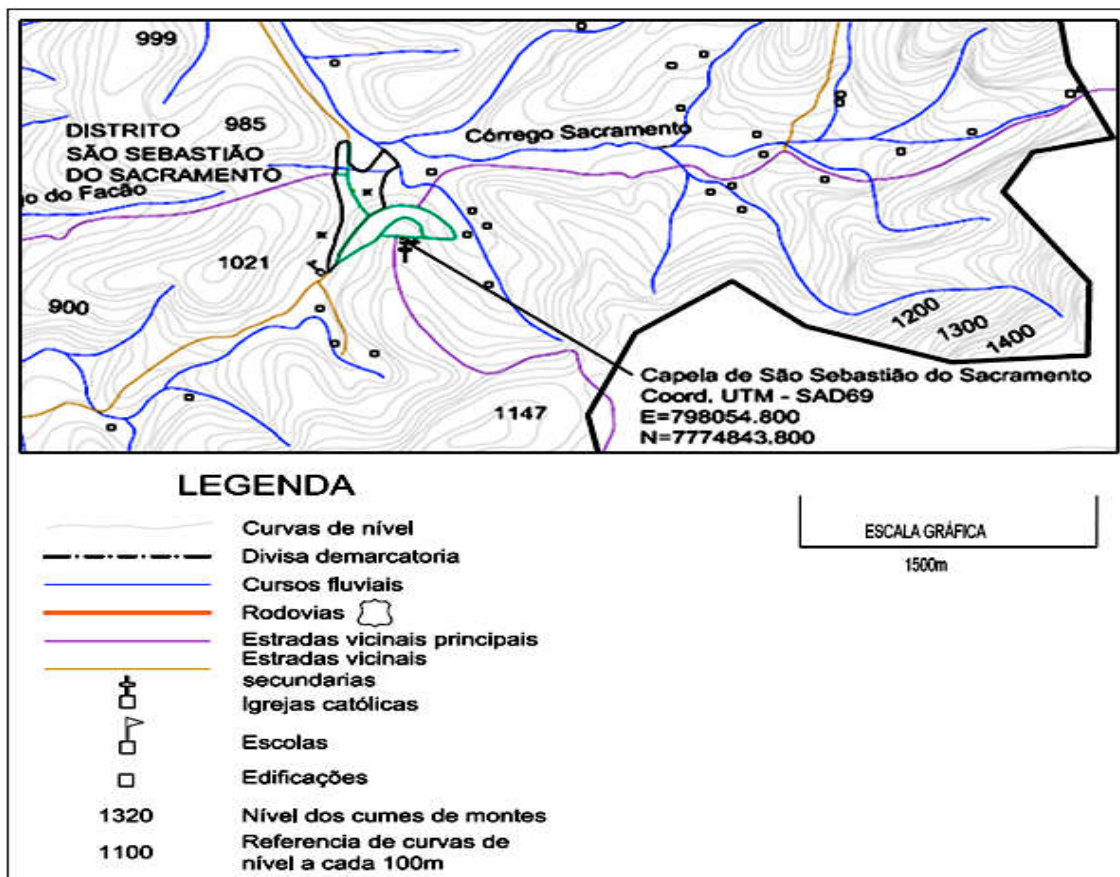
³ Departamento de Estradas de Rodagem de Minas Gerais - DER de Minas Gerais – Brasil – 2010.

O distrito de São Sebastião do Sacramento é formado por 5 comunidades e uma delas é a comunidade de Nossa Senhora da Soledade – local escolhido para realização da pesquisa.



Fonte: Base Cartográfica do IBGE – Desenho Edilson Vaz – Manhuaçu/ MG – 2010

Figura 3 – Mapa do Distrito de S. Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil, com destaque para córregos, estradas, rodovia e limites geográficos.



Fonte: Base Cartográfica do IBGE – Desenho Edilson Vaz – Manhuaçu/ MG – 2010

Figura 4 – Legenda ampliada do mapa e da sede do distrito de S. Sebastião do Sacramento – Manhuaçu – Minas Gerais – Brasil.

Soledade está situada às margens da BR-116, e é uma comunidade formada por pequenos proprietários. A monocultura é uma característica regional, e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de sobrevivência, seguido pelo cultivo de hortaliças e de grãos apenas para consumo familiar. As características econômicas são similares às da região como um todo. Os(As) moradores(as) de Soledade são pequenos(as) produtores(as) rurais⁴, meeiros(as), parceiros(as) e diaristas, assim denominados(as) pelos sindicatos rurais, prefeituras e bancos comerciais de Manhuaçu.

Com uma população de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes⁵, a maioria católica. Em Soledade a religiosidade mantém uma influência importante na vida das famílias

⁴ São propriedades ou minifúndios, com menos de 1 hectare de terra, outras de 2 a 5 hectares, a maioria das propriedades de Soledade estão dentro desse padrão de medidas.

⁵ Dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu.

que residem dessa localidade. Aproximadamente 80% da população é de orientação religiosa católica e 20% dos demais se dividem entre as religiões Assembleia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, não declaram ou demonstram participar de alguma religião. Essa população não católica precisa sair de Soledade para frequentar cultos religiosos, pois na comunidade não existe prédio para esse fim. Explicitam-se, a seguir, métodos e técnicas utilizados na construção e análise dos dados deste estudo.

2.4 Métodos e técnicas no processo de construção e análise dos dados

O trabalho de campo foi uma dos melhores momentos de pesquisa, talvez pelo fato de ser uma nativa e supor que estava em um lugar conhecido. Era sim familiar, mas não tão conhecido como eu pensava no início da pesquisa. O trabalho com os(as) líderes, as entrevistas, encontros e reuniões foram dando forma, identificando e aproximando das respostas procuradas e dos principais objetivos deste estudo. Após a conclusão do trabalho, ficou evidente a relevância do método participativo, mesmo diante dos riscos e desafios de naturalização.

Este estudo se constrói desde uma frente de dados que fez uso dos métodos etnográficos, pesquisa documental, observação direta participante, diagnóstico rural participativo e entrevistas com narrativas. Sempre que necessário, ao apresentar e analisar os dados construídos para essa frente de informações, a forma como me aproprio destas técnicas e métodos é explicitada.

Segundo Becker (1999), na observação direta participante, o observador coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda, observando as pessoas e situações. O referido autor distinguiu três estágios distintos de análise conduzidos nesta metodologia e, também, um quarto estágio conduzido no final da pesquisa. Esses estágios são bem diferenciados, alcançando conclusões de tipos diferentes em cada fase, que são destinadas a usos diferentes no processo da pesquisa. Os estágios compreendem: a) a seleção e definição de problemas, conceitos e índices, quando o observador procura por problemas e conceitos, que ofereçam perspectivas para uma maior compreensão da organização pesquisada; b) a observância sobre a frequência e a distribuição de fenômenos, em que o observador, de posse do problema, conceitos e indicadores, procura refletir sobre quais deles vale a pena perseguir como focos principais de seu estudo; c) em seu terceiro

estágio, concebe modelos descritivos, que melhor expliquem os dados reunidos e consolidados; e d) o quarto estágio de análise final envolve problemas de apresentação de evidências e provas, isto é, a análise sistemática final, realizada após o trabalho de campo.

A aplicação do método de observação direta participante contribuiu para o uso de narrativas, tendo em vista a abordagem da presente pesquisa. A narrativa enriquece os resultados e possibilita o acesso a informações mais detalhadas e aprofundadas. Para Labov (1977), tal gênero é uma técnica de recapitular a experiência passada através da combinação da sequência verbal de sentenças com a sequência de eventos que de fato ocorrem.

Durante a narrativa, o passado, o presente e o futuro são articulados. Quando as pessoas narram suas experiências e os eventos, sob um olhar do presente, elas podem também projetar atividades e experiências para o futuro. No ato de narrar, novos acontecimentos propiciam novas reflexões sobre experiências subjetivas, conduzindo remodelações de perspectivas anteriores. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam ou, ao menos, tornam familiares os acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (GOMES *et al.*, 2002, p.32).

Por fim, no que diz respeito à análise das entrevistas narradas, o primeiro passo é a conversão dos dados através da transcrição das entrevistas gravadas, cujo nível de detalhe depende das finalidades do estudo. Por ser uma técnica para reproduzir histórias, a entrevista narrada é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a abordagem e análise dos dados.

A narrativa tem sido um instrumento básico nos esforços dos trabalhos sobre gênero para incorporar vidas, atividades e sentimentos, em nossa compreensão do passado e do presente. A narrativa se apresenta como uma das melhores formas de se fazer com que as pessoas falem sobre suas vidas, porque permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades como também sentimentos, isto é, a experiência emocional de seus informantes. Ao falar, as pessoas constroem identidades, articulam suas experiências e refletem sobre o significado dessas experiências para si⁶. Desse modo, através de suas narrativas, podemos obter um quadro mais amplo de como os entrevistados se percebem no mundo, de como e a quem atribuem valor, e do significado particular atribuído às suas ações e a seu lugar no mundo.

⁶ Ver: Bruner (1987; 1990), Chafe (1990), Kerby (1991), Linde (1993), Schiffrin (1996), entre outros.

Ações, significados, valores e relações de poder podem ser analisados a partir das narrativas individuais ou de forma coletiva, em pequenos grupos, como acontece no método do Diagnóstico Rural Participativo (DRP). O método possui várias técnicas e utilizamos o diagrama de Venn com o objetivo de analisar as relações de poder entre os(as) líderes pesquisados(as), bem como os grupos e pastorais os quais pertencem a Igreja Católica de Soledade.

O DRP é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico. “É um processo de aprendizagem, conseguido através da utilização de diálogos, de observações, de diagramas e de análises realizadas no campo” (MATTES; 1999). Trata-se de um levantamento de informações para compreender uma determinada realidade/ situação. Dessa maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos. Embora originariamente tenham sido concebidas para zonas rurais, muitas das técnicas do DRP podem ser utilizadas igualmente em comunidades urbanas. Das ferramentas de levantamento e análise de informações temos, nessa técnica, 4 dimensões: espaço, tempo, fluxos e relações; focaremos na última (relações) através da dinâmica do diagrama de Venn⁷.

O diagrama de Venn tem como objetivo a identificação de grupos, suas interrelações, status, poder, entre outras, mas principalmente: conflitos, afinidades e dominação. O Diagrama possui como objetivo, também, a identificação das interrelações entre vários elementos, tais como: sistema de produção, saúde, educação e lazer. Possui como característica o aprofundamento e pode ser utilizado e contribuir na sistematização e análise dos dados verificados no diagnóstico.

Quando o(a) pesquisador(a) vê o pesquisado(a) não como objeto da pesquisa, mas como sujeito da realidade em que vive, percebe que estes são detentores(as) de um acervo cultural importante. São indivíduos que pensam, agem e reagem, e, como esta pesquisa objetivou analisar relações de gênero, o DRP contribuiu para uma análise no aspecto coletivo, partindo do pressuposto de que os(as) líderes pesquisados(as) têm suas histórias pessoais, a cultura familiar, etc., mas fazem parte de todo um contexto: social, político, econômico. Sendo assim, não estão descolados(as) do grupo, da pastoral, da comunidade, onde participam. Dessa forma, o uso do diagrama de Venn (uma das técnicas do DRP), objetivou identificar relações

⁷ Conhecido também como o jogo das bolas.

de poder nesse grupo de 21 líderes pesquisados(as) que pertencem às pastorais e aos grupos da Igreja Católica de Soledade.

2.5 População estudada

A comunidade católica de Soledade possui vários grupos e pastorais. Elegemos como unidade empírica de pesquisa e linha de análise as pastorais e como foco 21 líderes que compõem o conselho pastoral comunitário (CPC). O grupo é composto por representantes de cada pastoral e movimentos da comunidade com direito a voz e voto nas reuniões mensais, uma comissão com caráter deliberativo⁸. Dessa forma, compreende-se que o grupo de líderes escolhido representou significativamente o objeto de estudo, contribuindo para a compreensão das relações de gênero e poder nas pastorais.

A escolha do grupo estudado foi pensada e discutida após análise das características desses líderes: católicos, moradores de Soledade, coordenadores(as) de pastorais ou que possuam cargos (de coordenação) nas pastorais, líderes há mais de 5 anos e que participam de forma efetiva na comunidade. Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, essas características foram determinantes na escolha do grupo de 21 líderes pesquisado(as). Dos 21 líderes, 14 são do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Denominamos os líderes entrevistados(as) pelos respectivos nomes: Sebastião, Edson, Carlos, Ricardo, João, Marcos, Victor, Luís, Pedro, Rodrigo, Cristiano, Fábio, Valter, Marcelo, Clara, Mariana, Lúcia, Vitória, Marta, Célia e Júlia.

Após transcrição fiel e análise do primeiro momento da pesquisa, a entrevista de 21 líderes (7 mulheres e 14 homens), a aplicação do DRP, e a participação nas reuniões e encontros da liderança, elegemos 3 para entrevista em profundidade, que foram Clara, Lúcia e Vitória. Elas foram escolhidas após leitura e análise de todas as entrevistas e da identificação daquelas que apresentaram informações mais completas de suas histórias de vida pessoal, familiar, social, de forma mais espontânea e, ainda, que demonstraram maior disponibilidade em participar e contribuir com a pesquisa.

⁸ São decisões quanto às questões encaminhadas pelas pastorais como: agenda de encontros e eventos, viagens, cursos de aperfeiçoamento de liderança, projetos que necessitam de orçamento financeiro para execução, reformas no prédio local, despesas de manutenção entre outras questões e propostas paroquiais ou diocesanas que necessitam de aprovação do CPC.

As pessoas escolhidas para as entrevistas, em maior profundidade foram líderes do sexo feminino e de gerações diferentes. Com essas líderes foram realizados mais quatro encontros formais com entrevistas semiestruturadas (roteiro), além da observação e de conversas em reuniões formais e informais na comunidade; nos encontros, assembleias, celebrações, comemorações, atividades e eventos desenvolvidos pelas pastorais, até o momento em que vários dados mostravam-se repetitivos e eram muito similares nos relatos, nas observações, conversas e mesmo nas entrevistas.

Muitos dos dados evidenciados nas entrevistas individuais, principalmente aqueles sobre as relações de poder na comunidade, foram confirmados na aplicação do diagrama de Venn, o qual todos os líderes entrevistados participaram de forma efetiva.

Esse grupo de líderes são homens e mulheres que viveram e vivem histórias semelhantes, com algumas peculiaridades, inseridas num contexto socioeconômico e religioso com características análogas. Esse grupo influencia e também é influenciado, de forma direta e indireta, pela família, religião e comunidade. É um grupo formador de opiniões, são representantes homens e mulheres da comunidade, numa relação dinâmica de trabalho, fé e compromisso que evidencia conflitos, tensões, decisões, status e poder, como pode ser verificado na análise dos resultados.

2.6 Etapas da pesquisa

No primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema proposto e, sucessivamente, análise investigativa e documental para contextualização histórica da religião católica e suas características locais, origem, objetivos, metas e atuação das pastorais na comunidade. O principal objetivo é o estudo da dinâmica da vida das lideranças da CPC, buscando verificar como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica e quais as implicações dessas relações na vida dos sujeitos em estudo.

Assim, a pesquisa foi realizada considerando a realidade apresentada na comunidade e levando em consideração a diversidade das informações, a forma de divisão hierárquica e a organização na diocese, forania, paróquia e comunidade (Anexo A), o conhecimento e o interesse das lideranças em participar. Também foi realizada observação direta participante, nas atividades e nos encontros das pastorais, com os coordenadores e representantes e em eventos já agendados ou planejados pela própria comunidade.

A metodologia teve como objetivo construir um quadro de informações relevantes para o trabalho, buscando uma análise dos dados elaborados e construídos a partir de um conjunto de informações adquiridas no decorrer da pesquisa, no sentido de produzir um resultado científico coerente com os objetivos propostos para esta pesquisa, em que é apresentado um roteiro preliminar das entrevistas semiestruturadas. A fim de direcionar a pesquisa, elegeram-se algumas questões consideradas relevantes para o estudo: a percepção e o significado de morar em Soledade e fazer parte de uma religião, de viver em comunidade através da participação em pastorais, a experiência de fazer parte das lideranças e o significado de ser líder, os conflitos, os limites e possibilidades e possíveis transformações a partir destes laços criados com a coletividade.

O estudo delimitou a população a ser pesquisada com o processo de inclusão da seguinte forma: ser membro do CPC e fazer parte da coordenação das pastorais na comunidade. Todos os líderes – do sexo masculino e feminino – que se dispuseram a participar foram entrevistados. Do grupo do CPC, que é de 23 líderes, dois não se dispuseram a participar, dizendo: “não sei falar” e “não vou contribuir em nada”. Os dois casos evidenciaram o medo da exposição da própria história de vida, da forma de pensar e da possibilidade de gerar conflitos com suas declarações. Dessa forma, buscaram reforçar e justificar a não participação na pesquisa. Uma das pessoas disse: “não devemos expor nossos pensamentos, nossa forma de pensar ou nossas opiniões, a gente acaba arranjando confusão”.

Diante disso, percebemos que o silêncio é também uma forma de manifestação. Muitas pessoas não concordam com as decisões na comunidade, na pastoral do CPC, mas não têm coragem de se manifestar. Principalmente quando a posição e opinião da pessoa são contrárias às da maioria do grupo. Quando isso ocorre a pessoa diz que concorda com a maioria ou opta pelo silêncio, assim, não precisa se justificar ou simplesmente verbaliza: “o que o grupo decidir pra mim tá bom”; de fato, não está bom, mas lhe faltam argumentos para defender o que pensam. Pessoas com esse perfil acham que sabem menos, são menos importantes na comunidade e que não são valorizadas pela liderança. Vivenciei a situação relatada no primeiro momento da pesquisa, quando foi feita a entrevista de todo o grupo de líderes do CPC.

Como dito anteriormente, a pesquisa seria realizada com 23 líderes, mas 2 não se dispuseram em participar, então realizamos com 21 pessoas, que aceitaram o convite e contribuíram de forma bastante espontânea com o trabalho. As atividades desenvolvidas e o

período destinado à pesquisa foram distribuídos em 12 meses, subdivididos e organizados em seis etapas.

Na primeira etapa realizou-se revisão bibliográfica e mapeamento do trabalho de campo; na segunda, investigação documental existente sobre a comunidade de Soledade e a aplicação das primeiras 21 entrevistas; na terceira, a aplicação do DRP com participação de reuniões e encontros realizados pelas pastorais e aplicação das entrevistas em profundidade; na quarta, transcrição dos resultados e organização de material de campo e documentos que seriam analisados; na quinta, análises das entrevistas, comparação dos dados e avaliação das etapas cumpridas; e, na sexta e última etapa, a redação dos artigos científicos e defesa da dissertação.

Dessa maneira, os encaminhamentos teóricos metodológicos adotados permitiram a exploração dos dados investigados pela pesquisa de mestrado em Economia Doméstica, na linha de pesquisa “Família Bem Estar Social e Qualidade de Vida”.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho interpretativo, o encontro de intersubjetividades esteve sempre presente. O resultado foi uma interpretação a partir de um dos inúmeros vieses possíveis de análise deste trabalho.

Retornar a esse lugar ocupado pelas pastorais, onde sempre estive enquanto integrante e agora me via como aprendiz que se constituía com o próprio campo de pesquisa, foi desafiador, porém enriquecedor e singular. A busca constante pelo distanciamento e transformação do familiar em exótico, como nos ensina Velho (1978) e Da Mata (1978), foi o norte e contribuiu para a realização deste trabalho de forma séria, científica e prazerosa, revelando um vasto campo para a investigação.

Esta pesquisa se encontra principalmente na possibilidade de que, a partir da experiência de Soledade, possamos compreender melhor como são construídas as relações de gênero e poder entre homens e mulheres. As ideias e as experiências vividas nas pastorais da comunidade e no conjunto social, político e religioso podem ser caminho para a visualização de uma construção coletiva que busca formas de organização e alternativas de reprodução social e sobrevivência do lugar onde se vive.

Referências Bibliográficas

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed. São Paulo: Huciter, 1999.

BRUNER, J. **Acts of meaning**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1990.

BRUNER, J. Life as narrative. **Social Research**, v.54, n.1, p.11-32, 1987.

CHAFE, W. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, B.; PELLEGRINI, A. D. (Orgs.). **Narrative thought and narrative language**. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1990.

CORREIA, M. B. C. A observação participante enquanto técnica de observação. **Pensar Enfermagem**, v.13, n.2, 2º semestre de 2009.

DA MATA, R. O ofício de etnólogo ou como ter *Anthropological Blues*. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica: objetividade, paixão improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

KERBY, A. P. **Narrative and the self**. Bloomington, Indiana: Indiana University Press, 1991.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the Black English Vernacular**. Oxford: Basil Blackwell; 1977. p.354-96.

MATTES, A. **O Diagnóstico Rural Participativo como Instrumento de envolvimento das Unidades de Conservação com seus entornos**. Trabalho de Monografia na Universidade de Freiburg/ Alemanha. Projetos Doces Mattas/ Brasil. Belo Horizonte. 1999. 59 p.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Coleção Temas Sociais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

OLIVEIRA, M. A. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afro-descendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

PORTAL MANHUAÇU. **Manhuaçu**: economia e localização. Disponível em: <http://www.manhuacu.com/index.php?name=dados_economicos>. Acesso em: 02 fev. 2011.

SCHIMIDT, J. P. **O que pensam os jovens hoje**: imaginário social dos estudantes do Vale do Rio Pardo e Taquari. Santa Cruz do Sul: 1996.

SCHIFFRIN, D. Narrative as self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. **Language and Society**, v.25, p.167-203, 1996.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

Artigo I

As Comunidades Eclesiais de Base e as Pastorais na Igreja Católica

RESUMO

Este artigo tem como objetivo contextualizar historicamente, momentos que evidenciam mudanças e conflitos da Igreja Católica, após a realização do Concílio Vaticano II. Alguns dos resultados do Concílio Vaticano II foram a organização e o fortalecimento das pastorais, que surgem a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS) sob uma grande pressão dos movimentos sociais, religiosos e de intelectuais da sociedade no interior da Igreja em todo o mundo. Em Minas Gerais, a Comunidade Nossa Senhora da Soledade, juntamente com a paróquia de São Sebastião, forania de Manhuaçu, integram a Diocese de Caratinga. Para que a Igreja Católica vivenciasse sua própria história ao longo dos últimos tempos, fez um novo percurso e foi a partir do nascimento das CEBS e das pastorais que ela foi conduzida a uma nova direção. Em vários momentos esse percurso foi marcado por questionamentos diversos sobre sua crença, fé, dogmas e tensões. No entanto, contribuiu para projetar a Igreja que conhecemos hoje, sua organização e diversidade, constituída de homens e mulheres que se apropriam do espaço religioso e trazem suas experiências de vida.

1 Introdução

A intenção do presente artigo é contextualizar historicamente momentos que evidenciam mudanças e conflitos da Igreja Católica e refletir sobre os rumos desta a partir do Concílio Vaticano II. Para tanto, compreendermos o sentido e os significados do surgimento e organização das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais na Igreja, percorrendo historicamente a sua organização e a forma de atuação. Na sequência, importa apresentar um estudo desde a Diocese de Caratinga, forania de Manhuaçu, Paróquia de S. Sebastião do Sacramento, até chegarmos à pequena Comunidade⁹ rural chamada Nossa Senhora da Soledade, local da pesquisa.

⁹ Neste trabalho, assumo comunidade como localidade geográfica. Da mesma forma que o termo é utilizado em Manhuaçu e pelos órgãos públicos locais e regionais.

Recorremos a autores clássicos como Durkheim, Bourdieu, Foucault, Weber, Geertz, Scott, entre outros, que pudessem ajudar na análise do campo pesquisado, o campo religioso, antes de apresentar as CEBs propriamente ditas.

Toda religião, com efeito, tem um lado que ultrapassa o círculo das ideias propriamente religiosas, e, assim sendo, de acordo com Durkheim (1989), o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de discutir problemas sociais mais amplos. Sabe-se, desde muito tempo, que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa.

De acordo com Durkheim (1989), os cultos e os rituais religiosos são assim elaborações construídas, organizadas e conservadas pela coletividade, de acordo com sua cultura, principalmente a partir do conceito do sagrado e da experiência do mesmo. Assim, por indivíduos socialmente organizados é que são constituídas as noções de sagrado, bem como a forma de organização e realização de todas as atividades religiosas. Pode-se, então, afirmar que tal noção existe na consciência de cada ser humano e é refletida e propagada por meio de eventos religiosos, na esfera das atividades socioculturais.

Assumimos com Pierre Bourdieu que a religião, juntamente com a arte, a língua e a cultura, funcionam como “estruturas estruturantes” do sistema social como um todo, em que as estruturas constituem “instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos, como formas simbólicas” (BOURDIEU, 1998, p.8). Segundo o autor, os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. A religião, como estrutura estruturante, exerce poder sobre as pessoas, porque comporta símbolos estruturados. Para Bourdieu (1998), os símbolos são instrumentos por excelência da integração social, como também de dominação. Portanto, a religião, enquanto conjunto de símbolos estruturados, tem poder de integração social, à medida que integra e inclui o indivíduo em determinado grupo social ou na sociedade de maneira geral.

É possível ver o poder em toda parte, segundo Bourdieu (1999), e que, onde ele é menos perceptível ou totalmente ignorado, é, por isso, mais reconhecido. Esse autor discutiu sobre vários campos, mas aqui nos apropriamos do religioso, deste que possui um poder simbólico, sendo um sistema revelador dessa dinâmica, pois está interligado com uma sociedade maior e arraigado no inconsciente coletivo dos indivíduos.

Bourdieu (1999) define o poder simbólico num sentido de relação determinada entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos; isto é, na própria estrutura do campo onde se produz e se reproduz a crença. Além disso, diz que o poder simbólico é uma forma transformada, ou seja, legitimada de outras formas de poder.

Para Bourdieu (2001), um ponto importante é o nexos “inevitável” entre o campo religioso e o campo do poder. Em sua função ideológica, a religião é entendida como prática e política de fazer absoluto do relativo e da legitimação do arbitrário, contribuindo, assim, para a imposição dissimulada de princípios de estruturação de percepção e de pensamento do mundo e, em particular, do mundo social. No entanto, são vários os fatores que atestam a religião como veículo de poder e de política. Entre eles estão os símbolos estruturados da religião e as mais variadas formas de discursos portadores de conteúdo disciplinar, a exemplo dos sermões e homilias, encíclicas e cartas pastorais ou quando tratamos o espaço sagrado, confrontando com diferentes realidades e relações simbólicas dos fiéis com elas. Essa imposição de ideologias pode ser compreendida, num sentido dado por Foucault (1997), como adestramento ou disciplinarização, posto que instrua os fiéis para a submissão à estrutura hierárquica e doutrinária da Igreja e, de certa forma, ao poder político institucionalizado.

Para Foucault (1997), o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual, jurídico-política), mas sim uma relação de forças. O poder está em todas as partes, como afirmou também Bourdieu (1989). Assim, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não podendo ser considerada independente delas. As relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas. Para o autor, não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos.

O poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. O poder, em qualquer sociedade, precisa de uma delimitação formal, precisa ser justificado de forma abstrata o suficiente para que seja introjetado psicologicamente, em nível macrossocial, como uma verdade *a priori* universal. Dessa necessidade, desenvolvem-se as regras do Direito, não em termos de repressão e de poder jurídico, mas como efeitos de tecnologias de poder, surgindo, portanto, como elementos necessários para a produção, transmissão e oficialização de “verdades”. O poder precisa da produção de discursos de verdade, como diria Foucault (1979). O poder não é fechado. Ele

estabelece relações múltiplas, caracterizando e constituindo o corpo social e, para que não desmorone, necessita de uma produção, de uma acumulação, de uma circulação e do funcionamento de um discurso sólido e convincente. “Somos obrigados pelo poder a produzir verdade” (FOUCAULT, 1979, p.180). Na Igreja Católica, a figura do papa, do bispo e do padre representam poder e autoridade e o discurso produzido por esse poder é um dispositivo de verdade.

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações de poder de uma sociedade. Ou seja, à medida que a Igreja proporciona uma ordem simbólica, contribui para a manutenção e legitimação da ordem política.

As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos, e o fazem através de representações, linguagens e palavra autorizada, reforçando e sacralizando a relação desigual entre homens e mulheres. A estrutura do campo religioso é um espaço caracterizado por lutas e tensões entre os agentes e as instituições:

[...] a concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um *habitus* religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão quase sistemática do mundo e da existência (BOURDIEU, 2004, p.88).

Historicamente, a Igreja Católica é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre os sexos. As relações de gênero não podem ser entendidas como fato isolado na sociedade; pelo contrário, elas são constitutivas de toda realidade, pois o modelo paradigmático de ser homem e ser mulher tende a regular todas as atividades sociais. Segundo Bourdieu (1999), os agentes e instituições: o homem, a mulher, as Escolas, as Igrejas, os Estados e a família, são estruturados e estruturantes nesse processo de naturalização da dominação. Ou seja, ao mesmo tempo em que têm poder para moldar a sociedade, eles (agentes e instituições) são por ela moldados.

A religião tem a capacidade de “modelar” os sujeitos, na afirmação de Geertz (1989), tamanha sua influência social. Entender o poder como algo que não é singular e único, mas como uma rede que circula por toda a sociedade, é fundamental na aproximação com o discurso religioso. Assim, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível,

ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Dessa forma, a sociedade é percebida a partir dos símbolos e códigos instituídos culturalmente, os quais se modificam e constroem as relações baseadas nesses códigos. Nesse sentido, a predominância masculina sobre a feminina, ou melhor, as relações de poder existentes na sociedade foram socialmente construídas.

Na sequência, apresentamos o surgimento das CEBs e a Teologia da Libertação como uma prévia à discussão proposta para este estudo.

2 As Comunidades Eclesiais de Base¹⁰ e a Teologia da Libertação

As CEBs que surgem na década de 1960 são vistas como a esperança da Igreja (Papa João Paulo II). A maioria nasceu do círculo bíblico – um grupo de cristãos reunidos para lerem a Bíblia juntos, em comunidade. “As CEBs leem a Bíblia, com o olho no texto, com o pé na comunidade de fé e com outro na realidade social” (LIBÂNIO, 2000, p.134).

As CEBs favorecem a participação do leigo e descobrem sua importância dentro da igreja, alguns se tornam agentes de pastoral, animadores de comunidade, dirigentes de círculo bíblico e essa participação do leigo implica também um maior compromisso com a vida das pessoas. E como muitos deles vivem na pobreza ou na miséria, segue-se necessariamente um processo chamado pela igreja de “conscientização e organização do povo para lutar por melhoria da qualidade de vida”, onde os membros das CEBs desempenham papel importante.

O crescimento das CEBs é, de certo modo, surpreendente. Corresponde à concentração da igreja num trabalho junto às bases. As CEBs iniciavam sua vida em 1966 e, na década de 1990, com envolvimento de milhares de fiéis.

A Teologia da Libertação se enraíza em Medellín, diante da situação de opressão do continente latino-americano e, Gustavo Gutierrez lança em 1971 o Programa da Teologia da Libertação. Na mesma linha ideológica, outros teólogos surgiram, como Leonardo Boff.

Segundo Libânio (2000), em muitos momentos no passado, a religião e a teologia cristãs foram instrumentalizadas pelas forças conservadoras para manter o *status quo*. A teologia da libertação quis mostrar, então, a força da fé cristã, articulada com as exigências de

¹⁰ Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

transformação da situação de injustiça estrutural do continente. Para desenvolver essa função crítico-social, o pobre é valorizado no centro da reflexão teológica; o teólogo, por sua vez, condiciona sua tarefa teórica à prática de fé do povo.

No entanto este posicionamento se fortalece e se objetiva após o Concílio Vaticano II, que de acordo com Giovanni Reale (1991, p.749), “foi o acontecimento mais importante do século XX para o pensamento católico, inaugurado por João XXIII em 1962, foi depois encerrado por João VI em 1965”.

Os dois eixos centrais desse grupo após o Concílio são as comunidades eclesiais de base e as pastorais sociais, ambas alimentadas pela teologia da libertação e pela atividade de alguns bispos, sacerdotes, religiosos e de leigos comprometidos com as bases da igreja e os movimentos chamados de progressistas.

Surgiu um conjunto de pastorais com o objetivo de trabalhar com mulheres marginalizadas, crianças em situação de risco pessoal e social, “meninos e meninas em situação de rua”, sem casa, doentes abandonados, portadores do vírus HIV e juventude. Tem crescido a importância das pastorais do negro, idoso, sociotransformadora, política, carcerária, missionária, litúrgica, vocacional, comunicação, dízimo, educação, família, trabalhadores rurais, operários e a pastoral indígena¹¹.

Em termos nacionais, a pastoral operária, a pastoral da terra e a pastoral indígena adquiriram maior renome. No Brasil, a pastoral operária tem longa tradição na Igreja. Constituída por 12 equipes, compostas de operários, visa incentivar os operários cristãos a participarem na luta operária a partir do método **ver, julgar e agir**, que mais tarde transformasse em: **ver, julgar, agir, rever e celebrar**.

A pastoral operária participou de modo marcante, da primeira grande greve depois do fechamento do regime com o AI-5. Em 1968, houve uma greve violentamente reprimida. Depois dela, a truculência do sistema militar quebrou a espinha dorsal dos sindicatos, postos sob intervenção dos afastados de toda política. Em 1978, eclode ainda durante o governo militar, a gigantesca greve dos operários metalúrgicos do ABC Paulista. Contribuíram decisivamente para sua realização a pastoral operária, o apoio das CEBs e a coragem destemida do bispo de Santo André, D. Cláudio Hummes, que abriu as portas de sua igreja para as reuniões dos grevistas, mesmo ameaçado pela lei de segurança nacional (LIBÂNIO, 2000, p.140).

¹¹ Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 05 maio 2011.

A pastoral operária assumiu papel importante nas outras greves e nas reivindicações dos trabalhadores, com significativa presença da igreja no mundo operário. Articulou-se a muitos movimentos sociais populares, assim como outros membros das CEBs de maneira a despertar a atenção da mídia e do próprio governo. Além disso, esteve presente no nascimento do Partido dos Trabalhadores.

A Pastoral da Terra absorveu muito das energias da Igreja Progressista. Para coordená-la em âmbito nacional, como órgão anexo da CNBB, criou-se a CPT (Comissão Pastoral da Terra)¹², em início do mês de junho de 1975. “Romarias da Terra” são realizadas desde 1968 no Rio Grande do Sul e reuniram até 60 mil pessoas, entre eles: lavradores, bispos, sacerdotes, religiosas, religiosos e leigos; dando um cunho religioso à mobilização.

Atividade semelhante, mas diretamente ligada ao mundo indígena, é exercida pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI)¹³. Os índios, reduzidos a uma centena de milhares, são empurrados cada vez mais para o interior. O CIMI nasceu em abril de 1972, como resultado de uma reunião, na qual missionários debatem sobre novos pressupostos para a vida missionária, assessorada por antropólogos. O CIMI enfrentou adversidades tanto do lado da igreja tradicional como da FUNAI¹⁴. Desenvolveu-se um trabalho pastoral quer junto aos missionários, quer junto aos índios com o objetivo de assumirem cada vez mais seu próprio destino com autonomia, liberdade e consciência da própria cultura.

A reação dos poderes interessados na terra dos índios não se fez esperar. Houve conflitos contra os governos, as polícias e os invasores de terra indígenas. Foram assassinados vários índios, líderes, missionários e agentes de pastoral ligados ao CIMI, por causa da atuação em defesa do direito do índio, à demarcação de sua terra e sua inviolabilidade. Um exemplo claro da atuação da Igreja na questão indígena tem sido a defesa do povo Ianomâmis, representante de um dos maiores povos indígenas cuja cultura ainda se preserva. A Igreja

¹² CPT: Comissão Pastoral da Terra. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php>>. Acesso em: 15 maio 2011.

¹³ CIMI: Conselho Indigenista Missionário. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br>>. Acesso em: 15 maio 2011.

¹⁴ FUNAI: Fundação Nacional do índio. Órgão do governo encarregado de tutelar o índio, considerado “menor” perante a lei. A FUNAI é um órgão do governo brasileiro que estabelece e executa a política Indigenista no Brasil, dando cumprimento ao que determina a Constituição de 1988. Disponível em: <<http://www.funai.org.br>>. Acesso em: 15 maio 2011.

denunciou muitos crimes de extermínio contra os índios e se envolveu na discussão a favor das tribos indígenas¹⁵.

Na Igreja da libertação, religiosos e religiosas desempenham papel fundamental. Assumem posição de vanguarda pastoral no campo e nas cidades. A Confederação Latino-americana de Religiosos (CLAR), em todo continente, e a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) incentivam a vida religiosa com opção nessa linha de atuação. A CLAR e diversas conferências dos religiosos do continente tiveram atritos com o CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano)¹⁶ e instâncias de Roma por causa de sua linha de atuação nesse campo.

As Conferências Episcopais (movimentos religiosos) de leigos aconteceram na América Latina e no Brasil (LIBÂNIO, 2000) para discutirem a ação da Igreja diante do regime militar, repressivo e de perseguição na América. Muitas dessas conferências não tiveram apoio da instituição da Igreja Católica e de Roma, pois as ideias se opunham aos princípios e à linha de pensamento da Igreja. Segundo eles, esses encontros e movimentos eram de cunho revolucionário, de filosofia marxista e progressista, e este posicionamento não ia de encontro ao posicionamento da Igreja Católica.

Por outro lado, desde os primórdios dos regimes militares, em 1964, começou-se uma experiência pastoral de relevância para a Igreja, denominada Campanha da Fraternidade (CF). Escolhe-se um tema fundamental como um problema social grave, um desafio pastoral, uma questão interna da Igreja. Em torno do tema escolhido, elaboram-se subsídios a fim de que, nas igrejas, comunidades e grupos possam estudá-los, rezar sobre eles e celebrá-los. Há, antes de tudo, um longo texto-base no qual a temática é desenvolvida e o texto é trabalhado durante longo tempo, com apoio de especialistas, até a elaboração de uma redação final. Nos últimos anos os textos foram: 1986 – o problema da terra; 1987 – o menor carente; 1988 – o negro; 1989 – comunicação; 1990 – mulher; 1991 – o mundo do trabalho; 1992 – juventude; 1993 – moradia; 1994 – família; 1995 – excluídos; 1996 – política; 1997 – os encarcerados; 1998 – educação; 1999 – desemprego; 2000 – ecumenismo; 2001 – drogas; 2002 – povos indígenas; 2003 – idosos; 2004 – água; 2005 – Solidariedade e Paz; 2006 – pessoas com deficiência;

¹⁵ Dom Pedro Casaldáliga é um dos nomes sempre lembrados quando o assunto é a igreja dedicada aos camponeses, ao universo dos excluídos pelo sistema social injusto. Várias vezes, jurado de morte, sofreu atentados à vida, além de contínua represália e ameaças de expulsão do país por parte do regime militar.

¹⁶ Disponível em: <<http://www.celan.org/principal>>. Acesso em: 08 maio 2011.

2007 – Amazônia; 2008 – vida humana; 2009 – segurança pública; 2010 – economia; e, em 2011, a vida no planeta¹⁷.

Os textos servem de estudo durante a quaresma¹⁸ e no decorrer de todo o ano, novas letras de músicas são compostas sobre aquele tema, além de cartazes, slides, adesivos, cartões, CDs, dentre outros materiais. A CF é sempre aberta pelo papa e pelo presidente da CNBB em rede nacional de rádio e TV¹⁹.

A CF é um termômetro das prioridades pastorais na Igreja Católica. Ela tem como objetivo despertar na consciência dos católicos temas e problemas urgentes do País e da igreja. Oferece fio condutor privilegiado para perceber a trajetória eclesial (LIBÂNIO, 2000).

Até nossos dias prevalecem vertentes e pensamentos diferentes no interior da Igreja Católica – uma mais progressista, outra conservadora –, além de outra linha chamada renovada, com uma filosofia norte-americana pentecostal conhecida como carismática e fortemente difundida em todo o País.

A Igreja Católica se vê numa crise. O crescimento da secularização, do ateísmo, do materialismo, do individualismo, dos problemas sociais, políticos e econômicos no mundo, com a produção de efeitos negativos no interior da igreja. Isso contribui para que na Igreja Católica apresente uma nítida perda de força de sua autoridade institucional.

Diante dessa realidade, a necessidade de uma Igreja internamente coesa, bem disciplinada, com identidade clara e firme para enfrentar um mundo secularizado é fortalecida em seu interior. Uma equipe dividida ou enfraquecida no seu interior não pode defrontar-se com o “adversário poderoso”. Um primeiro passo consiste no reforço da estrutura monocêntrica da Igreja nos seus diversos níveis (LIBÂNIO, 2000). No plano mundial, fortalecer a figura e autoridade do papa; em nível regional, a de cada bispo em sua diocese; e em nível local, a do pároco na paróquia. Esses três níveis se articulam verticalmente de cima para baixo. Os bispos ligam-se, cada um, pessoal e diretamente a Roma. Os párocos, por sua

¹⁷ Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

¹⁸ Quaresma: Palavra que vem do latim *quadragésima*, é o período de quarenta dias que antecedem a festa ápice do cristianismo: a ressurreição de Jesus Cristo, comemorada no Domingo de Páscoa. A quaresma tem seu início na quarta-feira de cinzas e seu término ocorre na quinta-feira santa, na celebração da última ceia de Jesus Cristo com os doze apóstolos. O tempo da quaresma é de quarenta dias, porém em dias corridos somam quarenta e sete, pois, de acordo com o cristianismo, o domingo, que já é dedicado como o dia do Senhor, durante a quaresma não é contado. Após esse período, se inicia o Tríduo Pascal, que termina no Domingo de Páscoa. Quaresma remete, ainda, ao período de 40 dias que Jesus passou no deserto em oração. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Quaresma>>. Acesso em: 15 maio 2011.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 23 abril 2011.

vez, relacionam-se também direta e pessoalmente com o respectivo bispo. As estruturas colegiadas, quer episcopal, quer presbiterial ou leiga, devem ser reduzidas a limites menores sem ultrapassar a função consultiva intermediária. Assim, as conferências episcopais, que até então pareciam crescer em participação colegiada no interior dos países ou regiões, bem como em diálogo com Roma, já não se veem com a mesma importância de antes em relação às suas funções.

Após o Vaticano II, mais precisamente a partir de 1969, a nomeação dos bispos foi cada vez mais utilizada pelo Vaticano para promover uma estratégia centralizadora, dentro de uma nova ortodoxia de governo, para contrapor-se à situação de pluralismo e anomia, acentuada após o Concílio (GODDIJN, 1987, p.194).

No projeto da Nova Evangelização, além de bispos bem alinhados com a orientação de Roma, necessitava de sacerdotes e religiosos consagrados exclusivamente para a missão espiritual em vez de temporal, social ou política. Daí a falta de envolvimento nas atividades, políticas, ao permanecerem submissos e obedientes aos bispos. Como na Igreja da América Latina o perigo parecia ser maior, o papa João Paulo II, em sua estada no México durante a Conferência Episcopal Latino-americana, adverte seriamente os sacerdotes:

Sois sacerdotes e religiosos: não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários de um poder temporal. Por isso vos repito: Não tenhamos a ilusão de servir o evangelho se procurarmos “diluir” o nosso carisma através de um interesse exagerado pelo vasto campo dos problemas sociais (JOÃO PAULO II, 1979).

Reforça a posição vertical e monocêntrica, dizendo:

Sois membros de uma igreja particular cuja unidade é o bispo, para com o qual todo sacerdote deve manter uma atitude de comunhão e obediência. Muito menos seria admissível, em sacerdotes e religiosos, uma prática de magistérios paralela aos dos bispos – autênticos e únicos mestres da fé – ou das conferências episcopais (JOÃO PAULO II, 1979).

A partir do modelo hierarquizado de organizações, as Dioceses, Foranias e Paróquias se organizam de acordo com as necessidades sociopolíticas regionais; as comunidades locais onde funcionam as pastorais e grupos são orientadas pelos sacerdotes, seguidas das orientações dos bispos da respectiva diocese. Por sua vez, estes devem fundamentar suas decisões nas normas gerais, nos documentos, nos planos e nas diretrizes da CNBB e do

Vaticano, num exercício constante de revisão de suas ações, a fim de encontrar soluções para os problemas da modernidade secularizada, enfrentados pela Igreja no cotidiano.

De acordo com Libânio (2000), há um esforço concentrado do clero (que representa a Igreja Católica Apostólica Romana) na restauração da família em contraposição às posições liberais, ante os meios anticonceptivos, o divórcio, o aborto, a excessiva emancipação da mulher em relação ao lar, e as práticas sexuais fora do matrimônio.

O ponto moral sexual familiar adquire relevância a fim de manter as “famílias sadias e portadoras dos valores morais e cristãos”. Aos olhos da Igreja, a sua desagregação ameaça o próprio futuro e o da sociedade no momento da dissolução do matrimônio, pois repercute imediatamente na queda de batizados; portanto, no número de católicos.

Além da preocupação por essas questões, em Puebla, o episcopado fez opção preferencial pelos jovens – peça fundamental do projeto –, mas presencia-se a crescente emigração dos jovens da Igreja Católica para outras crenças e no seu interior. Os leigos participam da nova evangelização ao aderirem a movimentos de espiritualidade e apostolado, imbuídos dos ideais do projeto. Nesse sentido, comenta o cardeal Ratzenger (atualmente, o Papa Bento XVI):

[...] o que abre esperança em nível da igreja universal e isso acontece no coração mesmo da crise da igreja no mundo ocidental, é o aparecimento de novos movimentos, que ninguém previu, mas que brotaram espontaneamente da vitalidade interior da fé mesma... Refiro-me ao Movimento Carismático, aos Cursílos, ao Movimento dos Focolares, Às Comunidades Neocatecumenais, à Comunhão e Libertação (CARDEAL RATZINGER, 1985).

Esses movimentos são diferentes das CEBs, das pastorais, alguns com a participação de classes sociais e mais altas e alguns desses movimentos não se envolvem com questões sociais ou políticas. Para Libânio (2000), os movimentos dispõem dos recursos da técnica moderna, quer eletrônica, quer psicológica behaviorista, ou até mesmo psicologia de massa. Articulam maravilhosamente a dimensão centralizante com a multiplicação de grupos por toda parte. Esses grupos recebem de um centro, em geral da Europa ou dos EUA, as consignas, os temas a serem estudados e propostos dentro da nova ortodoxia e de verdades bem definidas. Privilegiam uma teologia já pronta, refugando as questões discutidas, a pluralidade de opiniões, para manter a identidade firme e clara. Operam uma transmissão não crítica fortalecida pelos meios de comunicação de massa.

Em certos lugares, consegue-se levar os dois projetos paralelamente: o da nova evangelização e o da Teologia da Libertação, das pastorais e das comunidades Eclesiais de Base. Em outros, onde se optou mais radicalmente por um deles apenas, existe tensão e conflito.

Certos teólogos, bispos e igrejas locais ou mesmo regionais sofreram e sofrem restrições por parte do grupo defensor da nova evangelização. Ficaram famosos os processos movidos contra os teólogos europeus H. Kung, B. Haring, H. Haag, E. Schillebeeckx, E. Drewerman e os latinos americanos L. Boff, G. Gutiérrez e J. Sobrinho, representantes da ala crítica da Igreja.

Os teólogos progressistas, pertencentes à vertente diferente da nova evangelização, reivindicam questões fundamentais da modernidade, tais como: a razão autônoma, a liberdade individual e as pretensões democráticas do mundo civil; bem como suas novas interpretações da Bíblia, da fé e da moral diante dos problemas levantados pelas ciências e pela consciência, mentalidade do homem e da mulher de hoje. O problema tem sido mais sério após manifestação do movimento feminista com reivindicações em relação ao exercício do ministério na Igreja, além de uma reformulação da fé, em termos não discriminatórios da mulher.

A defesa de ideias mais progressistas trouxe conflitos, tensões e grande mal estar à Igreja. Porém, esses conflitos levaram a igreja a se posicionar diferentemente ao aceitar novas propostas. A análise da prática religiosa, a partir da atuação das CEBs e Pastorais, é apenas um dos campos de pensamento e defesa ideológica da Igreja Católica, desde sua criação e desenvolvimento, difundida e implementada após o Concílio Vaticano II.

O Concílio Vaticano II ao repensar a missão de igreja e a sua relação com o mundo, gerou uma nova autoconsciência da igreja e uma eclesiologia de amplas perspectivas para o trabalho pastoral (DOC da CNBB 1995, p.28).

A Igreja buscou, a partir da análise da realidade, novas formas e alternativas de atuação ao planejar e discutir em um contexto mais amplo e representativo, como, por exemplo, os planos de pastoral e as diretrizes gerais de ação elaborados e provados pela CNBB.

Com a necessidade de unificar e direcionar a Igreja Católica no Brasil, a CNBB elabora periodicamente (quadrienalmente) um documento denominado “Diretrizes Gerais da

Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil”. Em 1995 a CNBB se reúne em Itaici, São Paulo, para retomar a discussão, avaliação e construção de um novo documento.

Este documento das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil é fruto de uma ampla e longa sondagem da realidade feita pela secretaria Geral da CNBB, assessorada pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), junto as Dioceses, regionais, Organismos Nacionais do povo de Deus, Congregações Religiosas e outras Instituições eclesiais (DOC da CNBB 1995, p.7).

O objetivo do documento é avaliar as Diretrizes Gerais do período anterior e programar os próximos quatro anos, período no qual é construído novo documento, submetido à apreciação e votação em assembleia da CNBB, convocada especificamente para esse fim. Posteriormente, o referido documento é remetido ao Conselho Permanente para a redação final, publicação e divulgação.

No documento de Itaici, São Paulo, de 1995, o *Planejamento Pastoral na Igreja do Brasil* é título do primeiro capítulo, e alguns destaques nesse texto, além do contexto histórico, merecem atenção, pois relembram fatos e acontecimentos marcantes para a Igreja Católica brasileira.

A igreja participou, ativamente, do processo de redemocratização do país, valorizando a participação e apoiando as emendas populares à nova Constituição. Dois documentos importantes marcaram a presença da igreja no ciclo do processo constituinte: ‘Por uma Nova Ordem Constitucional’ (1986) e ‘Exigências Éticas da Ordem Democrática’ (1989). No período de pós Puebla as pastorais sociais tiveram grande incremento em todos os campos. As tensões intraeclesiais igualmente cresceram, seja devido à própria proposta de evangelização libertadora numa sociedade profundamente marcada pelas injustiças, seja por uma compreensão deformada dessas propostas. As instituições romanas sobre a Teologia da Libertação (1984 e 1986), a ‘carta aos agentes de pastoral e às comunidades’ da Assembleia Geral de 1985 e a Carta Pessoal do Papa à CNBB, de 1986, balizaram os rumos da ação pastoral (Doc. nº 51 CNBB 1985, p.37).

Na sequência, o parágrafo de número 52 do mesmo Documento trata da proximidade da Igreja Católica com representantes de outras igrejas cristãs: o CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs), para discussão e colaboração. O pluralismo religioso e cultural torna-se objeto de estudo e exige respostas pastorais mais diversificadas, pois estimula uma atuação mais missionária.

A nova proposta evangelizadora, registrada no parágrafo 54, traduz o seu principal objetivo.

As diretrizes Pastorais dos anos 90, cuja primeira formulação foi feita para o período de 1991/1994, acolheram esses aspectos novos e os reelaboraram de maneira orgânica, dentro de uma nova proposta evangelizadora, conforme bem expressa o seu objetivo geral: 'Evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do reino definitivo (Doc. nº 54 CNBB 1985, p.38).

Novamente em Itaici – Indaiatuba, São Paulo, entre 02 a 11 de abril de 2008 é aprovado o texto “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil” para o período de 2008 a 2010, ficando conhecido como Documento de Aparecida pelo local de sua realização.

A 46ª Assembleia Geral da CNBB que aprovou o documento em vigor, hoje responsável por nortear o trabalho das CEBs, Pastorais, movimentos e de toda Igreja Católica no Brasil, prescreve como objetivo geral:

Evangelizar, a partir do encontro com Jesus Cristo, como discípulos, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, participando da construção de uma sociedade justa e solidária, 'para que todos tenham vida e a tenham em abundância' (Jo. 10,10) (CNBB 2008, p.9).

O Documento de Aparecida (DA) reforça algumas questões do documento anterior, como o trabalho pastoral, a opção pelos pobres, entre outras. Elege novamente a discussão do ecumenismo, gênero, reforça a questão do meio ambiente, do leigo na Igreja, trata dos problemas sociais urbanos, dá ênfase e destaque à questão missionária, dentre várias consideradas relevantes pela igreja, num documento de 80 páginas, com uma discussão muito além do objetivo desse texto.

Em seu primeiro capítulo, discute a realidade em seus aspectos socioculturais, econômicos, sociopolíticos, ecológicos e religiosos. Na sequência, nos II e III capítulos, discute sobre a relevância de uma igreja missionária em estado permanente, ao enfatizar ações evangelizadoras para promover a dignidade humana.

No aspecto sociopolítico, merece destaque o parágrafo nº 25 do documento:

Nessa multidão de pobres e miseráveis, como cristãos inseridos no coração do mundo, somos convidados a localizar rostos concretos, de antigas e novas pobrezas, tais como moradores de rua, migrantes, enfermos, dependentes de substâncias químicas e detidos em prisões, mulheres excluídas por questões de gênero, etnia e situação socioeconômica; crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e

social. Não se trata simplesmente de pobreza, mas de algo novo: da exclusão social. Os novos pobres hoje, não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’ (DA. nº 25 CNBB 2008, p.30).

A leitura da realidade, apresentada pelo próprio documento, compreende-se um dos motivos da necessidade da Igreja rever constantemente o seu modo de pensar e agir, como já exposto antes do Concílio Vaticano II. Hoje se presencia uma nova e complexa realidade, sobre a qual exige, dessa instituição, atitudes cada vez mais elaboradas, contextualizadas e concatenadas com essa realidade, em suas diferentes dimensões.

O documento faz, em seu último parágrafo, um convite a analisar a situação religiosa e propõe mudança cultural nas ações pastorais da Igreja Católica.

Diante disso, acolhendo a conclamação da Conferência de Aparecida, nossas comunidades eclesiais são chamadas a uma verdadeira conversão pastoral. Essa conversão exige que se vá para além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Uma verdadeira conversão pastoral deve estimular-nos a inspirar-nos atitudes e iniciativas de autoavaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações. Temos necessidade urgente de viver na igreja a paixão que norteia a vida de Jesus Cristo, fonte de graça, justiça, paz e amor. Por esse reino, o Senhor deu a vida (DA. nº 46 CNBB 2008, p.41).

Ao mesmo tempo, percebe-se uma convocação e uma crítica. As pastorais, segundo o documento, devem ter atitudes, transformar a realidade, serem missionárias, e não pastorais de manutenção ou de conservação, inertes e estáticas, limitando-se somente ao cumprimento das diretrizes estipuladas pela própria igreja.

As pastorais atuam e avançam no que se refere ao enfrentamento dos problemas sociais locais nas comunidades, fundamentadas nos documentos da Igreja, mas com características diferentes de acordo com a cultura regional, com a consciência política e com a ideologia da liderança religiosa.

A partir de um exercício no sentido de contextualizar parte da realidade e um dos momentos da história da Igreja, apresenta-se a proposta de análise do surgimento das Pastorais na Igreja Católica e de que forma as pastorais chegam à Diocese de Caratinga, Minas Gerais, conseqüentemente, na Paróquia de São Sebastião do Sacramento e na Comunidade Nossa Senhora da Soledade, local desta pesquisa.

3 A Diocese de Caratinga

A Diocese de Caratinga localiza-se no leste do Estado de Minas Gerais, na região da Zona da Mata e Zona do Rio Doce, fazendo divisas com os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. Limita-se ao norte com a Diocese de Governador Valadares (MG); ao sul, com Leopoldina (MG) e Campos (RJ); a leste com Cachoeiro de Itapemirim (ES) e Arquidiocese de Vitória (ES); e, a oeste, com Itabira-Fabriciano (MG) e Arquidiocese de Mariana (MG)²⁰.

A região é muito montanhosa, abrigando especialmente a Serra do Caparaó, onde está situado o terceiro pico mais alto do Brasil, o Pico da Bandeira, com 2.892 metros de altitude. O café é o principal componente econômico dessa região. Nos fundos de vales, predominam os cultivos temporários (milho, feijão, arroz, hortigranjeiros) e, nas encostas, muitas pastagens para o gado bovino. A região possui pequenas florestas, capoeiras, pastagens e lavouras. Possui ainda algumas reservas florestais da Mata Atlântica, onde se encontram variedades de fauna e flora em extinção. Um terço da população remanescente dos Monocarvoeiros Muriquis, o maior primata do continente americano, se encontra na Estação Biológica de Caratinga²¹.

Na região onde está localizada a Diocese de Caratinga, os povoados se formaram a partir da segunda metade do século XIX, iniciando-se pela parte sul, onde se situam as paróquias: de Tombos (1852), São Francisco do Glória (1858) e Carangola (1866). Depois, vieram as paróquias da parte central: Santa Margarida (1866), Manhuaçu (1875) e Simonésia (1877). A região do extremo norte, às margens do Rio Doce, era então habitada por tribos indígenas, os Botocudos, e ao centro, os Puris²². A região da cidade de Caratinga teve seu povoamento iniciado em 1841, passando-se a Paróquia em 1873 e a cidade, em 1892²³.

A Diocese de Caratinga comemora no ano de 2011, 96 anos de existência, foi criada em 10 de dezembro de 1915 pelo Papa Bento XV, desmembrada da Arquidiocese de Mariana em 7 de março de 1920. Dom Carloto Fernandes da Silva Távora foi o primeiro bispo, ficou conhecido na Diocese como o Bispo Missionário, faleceu em 1933. Logo após assumiu Dom José Maria Parreira Lara, segundo os registros diocesanos, após seu falecimento em 1936

²⁰ Disponível em: <<http://www.diocesecaratinga.org.br/site/diocese/história>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

²¹ Disponível em: <<http://www.diocesecaratinga.org.br/site/diocese/história>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

²² A referência consultada apresenta uma visão completamente etnocêntrica dos índios da região, principalmente quando se referem aos Botocudos.

²³ Disponível em: <<http://www.diocesecaratinga.org.br/site/diocese/história>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

assumiu a diocese Dom João Batista Cavati, bispo que dedicou seu trabalho às vocações sacerdotais, ficou em Caratinga até 1956. Substituído por Dom José Eugênio Corrêa de 1957 até 1978. Em 1979, Dom Hélio Gonçalves Heleno assumiu a diocese onde está atualmente. Seu trabalho foi direcionado à pastoral familiar e à Catequese (VII Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caratinga, 2005-2010. Ed. Dom Carloto, Caratinga, 2005, p.25).

O último bispo Dom Hélio Gonçalves Heleno encontrava-se doente. Problemas de saúde o impedia de atuar e realizar as atividades que são de responsabilidade do cargo. Contava com uma equipe de assessoria que assumiu as atividades e compromissos da Diocese em seu nome, levando ao seu conhecimento apenas as decisões que necessitavam de sua aprovação legal. Mesmo sem condições físicas, o bispo não expressava desejo de deixar a diocese como bispo responsável. Em maio de 2011, tomou posse o novo bispo da Diocese de Caratinga Dom Emanuel Messias de Oliveira, tal fato revela uma especificidade da diocese onde está inserida a comunidade Nossa Senhora da Soledade.

Dom Hélio G. Heleno destacou-se pela dedicação à pastoral catequética e pastoral familiar. Para a diocese de Caratinga são pastorais que contribuem na formação moral e religiosa da família, por isso, são tidas como pastorais essenciais. A pastoral catequética foi assumida como responsabilidade da Congregação das Irmãs Gracianas. Apesar de não terem o mesmo status que os padres, elas desenvolvem um excelente trabalho na Diocese sob sua coordenação, elas são mais próximas das pessoas, envolvem-se com as atividades na comunidade. Em outros campos pastorais não houve tanto avanço, já que alguns fatores contribuíram para tal realidade: uma delas, a limitação física do bispo e o seu perfil conservador.

Nas últimas décadas, as atividades pastorais da diocese de Caratinga foram guiadas por seis Planos de Ação Evangelizadora, elaborados por seus membros. Atualmente é direcionada pelo VII Plano Pastoral que dá continuidade aos anteriores, possui, como um de seus objetivos, valorizar as ações pastorais mais urgentes e necessárias para a comunidade católica da diocesana.

A igreja no Brasil lançou as Diretrizes Gerais da sua ação Evangelizadora para os anos de 2003 a 2006 e, mais recentemente, o Projeto Nacional de Evangelização 'Queremos ver Jesus – Caminho Verdade e Vida' (2004-2007). O VII Plano segue as orientações contidas nestes documentos da CNBB (71 e 72) (VII Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caratinga, 2005-2010. Ed. Dom Carloto, Caratinga, 2005, p.2).

A Igreja Católica regional (diocese, forania, paróquia) se fundamenta em importantes documentos aprovados pela CNBB e pelo Vaticano e fazem uma discussão, adequando-o a sua realidade e às condições de execução. Verifica-se que cada diocese, forania e paróquia fazem o seu plano à luz desses documentos.

Por isso, se os planos de várias dioceses forem analisados em seu conteúdo, uma diversidade de atividades, ações e formas de organização pastoral poderá ser verificada. O resultado desses planos depende de fatores como: a cultura regional e local; a linha ideológica que o bispo e todo o clero possuem ou se fundamentam; a realidade econômica da diocese; a capacidade intelectual; e o conhecimento da realidade e da criatividade daquelas pessoas envolvidas na discussão e elaboração do referido documento.

O VII Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caratinga 2005-2010, Plano em vigência, possui como um de seus objetivos a apresentação de um panorama das ações da diocese e propor novas, a fim de que as metas previstas em assembleia geral diocesana sejam alcançadas. Uma nova assembleia deverá acontecer em 2011 com o objetivo de direcionar trabalhos e ações pastorais para os próximos cinco anos.

Ao analisar o conteúdo do plano observam-se em sua estrutura cinco dimensões que orientam as 17 pastorais existentes na Diocese, nos Movimentos, nas Associações Religiosas, no Ministério da Animação ou de Música (os cantores da Igreja são chamados desta forma) e na Pastoral Sacramental.

Em síntese, a estrutura é apresentada da seguinte forma:

1. Introdução com objetivos, metas e exigências essenciais de evangelização. Uma das metas chama a atenção: Renovação da comunidade a partir da Família, que é um dos focos de atenção da proposta. Como dito anteriormente, uma das principais preocupações do atual bispo;

2. Caminhos da Evangelização - nessa dimensão estão as CEBs, que são compostas basicamente pelos grupos de reflexões;

3. Dimensões Prioritárias da Evangelização - de acordo com o plano são os desafios mais urgentes que devem ser trabalhados por todos os agentes de pastoral, em todas as Comunidades, Paróquias e Foranias da Igreja. Na terceira dimensão está a Pastoral Familiar, a Pastoral Bíblico-Catequética e a Pastoral da Juventude;

4. Na Dimensão Sociotransformadora, o ensino social da igreja deve direcionar a atividade social e política dos cristãos, esclarecendo os compromissos políticos, discernindo as ideologias e analisando os sistemas e situações, fundamentando-se na Bíblia, nos padres e

no seu magistério. Estão inseridas a Pastoral da Criança, Pastoral do Idoso, Pastoral da Saúde, Pastoral Carcerária e Pastoral Sociopolítica;

5. A Dimensão Comunitária Participativa - composta pela Pastoral Missionária, Pastoral Litúrgica, Pastoral Vocacional, Pastoral da Comunicação, Pastoral do Dízimo e Pastoral da Educação;

6. Movimentos e Associações Religiosas - possuem como objetivo a espiritualidade, oração e integração com as outras pastorais;

7. Ministério da Animação - formado pelo Conselho Pastoral Comunitário (CPC), Conselho Pastoral Paroquial (CPP), Conselho Pastoral Diocesano (CPD) e pela Assembleia Diocesana Pastoral; e

8. Pastoral Sacramental - organiza e esclarece as normas e cria condições para os fiéis receberem os 7 sacramentos da Igreja: Batismo, Crisma, Eucaristia, Confissão, Unção dos enfermos, Ordem e Matrimônio.

As ações da Diocese de Caratinga são norteadas em suas ações pelo Plano Pastoral e pelos movimentos. Alguns dos movimentos foram criados antes do Concílio Vaticano II, outros mais recentemente, são eles: Encontro de Casais com Cristo (ECC); Encontro de Jovens com Cristo (EJC); Encontro de Adolescentes com Cristo (EAC); Encontro com Cristo (EC); Oficinas de Oração; Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP); Ministério de Pregação; Renovação Carismática Católica (RCC); Legião de Maria; Infância Missionária; e Apostolado da Oração²⁴. Os movimentos católicos compõem uma linha importante da Igreja, porém diferente das pastorais. Em sua maioria possui características mais direcionadas para a dimensão espiritual ou que tenha como prioridade os carismas, como a renovação carismática, atualmente com milhares de adeptos no Brasil.

A organização da Diocese de Caratinga conta com as foranias e paróquias que a constituem. O êxito do trabalho da Diocese depende de um bom desempenho das Foranias e Paróquias. Os padres desenvolvem ações e atividades nas comunidades, dão suporte às pastorais e aos movimentos nas paróquias. São organizados trabalhos e atividades pastorais ou movimentos que na percepção do padre em exercício no percebe como essenciais ou mais próximos à realidade local.

As foranias são divididas em paróquias. As paróquias compostas por comunidades menores fazem parte de uma forania que juntas integram a Diocese.

²⁴ Disponível em: <<http://www.diocesecaratinga.org.br/site/diocese/história>>. Acesso em: 19 jan. 2011 e VII Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caratinga 2005-2010. Ed. Dom Carlotto, Caratinga, 2005.

3.1 A Forania de Manhuaçu

Na divisão geográfica e organizacional da Diocese originam-se as foranias (Anexo A), que formam um conjunto de paróquias – Sacramento faz parte da Forania de Manhuaçu. A subdivisão pastoral da Diocese é chamada de Forania. Trata-se de um grupo determinado de paróquias dentro de um Vicariato²⁵. Cada forania é confiada a um *vigário* forâneo (título dado pelo bispo a um grupo de padres dentro de um Vicariato). Essa união de diversas paróquias mais próximas territorialmente favorece o trabalho pastoral mediante uma ação em comum. Os padres forâneos são eleitos pelos representantes das paróquias (párocos e vigários) por dois anos, que, por sua vez, representam aquele território; ou seja, a forania junto ao conselho presbiterial.

A Paróquia de Sacramento pertence à Forania de Manhuaçu, que não possui um espaço físico ou escritório, a Forania é uma subdivisão geográfica para facilitar a organização diocesana. Com mapa das foranias, o bispo confia a um vigário o apoio das ações pastorais e assessoria regional em cada uma delas.

A Diocese de Caratinga é subdividida em cinco Foranias: Inhapim, Caratinga, Ipanema, Carangola e Manhuaçu (Anexo A).

4 O surgimento da Paróquia São Sebastião do Sacramento

A Paróquia de Sacramento²⁶, com 132 anos de existência, foi marcada desde sua origem por lutas, conflitos e conquistas, inclusive religiosa. Foi criada canonicamente em 21 de outubro de 1878, vinculada à Diocese de Caratinga. Foi ligada à Forania de Caratinga até 1999; atualmente, é vinculada à Forania de Manhuaçu.

²⁵ Vicariato: dentro de cada diocese existem um ou mais Vicariatos. Os Vicariatos episcopais trabalham a evangelização de forma mais descentralizada. Colaboram para o atendimento às exigências da ação evangelizadora em cada grande área geográfica ou ambiental, organizando melhor o trabalho e as relações pastorais. Os Vicariatos territoriais, por sua vez, são divididos em áreas pastorais menores, designadas pelo Código de Direito Canônico como foranias, que agrupam algumas paróquias. O *vigário episcopal* (presbítero colaborador do bispo), nomeado pelo Arcebispo, que formará a Coordenação do Vicariato, com os representantes das foranias. Cada Vicariato enviará representantes para comporem a Coordenação Arquidiocesana de Pastoral. Os vigários episcopais cultivam uma estreita relação pastoral com o arcebispo, à medida que colaboram com o governo pastoral da Arquidiocese. Eles multiplicam e difundem o próprio ministério do arcebispo. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

²⁶ Situa-se às margens da BR 116, entre os municípios de Manhuaçu e Santa Bárbara do Leste, também faz limites com Simonésia, Caputira e Vermelho Novo.

O local de fundação da sede da paróquia serviu de abrigo e esconderijo aos foragidos da Revolução de Santa Luzia em 1842²⁷. Lugar montanhoso, distante e coberto de matas virgens, antes habitadas por índios, tornou-se futuramente um povoado (História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento: 130 Anos, 2008)²⁸ (Anexo C).

De acordo com a fonte histórica acima citada, os homens que se esconderam nesse lugar, após a revolução, buscaram suas famílias e decidiram viver e construir esse povoado. A origem das famílias era de cidades mineiras como Rio Espera, Noruega e Itaverava. O povoado mais próximo era Abre Campo, onde os moradores iam prover-se do necessário para o sustento, viajavam dias a cavalo e enfrentavam perigos e desafios como animais selvagens. Em 1862, depois de desmatarem a área e construírem suas casas, convidaram um padre para visitar o povoado e ergueram uma pequena capela, mais tarde, uma igreja maior e um cemitério.

Surgiu o primeiro comércio, facilitando e evitando as longas viagens a cavalo para compra de alimentos e outras necessidades pessoais. O processo de alfabetização iniciou-se no povoado, porém, só para os meninos – as meninas não estudavam em classe de aulas, somente em casa. Só os meninos podiam frequentar algum local público para estudarem²⁹. Os primeiros professores do distrito foram homens. Eram poucos, mas conhecidos na região – não havia mulheres nessa atividade³⁰ no povoado.

²⁷ O Município de Santa Luzia é um dos mais antigos de Minas Gerais: são mais de três séculos de história. Em 18 de março de 1692, durante o ciclo do ouro, remanescentes da bandeira de Borba fundaram o primeiro núcleo da vila que deu origem a cidade de Santa Luzia. Em 1842, Santa Luzia foi palco da batalha final da Revolução Liberal, entre as tropas de Duque de Caxias (Governista) e de Teófilo Otoni (liberalista), que defendia a descentralização do poder e a autonomia das províncias. Assim formou Santa Luzia, com a riqueza proporcionada pelo ouro e mais de três séculos de história cultural. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/mg/santa_luzia/historia.htm>. Acesso em: 20 jan. 2011.

²⁸ Este livro foi uma obra escrita por membros da Paróquia de Sacramento e Diocese de Caratinga, publicada pela Editora Caratinga em 2008, em comemoração aos 130 anos da Paróquia São Sebastião de Sacramento. A elaboração do livro contou com a contribuição de moradores, depoimentos e relatos, pesquisa em antigos documentos e fotografias pertencentes aos moradores do Distrito, ao município de Manhuaçu, à paróquia de Sacramento e a Diocese de Caratinga.

²⁹ Atualmente, verifica-se o oposto, as mulheres estudam de 6 a 8 anos a mais que os homens, de acordo com os dados do IBGE, apesar desse dado, o salário não é equiparado, os homens tem maior remuneração e ocupam os melhores cargos. Na região de Manhuaçu, em pesquisa realizada nas escolas, há mais mulheres em sala de aula, desde o primeiro grau.

³⁰ Hoje, 80% do corpo docente é composto por mulheres, tanto nas escolas municipais, como nas estaduais e nas faculdades particulares das cidades vizinhas não é diferente.

Historicamente, a discriminação e exclusão do gênero feminino tido como “natural”, foram marcadas por fatos e acontecimentos que fortaleceram essa diferença, desde os lugares mais desenvolvidos e urbanizados àqueles mais afastados, em toda a sociedade.

Além da educação, nos enfrentamentos com o poder político, as mulheres eram ocultadas. Assuntos como a luta pela posse da terra era exclusivamente um problema que deveria ser resolvido pelos homens.

Para resolver esse impasse – o da posse da terra na formação do pequeno povoado de Sacramento –, os moradores enfrentaram problemas e conflitos. A família Amâncio, hoje grande e tradicional na região, doou a imagem do padroeiro São Sebastião e um representante se prontificou em providenciar a legalização dos documentos daquelas terras. O relato chama a atenção e merece ser citado:

Com a fundação do povoado, surgiu a necessidade de legalização do acontecimento. Um representante da família Amâncio se prontificou a ir à Corte no Rio de Janeiro, com a finalidade de conseguir o documento de doação do terreno do povoado e de suas adjacências para a igreja. Não conseguiu falar com o Imperador D. Pedro II, pois se encontrava ausente, mas sim com a Imperatriz, sua esposa, que o recebeu e lhe concedeu o documento de doação (História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento, Diocese de Caratinga, 2008, p.12).

Na terra, o cultivo do milho, arroz e mandioca predominavam e esses alimentos eram trocados ou vendidos para suprir outras necessidades. Várias disputas pela posse da terra se configuraram no decorrer do ano de 1863 – uma delas por motivo de dívidas acumuladas pelos moradores de Sacramento com o posseiro Sr. José Francisco Gomes. Os moradores receberam ordem judicial de despejo expedido pelo fórum de Ponte Nova, que dava plenos direitos ao proprietário da terra. O povo não aceitou passivamente, houve conflitos e o proprietário não conseguiu despejar os moradores do povoado.

Muitas desordens aconteceram até que a primeira missa foi celebrada pelo Padre Maximiano José da Cruz. Quando foi criada juridicamente a Freguesia de São Sebastião do Sacramento, no ano de 1846, realizou-se então a primeira eleição local, em que o juiz de paz e autoridades policiais “deveriam manter a ordem daquele lugar”.

Nesse momento, evidenciou-se a estreita ligação entre Igreja Católica e Estado, uma das marcas na história da Igreja: “somente após a celebração da primeira missa a Freguesia de Sacramento é reconhecida juridicamente”.

De acordo com a História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento (2008), quase 40 anos depois sua fundação acontece, em 1878, junto à Diocese de Mariana, a qual passou a pertencer, sob a orientação do Bispo Dom Antônio Maria Corrêa de Sá. Em 1934, deu-se início a construção da primeira casa paroquial, sob coordenação de Padre Firmino Salgado.

As decisões tomadas pelos Padres e pelo Bispo responsável pela paróquia nem sempre eram bem aceitas pelas pessoas. O fato criava conflitos e divisões, favorecendo posições contrárias entre os fiéis.

No período de 1939, em visita à paróquia de Sacramento, o Bispo Dom Cavati, diante do recebimento da denúncia de vários roubos e da precária situação paroquial, disse que “a comunidade deveria construir uma nova igreja, maior e mais segura”. Os líderes entenderam que uma reforma resolveria o problema. Ao chegar aos ouvidos do então Bispo que sua ordem não fora acatada, ordenou que a igreja fosse fechada por tempo indeterminado. Depois de sete meses, uma comissão fez um “pedido formal de perdão” ao bispo e se comprometeu em acatar as exigências e construir uma matriz; só assim a igreja foi reaberta³¹.

Em 1951, Pe. Artur Nunes assumiu a paróquia. Era dinâmico, porém ficou famoso na região pela sua personalidade: era severo, franco e perseguia aqueles fiéis que não adotassem seu método de trabalho ou pensasse de forma diferente daquela que considerava correta. Negava os sacramentos àqueles ou àquelas que descumprissem suas ordens. Excomungou³² pessoas e Igrejas na paróquia, fez muitos inimigos e criou um clima de tensão na paróquia por causa desse comportamento. Mesmo assim, o bispo não interveio e Pe. Artur permaneceu na paróquia até 1958.

Quando Pe. Artur deixou a paróquia de Sacramento, os movimentos foram organizados com a chegada do Pe. Chiquinho Pequeno, como era conhecido, em 1959. O primeiro movimento foi a União das Filhas de Maria, logo depois a Liga Católica, o

³¹ As comunidades vivenciam uma linha conservadora de coordenação e administração diocesana, hoje os conflitos são outros, mas a dimensão é análoga, o poder hierárquico e vertical da igreja nem sempre é acatado ou visto com “bons olhos” por seus membros. Tal realidade é geradora de tensões, a causa são as posições e ideias contrárias àquelas determinadas pelo bispo, fortalecendo e acirrando o embate entre a instituição e seus membros: fiéis leigos e até mesmo padres.

³² **Excomunhão** é uma punição religiosa utilizada para se retirar ou suspender um crente de uma filiação ou comunidade religiosa. A palavra significa literalmente *colocar* [alguém] *fora da comunhão*. Em algumas religiões, excomunhão inclui condenação espiritual do membro ou grupo. Excomunhão estigmatiza e sanções, que incluem banimento do crente. É uma das maiores penas que um fiel pode receber da Igreja. O fiel excomungado fica proibido de receber os Sacramentos e de fazer alguns atos Eclesiásticos. A excomunhão faz parte das censuras no Código de Direito Canônico da igreja católica, sendo uma das três mais duras e severas. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Excomunh%C3%A3o>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

Apostolado da Oração e a Catequese. Pe. Chiquinho levou para “ajudá-lo” no trabalho paroquial, as Irmãs Gracianas da Congregação de Nossa Senhora das Graças, que se destacaram em projetos desenvolvidos nas escolas e na catequese³³.

Após a morte de Pe. Chiquinho, Pe. José Raul assumiu a função de pároco e a paróquia vivenciou uma fase diferente da anterior. Padre jovem e de dedicação ao trabalho pastoral, organizou a primeira pastoral na paróquia: a Pastoral da juventude (História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento, 2008). Pe. José Raul foi muito criticado pelos conservadores, pois assumia uma linha mais progressista. Em cinco anos, tempo que permaneceu na paróquia, contribuiu com o desenvolvimento social, político e cultural da liderança, não fez construções e edificações, era “preocupado com o desenvolvimento da pessoa enquanto ser humano e cidadão”. Tinha um carisma especial pela juventude, que se sentiu motivada e iniciou uma participação mais ativa na igreja e assumiu vários cargos de lideranças. Pe. José Raul deixou a paróquia em 1988.

Vários sacerdotes passaram pela paróquia de Sacramento e, de acordo com documentos, arquivos e registros paroquiais, foram 56 padres, porém, segundo antigos moradores, esse número é bem maior. Muitos outros padres trabalharam nessa paróquia, no entanto, esses dados não constam em arquivos oficiais. Cada um deles construiu uma história diferente, que chamou a atenção por algum motivo. Cada padre, de acordo com sua formação e cultura, dedicou-se a algum movimento ou grupo diferente, seguia uma linha conservadora ou progressiva da Igreja. Essa realidade incomodava aqueles que faziam parte ou pensavam como os conservadores.

A maioria dos padres que assumiu a coordenação da paróquia pertencia a uma linha ideológica conservadora, autoritária e exigente. Existiam aqueles que tinham um perfil de escuta e diálogo em relação aos 56 padres que passavam pela paróquia, mas foi um número insignificante.

³³ No campo religioso não é diferente do que acontece na sociedade em relação ao gênero. O trabalho desenvolvido pelas irmãs era difícil e complexo: ensinar, catequizar e educar, e estas atividades eram vistas como “ajuda ao padre”, como apoio à paróquia. Até hoje existe uma distância exorbitante do reconhecimento pelas pessoas da comunidade, do trabalho desenvolvido pelo padre e pela freira. A freira não possui o mesmo status do padre, E quando ela está envolvida na paróquia, desenvolve trabalhos tipos como femininos: “ela não desenvolve nem coordena nenhum trabalho, ela ajuda o padre na paróquia”. E este pensamento é reproduzido entre os fiéis, leigos e líderes.

A diversidade de personalidade dos padres fez emanar na liderança um grupo também diversificado, dentre eles existia um conhecido na diocese, o grupo de leigos, (hoje, Colégio ou Conselho de Leigos). Desenvolveram (e desenvolvem) vários trabalhos e projetos além do planejado pelos padres da paróquia. Fazem cursos de formação e aperfeiçoamento na região em diversos lugares do Brasil, também acompanham e fazem parte dos sindicatos do município, conselhos e partidos políticos. A maioria desses leigos faz parte das pastorais em suas comunidades e seguem uma linha mais progressista da igreja. Ideias que se afluíram desde a permanência de Pe. José Raul em Sacramento, a partir de sua contribuição, foram consideradas relevantes na formação de leigos e para a preparação de um grupo mais próximo de sua realidade.

Considerando que muitas pessoas participavam somente dos movimentos e passaram a conhecer a filosofia das pastorais, imediatamente perceberam as diferenças, então muitos aceitaram a proposta pastoral que, além de espiritual, possui características de envolvimento social e outros não opinaram pela mudança. O fato é que as pastorais começaram a ocupar um espaço diferente, as pessoas migraram dos movimentos para as pastorais, muitos viam nas pastorais características inexistentes nos movimentos, as ações pastorais trouxeram algo que faltava nos movimentos, algumas pessoas afirmavam: “essa ideia de pastoral não dará certo, Igreja foi feita pra rezar, não tem que se preocupar com problemas sociais”. Houve também um grupo que recebeu a proposta da dimensão social e política das pastorais como uma ameaça à Igreja Católica.

Aos poucos, as pastorais assumiram o maior tempo de dedicação dos leigos nas comunidades e os resultados foram de infiltração na Igreja. Os movimentos continuam atuando, no entanto com uma peculiaridade. Hoje as linhas de ideologias diferentes dialogam e se toleram melhor que no passado. Projetos desenvolvidos numa linha pastoral tiveram muitos adeptos; além disso, foi alvo de várias críticas.

Na organização administrativa paroquial na diocese de Caratinga, um padre tem um tempo determinado para sua permanência de aproximadamente quatro a seis anos. A mudança periódica de pároco é sempre um fato causador de muitas mudanças. Pois, a cada novo padre, a paróquia precisa se adequar às exigências diferentes de cada um, de acordo com o perfil do padre. Se a posição do padre é radical, mais agressiva, a tensão se instaura, alguns enfrentam outros se afastam. Se a paróquia conta com a presença de um pároco mais aberto ao diálogo ou pertencente a uma linha mais progressista ocorre o oposto, em contrapartida, as comunidades se desenvolvem na prática de atividades religiosas e sociais.

Por outro lado, várias lideranças fortaleceram e aprenderam a conviver com as adversidades, perceberam que dos conflitos surgem questionamentos com resultados que podem ser positivos ou negativos, pois provocam mudanças. Essa é uma das características de parte da liderança da paróquia, identificada no trabalho de campo.

No entanto, a liderança que foi constituída de forma verticalizada e de maioria masculina, dando seguimento ao modelo da Igreja Católica, se apresenta com uma divisão semelhante à existente na igreja desde o Concílio Vaticano II: duas vertentes ideológicas claramente definidas. Essas vertentes convivem, dialogam, mas frequentam grupos e defendem ideias distintas.

Alguns padres se preocuparam com a formação de novas lideranças, investiram em cursos, trabalharam com os movimentos e pastorais, preocuparam-se mais com as pessoas. Em contrapartida, as construções de igrejas e salões, as modificações na casa paroquial, a troca de veículos mais velhos por novos, o aumento do repasse de dinheiro das comunidades para a paróquia foram preocupações de grande parte dos padres que ficaram à frente da paróquia de Sacramento:

Depois de várias campanhas, com participação integral de toda paróquia, foram encerradas as obras em 12 de outubro de 1997, na festa do padroeiro São Sebastião, com a benção do bispo diocesano Dom Hélio Gonçalves Heleno, foi inaugurada a nova matriz, com a participação intensa de todos os paroquianos (História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento, Diocese de Caratinga, 2008, p.25).

Mesmo diante dos fatos pode-se afirmar que no século passado a questão econômica foi marcada por conflitos diretos. Após o Concílio Vaticano II, essa situação começa a ser discutida, porém seria coerente que a Igreja Católica repensasse sua situação patrimonial diante de tanta pobreza e da desigualdade socioeconômica vivida por milhões de pessoas no mundo.

Além das edificações, das campanhas de café, do interesse material e de estar inserida no contexto capitalista, a paróquia também cumpriu parte de sua função social, realizou vários trabalhos e novas pastorais foram implantadas. Antes havia movimentos, após a vinda de Pe. José Raul, quando a primeira pastoral foi organizada na década de 1980: a pastoral da juventude. Em seguida, outras surgiram como: a pastoral da criança, do dízimo, da acolhida, litúrgica e a do idoso, a última organizada.

A composição da paróquia atualmente é de 17 comunidades, possui 5 movimentos organizados e 9 pastorais. Os movimentos são: Conferência de S. Vicente de Paulo; Apostolado da Oração, ECC (Encontro de Casais com Cristo); OVS (Obras Vocacionais Sacerdotais). As pastorais: Pastoral da Juventude; Pastoral da Criança, Pastoral da Saúde; Pastoral da Catequese; Pastoral da Liturgia; Pastoral do Idoso; Pastoral do Dízimo; Pastoral do Batismo; Pastoral do Matrimônio; as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base)³⁴; e o Colégio de Leigos.

A paróquia de São Sebastião de Sacramento era formada por quatro distritos. Há pouco tempo houve um movimento de algumas comunidades com o objetivo de dividir e transformar em duas paróquias devido à sua grande extensão geográfica, dificultando o acesso – fato que impossibilitava um acompanhamento de qualidade às necessidades religiosas locais pelo pároco. Dessa forma, duas comunidades e um distrito se desvincularam e foi criada uma nova paróquia: a de Nossa Senhora do Rosário de Vila Nova, inaugurada em janeiro de 2007. Dela fazem parte: Comunidade Nossa Senhora do rosário (Vila Nova); Senhor Bom Jesus (Manhuaçu); e São Roque. Elas estão ao lado de Realeza, já bem próximas da cidade de Manhuaçu.

Atualmente, a paróquia é composta por três distritos: Dom Corrêa, Sacramento e São Pedro do Avaí, e por 17 comunidades: Santa Luzia (Córrego Boa Vista); São João Batista (Córrego Bom Jardim); São Domingos (Serra do Ouro); São Bento; São Caetano; São Geraldo (Córrego do Gavião); Santa Catarina de Senna; Nossa Senhora Aparecida (Córrego do Laje); São Geraldo (Córrego dos Raposos); Nossa Senhora de Fátima (Vila de Fátima); Nossa Senhora do Amor Divino (Dom Corrêa); Santo Antônio (Córrego Palmeiras); São José Diniz (Córrego dos Diniz); São Barnabé (Córrego Palmeirinhas); e Nossa Senhora da Soledade (Córrego da Soledade)³⁵.

³⁴ Em 2008 as CEBs na paróquia eram compostas por 160 grupos de reflexão reunindo-se semanalmente para discutir e estudar a Bíblia aplicada à realidade atual (História da Paróquia de São Sebastião do Sacramento, Diocese de Caratinga, 2008, p.26).

³⁵ As Comunidades recebem um nome pela instituição religiosa, nesse caso a paróquia, a maioria possui nomes em homenagem aos santos da igreja católica, chamados de padroeiros (protetores) de determinada localidade. A mesma comunidade (não todas) possui outro nome reconhecido juridicamente pelo município em seu mapa geográfico. Na maioria das vezes os lugares que fazem parte do meio rural no município de Manhuaçu, como em vários outros em Minas Gerais, são denominados córregos, uma divisão geográfica feita a partir dos nomes dos córregos que cortam ou deságuam naquela região ou algum nome com história específica que possui algum significado simbólico para os moradores.

As lideranças representantes das comunidades da paróquia compõem o CPP Conselho Pastoral Paroquial, formado pelas coordenações gerais de cada comunidade. O seu funcionamento é similar ao CPC Conselho Pastoral Comunitário, formado pelos coordenadores das pastorais e movimentos comunitários. O CPP, apesar de ter caráter deliberativo, em alguns assuntos é consultivo. O padre da paróquia tem autonomia em relação às decisões relacionadas aos recursos econômicos, por exemplo. O dízimo que é recebido em cada comunidade, 10% do valor total é enviado à paróquia a cada mês. Existe, atualmente, um grande dilema: o padre deseja que seja repassado à paróquia 50% do dízimo de cada comunidade. Há aproximadamente 6 meses, essa discussão está em pauta e as comunidades da paróquia resistem justificando a dificuldade de manterem as despesas locais se enviarem 50% do dízimo à paróquia. Essa discussão vem tomando dimensões diversas em todas as comunidades.

Segundo os coordenadores, as reuniões têm sido tensas e o padre tenta convencer os coordenadores que essa é a melhor decisão. Quando essa discussão é colocada em pauta nas reuniões da comunidade de Soledade, os coordenadores pastorais não aprovam e decidem não. A decisão é levada à reunião do CPP sempre que necessário.

Ao fazermos um paralelo com os CPCs, estes possuem mais poderes que o CPP, no limite de sua comunidade. Mesmo com algumas imposições paroquiais, os CPCs conseguem ser mais autônomos em suas decisões. Pelo motivo de o CPP estar mais próximo ao padre e ele representar um poder centralizado, o CPP, em função dessa forma de organização, passa a ser em sua constituição, mais consultivo do que deliberativo.

Essa prática traz tensões às reuniões mensais na paróquia – onde todos os coordenadores das 17 comunidades estão presentes –, mas, apesar da insatisfação da maioria da liderança, não conseguiram transformar o CPP totalmente deliberativo.

5 A Comunidade de Nossa Senhora da Soledade

Soledade é uma das 17 comunidades da paróquia de S. Sebastião e faz parte do Distrito de Sacramento, no município de Manhuaçu. É denominada pela paróquia de Capela Nossa Senhora da Soledade³⁶.

³⁶ Capela antigamente era chamada de “ermida”, uma pequena comunidade numa região administrada por uma Paróquia. Além do culto a Deus, podem-se realizar casamentos e demais sacramentos da igreja católica como: batismo, crisma, eucaristia, confissão, matrimônio, etc. além das atividades sociais e pastorais. Disponível em: <<http://www.catequizar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

De acordo com depoimentos de antigos moradores reunidos no primeiro momento do trabalho de campo desta pesquisa, o início da comunidade de Soledade teria sido entre os anos de 1860 e 1875. Somente por volta de 1960 a 1965, exatamente um século depois, uma capela foi construída e a diocese instituiu Soledade enquanto comunidade católica pertencente à paróquia de São Sebastião do Sacramento.

A origem do nome Soledade foi uma homenagem à Maria, do bispo Dom José Eugênio Corrêa da Diocese de Caratinga em meados do século XIX. Nesse lugar organizado e acompanhado pela Igreja Católica desde 1965, depois de construída a capela foi considerada uma “comunidade”, que recebeu o nome de Nossa Senhora da Soledade – tida como sua protetora e padroeira – local onde Pe. Artur o pároco da época celebrou a primeira missa. A festa de Nossa Senhora da Soledade é comemorada na primeira quinzena de agosto.

De acordo com informações e fontes, tais como o livro de 130 anos da paróquia de Sacramento (Anexo C), os moradores locais, o Portal da Diocese de Caratinga (<http://www.diocesecaratinga.org.br/>) e em pesquisa realizada pelas pastorais sobre a origem e significado, Soledade significa solidão e saudade. Significados esses relacionados à dor, solidão e sofrimento dos personagens principais da Bíblia Católica, Maria e Jesus Cristo, que, ao longo de suas vidas, passaram por diversas atribuições.

Os católicos em geral dedicam devoção com todo rigor à Maria, mãe de Jesus Cristo que, de acordo com o Novo Testamento da Bíblia Católica, é apresentada como modelo de vida a ser seguido: humildade, serviência, obediência e fortaleza. O Marianismo é uma tendência para consagrar e exaltar o culto à Maria. A veneração é observada nos momentos dos pedidos de proteção, de intercessão, nas promessas, na fé dos fiéis que concebem Maria como mãe de Jesus e dos que creem nela.

Soledade construiu sua história sob a influência cultural da Igreja Católica. Após a construção de uma capela denominada Capela Nossa Senhora da Soledade, na década de 1960, junto ao movimento da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP) – o pioneiro organizado na comunidade em 1963 – a comunidade passou a pertencer à Diocese de Caratinga em 1970.

Nessa mesma década, em março de 1976, membros da Igreja de Soledade participaram de um encontro em Sacramento (na sede da paróquia) denominado “Curso de Base” – momento em que a paróquia se preparava para se adequar e receber a proposta das CEBs. Soledade, uma das comunidades da paróquia, iniciava um trabalho com os grupos de

reflexões. Os grupos de reflexão se reúnem semanalmente para estudarem a Bíblia aplicada à realidade local, discutir sobre os problemas, desafios e alternativas coletivas que podem melhorar a qualidade de vida das pessoas que ali residem. As reuniões são residenciais e com número pequeno de participantes. Ainda em 1976, as CEBs foram responsável por despertar uma “nova forma de pensar a Igreja”. Pouco tempo depois viriam as pastorais que assumiriam grande parte das ações da Igreja nas comunidades (Informações abstraídas dos depoimentos em 2010 – Divino Amâncio e José Mazarelo Lopes, moradores e líderes em Soledade em entrevista para este estudo).

O grupo de Oração Vocacional Sacerdotal, composto por mulheres, iniciou-se em 1978, e o Apostolado da Oração, no segundo semestre de 1991. Grupos com características dos movimentos acima citados até hoje são frequentados quase que exclusivamente por mulheres adultas ou idosas. São grupos de oração que desenvolvem atividades espirituais e reúnem-se uma vez por mês. (Informações abstraídas do depoimento - Iolanda Silva - 2010 moradora e membro do grupo de Oração Vocacional Sacerdotal (OVS) e do Apostolado da Oração (AO) ela participa desde a criação dos movimentos em Soledade).

O movimento de Cursílho³⁷ tinha como objetivo o público de casais e o Shalom³⁸ os jovens. Era um dos únicos espaços mais populares dentro da igreja para jovens e casais. Na década de 1980 e 1990 foram movimentos que emergiram e consolidaram-se na igreja. O movimento de Casais, conhecido como ECC - Encontro de Casais com Cristo, atualmente desenvolve um trabalho similar ao do Cursílho e substituiu o movimento atualmente.

Na década de 1980, o Pe. José Raul trouxe para a paróquia a pastoral da juventude que “abriu portas” para as outras pastorais. Soledade participava com os jovens no movimento Shalom e, aos poucos, o movimento foi substituído pela pastoral junto com outras comunidades.

Nesse momento, final da década de 1980, início da década de 1990, o Brasil vivenciava transformações políticas importantes, a juventude encontrava-se envolvida nos

³⁷ **Cursílho:** eram encontros de 5 dias, realizados na diocese de Caratinga, na cidade de Espera Feliz MG, com a presença de padres e leigos da igreja católica. O Objetivo do cursílho era o estudo da Bíblia, a discussão dos problemas da família: filhos e matrimônio. Aconteciam retiros espirituais nos encontros com a proposta de “mudança de vida e conversão do leigo”.

³⁸ Na década de 1970 surgiu o Grupo de Jovens **Shalom** (palavra que em Hebraico significa paz), nesta época não se falava grupo e sim comunidade de jovens. Esta comunidade ou grupo de jovens tinham o objetivo de estudar e refletir a Bíblia nas reuniões que eram realizadas todos os domingos. Os trabalhos Apostólicos eram visitar hospitais, orfanatos, asilos, famílias desamparadas. Nas missas participavam ativamente contribuindo com a liturgia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

movimentos sociais, sindicatos, mobilizações e manifestações. A sociedade almejava mudanças. A realidade sociopolítica da época e a pressão dos movimentos fizeram parte do contexto social e político do surgimento e fortalecimento das comunidades eclesiais de base e das pastorais na igreja católica em todo Brasil.

O momento de transição não foi rápido nem harmonioso, pois eram as mesmas pessoas pertencentes aos movimentos que aderiam ou não determinada pastoral. Por algum tempo, os dois caminharam juntos: movimento Shalon e Pastoral da Juventude, até o momento em que a pastoral substituiu completamente o movimento e assumiu os trabalhos direcionados à juventude. Dois grupos com princípios e características bem diferentes: o Shalon, muito parecido com o movimento carismático; e as reuniões, sempre muito cheias, com número grande de participantes, mais espiritual, trabalhando com os carismas, o transcendental. A pastoral, com ações políticas, mais concretas na comunidade, intervindo em questões sociais, bem como as reuniões, sempre foi realizada com pequenos grupos.

Aos 14 anos eu já participava das reuniões do movimento Shalon e acompanhei sua transição. O movimento Shalon era marcado pelas músicas animadas, apresentações, celebrações de aniversários dos membros, reuniões com salas cheias, com 60 a 100 jovens com ênfase no aspecto espiritual. Depois esse movimento perdeu adeptos e transformou-se em diversos e pequenos grupos com discussões mais sociais e políticas, buscou-se uma prática diferente daquela que predominava. Identifiquei-me com a nova proposta pastoral, evidenciou-se e transformou-se em um dos principais motivos de ingresso e envolvimento pessoal com a primeira experiência de atuação pastoral na comunidade de Soledade e na paróquia.

Na pastoral da Juventude, em Soledade, os jovens transformavam as reuniões em locais de encontros, de bate-papos, de envolvimento em ações sociais e participação em projetos a nível local e regional. A pastoral promovia campeonatos de vôlei e futebol na tentativa de criar espaço de entretenimento e sociabilidade para a juventude, espaço de esporte e lazer; fato que chamava a atenção, pois estes espaços na região eram (e são até hoje) escassos.

A música representada pelo popular violão, o teatro crítico nas peças de humor e drama, foram espaços criados pela pastoral da juventude na década de 1980, apoiada e incentivada por Pe. José Raul. Assim, Sacramento transformou-se em uma paróquia atuante e

dinâmica apresentada a partir do trabalho que desenvolvia junto à juventude, não só com temas religiosos, mas também políticos.

A nova forma de atuar na igreja despertou jovens que se transformaram em líderes que se envolveram para além da Igreja em questões sociais e políticas da comunidade. Perceberam que as questões sociais e políticas não são isoladas e sim imbricadas, devem ser problematizadas, e que dependem de decisões políticas para serem melhoradas e modificadas.

Na década de 1990, um grupo de 15 pessoas, líderes pastorais de Soledade se organizaram e criaram uma associação comunitária com o objetivo de trabalhar pelo interesse social e coletivo. Em 7 de fevereiro de 1992 foi criada a associação e tive a oportunidade de estar junto no processo de criação da associação, que recebeu o nome pelos membros fundadores de Grupo de Estudo e Ação Comunitária (GEAC). No início de sua existência, o grupo fez um projeto e concorreu a uma verba federal destinada à construção de um prédio que é a atual sede. O projeto foi aprovado e hoje a estrutura física atende a comunidade em eventos como cursos, encontros e reuniões. Em sua trajetória, elaborou projetos relacionados à proteção do meio ambiente e ao desenvolvimento social na comunidade. Em parceria com órgãos como a EMATER e Conselho de Desenvolvimento Municipal Rural, fez parte de vários projetos que beneficiaram a comunidade. Um dos projetos foi o de construção de fossas sépticas. O trabalho teve como objetivo retirar o esgoto dos pequenos córregos e riachos que correm na comunidade, melhorando a qualidade de vida da água e, conseqüentemente, das pessoas que a utilizam.

As mulheres quase não participam da associação, às vezes uma ou duas no máximo, num grupo de 15. São recorrentes as expressões como: “é difícil participar. É preciso sair, ir à Manhuaçu, participar de reuniões à noite, é mais fácil para os homens mesmo”. E a afirmação é reforçada pelos homens em vários momentos: “É, pra elas é mais difícil mesmo”.

Para vários homens a cultura masculina é mais impregnada e não sofreu nenhuma mudança. A primeira impressão que se tem é de que as mulheres não querem participar, mas, de fato, a questão não passa somente pela vontade da mulher.

Na fala a seguir, percebe-se que o líder justifica a não participação de sua esposa na comunidade, nas pastorais da Igreja Católica, usa de citação bíblica, fazendo uma interpretação que reforça o seu pensamento:

Na verdade, cê sabe, a gente mora longe, minha mulher toma conta da menina com problema, tem menino novo, tem meus meninos tudo pequeno. Então é difícil, às vezes a mulher até cobra da gente que tá vindo pra igreja muito e deixando a desejar em casa, mas tem aquela palavra que Jesus disse, né? “deixa pai, mãe, esposa e me segue” mas também dou apoio em casa na medida do possível, né? (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Carlos reforça a ideia de que a mulher deve ficar e cuidar da casa, do espaço doméstico, a rua e o espaço público pertencem ao homem, então, só os homens podem deixar a casa. A Igreja e as pastorais são espaços públicos; esse é um dos motivos de muitas mulheres não frequentarem esse espaço.

Nessa realidade cultural, surgiram na paróquia outras pastorais e, sucessivamente, em Soledade, a Pastoral da Juventude e a Pastoral da Catequese que, na década de 1980, foram precursoras. A última pastoral a ser organizada na paróquia e na comunidade de Soledade, foi a pastoral do Idoso, que completou cinco anos no dia 15 de fevereiro de 2011.

A pastoral do idoso, da criança e da catequese são pastorais com participação mais expressivas das mulheres, são espaços onde a mulher ocupa cargos de liderança nas coordenações. Se, historicamente, foi construído que a mulher é aquela que cuida, é delicada, tem mais paciência com idosos e crianças, estas pastorais são ideais para elas desenvolverem o papel de cuidadora, reforçando essa construção social. Desde o início, o espaço das pastorais foi ocupado por muitas mulheres. No entanto, as coordenações da maioria das pastorais e a coordenação geral da comunidade ainda são ocupadas de forma mais atuante pelos homens.

Vitor, integrante da coordenação geral da comunidade e membro da pastoral da juventude, diz o que pensa. Ao analisarmos, verificaremos que é uma posição um pouco diferente de alguns líderes de gerações anteriores.

Acho que a mulher tem que ocupar o espaço dela dentro dos trabalhos, como a gente colocou, parece que os homens ocupam mais esse espaço, mas a mulher, aos poucos, o trabalho tá sendo desenvolvido, algumas que vão liderando aí, vai passando liderança pra outros, eu vejo a mulher um espaço grande conquistado até hoje, principalmente na nossa comunidade de uns tempos pra cá as coisa lá vai mudando, eu acho que só não teve até hoje uma coordenadora, desde quando surgiu a comunidade, foi unanimidade entre os homens, então falta ainda quando se fala de liderança total mesmo, ainda falta e deixa a desejar nesse sentido. Não sei se a culpa é de nós homens que estamos trabalhando, ou se elas têm um próprio preconceito delas mesmas, assumir um trabalho dessa forma, mas eu vejo que a mulher dentro da religião tá buscando seu espaço, assim como na sociedade também hoje, as coisas vão evoluindo nesse ponto também, as mulheres vão seguindo, é ocupar seu espaço dentro da sociedade, da forma como elas conseguem até com mais capacidade que

os homens muitas vezes, pelas diversas circunstâncias da vida, pela formação talvez, nossa comunidade, hoje praticamente as mulheres estudam mais que os homens se cê for olhar, geralmente os homens ficam e as mulheres saem pra estudar ou pra buscar alternativa de tá aprofundando nos estudos, já o homem fica mais ligado na questão da terra, então eu acho que hoje elas tão tomando a liderança nesse sentido, muito na questão social, aí os homens dentro do contexto da comunidade ainda são a maioria, então precisa desenvolver algum trabalho pra que elas possam tá desenvolvendo seu trabalho também (Vitor, 25 anos, solteiro, entrevistado em 28/07/2010).

Nos movimentos e grupos dedicados à dimensão espiritual, com características como o apostolado da oração, possui em sua composição mais de 80% de mulheres e existem grupos de oração que atinge 100% de participação feminina; não só em Soledade, mas em toda a paróquia esta realidade é similar.

Além dos movimentos religiosos, a Igreja Católica de Soledade sempre apoiou o grupo dos Alcoólicos Anônimos (AA); cedendo umas das salas de reuniões da Igreja desde a década de 1990. A liderança apoia as ações desenvolvidas pelo grupo que faz um trabalho social de recuperação de pessoas viciadas em álcool. O AA e o GEAC são os dois grupos sociais respeitados e conquistaram o apoio do CPC e da comunidade da Igreja Católica em Soledade.

As pastorais na Igreja Católica fazem parte das Comunidades Eclesiais de Base - CEBs, que possuem dinâmica própria, como explicitado no Portal da CNBB: uma nova maneira de construir e relacionar fé e vida, lugar em que se percebe a busca pela conquista de um espaço popular de religião. Os documentos do Concílio Vaticano II definem a Igreja como povo de Deus, categoria que a Teologia da Libertação (TdL) aprofundou, identificando o povo como a base da igreja e da sociedade. Esse foco na realidade a partir dos pobres e dos seus interesses é uma opção política e ética é apontado como suporte evangélico: reificado pela conhecida afirmação: “Felizes de vocês, os pobres, porque o reino de Deus lhes pertence” (BÍBLIA, Lc 6:20). No entanto, a Teologia da Libertação tem-se caracterizado por uma crítica à modernização urbano-industrial e ao progresso técnico, por entender que esse modelo de desenvolvimento econômico favorece um grupo minoritário da burguesia e se dá à custa da exclusão dos pobres. Na compreensão da Teologia da Libertação, o pobre é o empobrecido economicamente pelo sistema capitalista. Com essa postura analítica, as CEBs se posicionaram no cenário eclesial e político, fortalecendo um novo perfil de Igreja, que deve se envolver e se posicionar diante das questões opressoras e excludentes, que fazem parte do modelo capitalista. Embora experimentando conflitos, não se isolaram da Instituição e

procuraram permanecer fiéis aos princípios evangélicos da Igreja Católica (PORTAL DA CNBB 2011). Tal experiência foi vivenciada nas comunidades católicas urbanas e rurais.

5.1 Conhecendo um pouco mais desse lugar chamado Soledade

A combinação das condições e aspectos econômicos, políticas e sociais marcam cada localidade. Segundo Murdoch e Marsden (1994) e Kageyama (1998), as localidades rurais são pontos de encontros dos diversos conjuntos de relações sociais que interagem em forma de redes. Nesse processo de interação ocorre a conformação do caráter material e social local, onde alguns atores podem impor seus interesses sobre outros, expandindo ou retraindo essas redes ou conjuntos de relações. Assim, diversas redes de relações podem compor uma localidade.

Em Soledade, para alguns líderes o rural é sinônimo de tranquilidade, de abundância, de qualidade de vida.

Pra mim, aqui é o melhor lugar de se viver, eu gosto da roça. E olha que eu já morei em muitos lugares. Aqui nessa comunidade a gente vive bem, é tranquilo, a gente tem muitos amigos, conhece todo mundo, eu não troco a vida da roça pela vida da cidade, eu gosto da tranquilidade da roça. Na roça tem fartura e a gente tá mais próximo da natureza. A gente trabalha muito e pesado, mas a gente tem qualidade de vida. Eu acho que num saio daqui não, só quando Deus quiser! Rsrtrs (João G. M., 40 anos, casado, entrevistado em 31/07/2010).

A obra clássica de Sorokin e Zimmermann (1929) sugere uma série de traços essenciais na diferenciação dos espaços urbano e rural. De acordo com esses autores, a base para o entendimento do rural está nas particularidades de sua economia. O rural abrigaria, preferencialmente, a produção agropecuária, sendo que todas as outras características observadas no campo estariam vinculadas a essa atividade econômica. Outros tipos de atividades não agrícolas se apresentam quase que como acessórias e não se destacam como principal meio de subsistência dos indivíduos que habitam o meio rural.

Soledade encontra-se localizada em uma região que oferece trabalho durante todo o ano e atrai pessoas de outros lugares. O trabalho é intensificado na safra, sendo necessário o transporte de trabalhadores de comunidades e até de municípios circunvizinhos. Na safra as famílias estão envolvidas na colheita do café e na entre safra os mesmos trabalhadores cuidam

das lavouras: na capina, poda, replanta ou plantio de novas lavouras de café, no cultivo de milho e feijão. Isso ocorre tanto nas lavouras dos proprietários como de meeiros ou parceiros.

Na entrevista um destaque para a narrativa de um líder da pastoral do dízimo que morava em outro município. Observa-se em sua fala a razão principal da mudança para Soledade. Essa fala destaca o motivo da mudança para Soledade de 50% dos entrevistados, que se resume na busca por trabalho na terra:

Nossa vida mudou muito porque lá em Simonésia, as terras eram mais fracas, né? Não tinha como a pessoa trabalhar! Trabalhava, mas plantava mantimentos e não colhia bem, aí surgiu uma proposta cá pra nós, aí, o patrão de lá não queria deixar nós vir pra cá não, aí o futuro patrão foi e falou assim, não, minha terra lá é boa, dá muito mantimento! Aí nós veio pra cá. Pra cá deu certo porque o lugar que continuamos a criar a família deu certinho! (João G. M., 40 anos, casado, entrevistado em 31/07/2010).

Assumimos Soledade como uma localidade rural, geograficamente cortada pela BR-116, formada por minifúndios, pequenos proprietários e meeiros, ou seja, características de uma comunidade de pequenos produtores agrícolas. A monocultura é uma característica regional de Manhuaçu e Soledade também se insere nesse perfil. O cultivo de lavouras de café é o seu principal meio de reprodução, também o cultivo de hortaliças e de grãos essencialmente para consumo familiar é uma das fontes de produção. Como faz parte de uma região produtora de café, juntamente com todo o município contribui significativamente com a renda da economia local e regional, uma *commodity* agrícola importante no mercado brasileiro. Não contando com a produção mecanizada e de alta tecnologia, como é característica da pequena produção agrícola, Soledade está localizada numa região montanhosa, responsável pela produção do café conhecido como café da montanha, produto que vem melhorando a qualidade e competindo no mercado destinado à exportação.

Em Soledade não existem grandes propriedades. A terra é mais bem distribuída que em outras regiões, a maioria é composta por pequenos e médios proprietários, mas que já fazem uso de algumas tecnologias como: máquinas de limpar e secar café, de beneficiamento (torrefação e empacotamento), caminhões, automóveis para uso familiar, computadores com uso de internet e o mais popular aparelho de telefone, o celular – hoje, praticamente toda

família em Soledade possui um ou mais de um aparelho –, aproximando-se de dados de pesquisas publicadas no Brasil sobre Minas Gerais recentemente³⁹.

Sua população é de aproximadamente 200 famílias e 1100 habitantes (dados fornecidos pelo Programa de Saúde da Família - PSF - Municipal, Secretaria Municipal de Saúde de Manhuaçu). Soledade é marcada por uma religiosidade, as pessoas participam, vão à igreja celebrar, ingressam nos trabalhos pastorais, nos movimentos, tudo isso mantém uma influência importante na vida das famílias que residem nessa localidade. Aproximadamente, 70% da população é formada de católicos e 30% dos demais se dividem entre as religiões: Assembleia de Deus, Maranata e Testemunhas de Jeová, ou não participam de nenhuma religião. Essa população não católica precisa sair de Soledade para frequentar cultos religiosos, pois na comunidade não existem prédios para o culto evangélico ou de crenças diferentes da religião católica.

A religião é tida para as pessoas como uma outra família: “família sem religião não existe, uma faz parte da outra”. Assim, falar de religião conseqüentemente nos induz a abordar discussões sobre famílias.

Eu não vejo minha família sem religião sabe? Pra mim a igreja e a comunidade é também minha família, é tudo misturado, uma tá dentro da outra, não sei separar, porque Deus não disse: vós sois todos irmãos, então”, somos uma família. (Mariana, 31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

Para todos os(as) líderes entrevistados(as), a “família é um bem extremamente valioso”, ela possui valor moral na opinião das pessoas “família e religião devem caminhar sempre juntas”.

Para os moradores de Soledade família e religião se apresentam em conexão com gênero. Religião, família e gênero em se tratando de soledade configuram mais que uma particularidade, uma dimensão da vida coletiva, distingue e garante redes de relações que garantem a reprodução biológica e social. A família ganha destaque em relação ao indivíduo. Aliás, sujeitos são definidos em função de suas conexões de família.

³⁹ Em dezembro de 2010, Minas Gerais superou a marca histórica de uma linha de celular por pessoa, somando 20,4 milhões de linhas para os 19,6 milhões de habitantes. Apenas entre novembro e dezembro 567.105 foram ativadas, subindo de 97,86 linhas de telefone para 100,59 para cada 100 habitantes, conforme dados da Anatel. Disponível em: <<http://www.seestel.com.br/telecomunicacoes/minas-gerais-ultrapassa-a-marca-de-um-celular-por-habitante/>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

A família pode ser pensada sob diferentes aspectos, enquanto unidade doméstica, unidade de reprodução social, unidade de residência, de parentela, de consaguinidade e afinidade; como uma díade nuclear, “alargada” ou “extensa”, reconstruída, ou homossexual; monoparental dentre outras. Relações diversas que remetem a modelos classificatórios como tradicional, moderna, estáveis – “equilibradas” – ou instáveis – rígida, super-protetora, permissiva, centrada nos filhos, centrada nos pais. Essa miríade de possibilidades denuncia alterações de atribuições de famílias, mas essencialmente demonstra sua permanência histórica e a centralidade que ocupa no mundo social; quase sempre informada por prescrições, normatividades e modelos ainda que nunca cumpridos ou de difícil realização, informam as pessoas no mundo. A dificuldade de tomar família como objeto de análise decorre do fato de sua naturalização e universalização por sua própria configuração de reprodução biológica e social. Em Soledade, a família se configura como valor moral, assegurando as condições materiais necessárias à reprodução social, como: instituição, referência e local de segurança, como formadora e divulgadora de um vasto conjunto de valores, imagens e representações, como um conjunto de laços de parentescos, grupo de afinidade, com variados graus de convivência e proximidade e de tantas outras formas. Existe uma multiplicidade de formas e sentidos de analisar o termo família, construído e pensado sob os mais variados enfoques através das diferentes ciências e referenciais teóricos acadêmicos.

A família é a esfera da vida social mais naturalizada pelo senso comum, porque regula atividades de base biológica, como o sexo e a reprodução humana.

Levi-Straus (1980), ao demonstrar as estruturas elementares do parentesco, deu um passo decisivo para a desnaturalização da família ao retirar da família biológica o foco principal. A família passou a ser vista como atualização de um sistema mais amplo e quando separa o fundamento biológico da consanguinidade com os fundamentos sociológicos da aliança. O autor desnaturaliza família e mais que isso, experimenta as trocas que fundamentam o social.

A família, de acordo com Bourdieu (1993), é um agente ativo, fundado sobre um conjunto de pressuposições cognitivas e de prescrição normativa ligada à “boa maneira de viver”. Maneira de viver marcada por confiança e gratuidade, onde deixa em suspenso os interesses.

De acordo com Velho (1978), o significado de família está vinculado a uma rede de outros significados e supõe um todo mais ou menos sistemático e não necessariamente

harmonioso. A unidade existente na família ou em unidades particulares, conforme mencionada não significa necessariamente harmonia.

No espaço religioso, em especial na Igreja Católica, é conferido à família lugar de destaque, “religião e família devem caminhar juntas, pois uma depende da outra”. Para os líderes entrevistados em Soledade, a família aparece como a “base de tudo”. Na opinião dos entrevistados, “família e comunidade é uma união necessária” e “quando a família não vai bem a comunidade também não vai bem”. Comunidade, para os líderes em Soledade, é comunidade religiosa, em alguns momentos citam o termo comunidade com o mesmo significado de Igreja Católica ou até mesmo de religião. “Um grupo que se ajuda de forma mútua, que disputa o mesmo espaço, uma comunidade”.

Eu acho que a religião e família, a religião trás uma estrutura pra família, porque a família que participa dos momentos comunitários, família que sempre tá à missa, no culto igual nós sempre temos aqui, eu acho que tem uma grande força, a religião trás um grande apoio, na família, no emocional, pra fortalecer a união dentro de casa. Cê tem facilidade pra tá decidindo as coisas, cê tem facilidade pra tá discutindo alguma coisa, cê pensa que eu sou católico, sou religioso, pra mim eu mudei muita coisa na família através da religião. Minha família hoje é mais unida, todos participam, parece que a gente fica mais confiante (Marcos, 42 anos, casado, entrevistado em 02/07/2011).

Percebe-se que a família é tida como valor moral, de responsabilidade ética, uma instituição que deve ser muito bem cuidada. A descrição de família é usada pelas pessoas como metáfora. A importância da conexão entre família e movimento pastoral na religião é expressa na opinião de Mariana, em entrevista dia 30 de julho de 2010:

Eu acho que, é uma coisa engraçada, porque aqui na comunidade, tem família que trabalha junta: é o pai, a mãe, o filho, a filha. É mais uma união entre a família e os trabalhos, porque tem gente, é quase todo mundo que trabalha na comunidade, tem sempre dois ou três da família, então eu acho que é uma união que tem dado certo: a família, com a comunidade e os trabalhos pastorais. E nossa comunidade nisso é uma comunidade muito bem servida de pessoas pra tá trabalhando. Uma comunidade muito boa pra cê tá trabalhando, e é por causa disso que tem bastante união entre a família, a família em geral, tanto de um lado e de outro, um de um lugar outro de outro, mas sempre duma família tem duas ou três que tá participando da comunidade, um ou dois participam de uma pastoral, de outra pastoral, acho que é uma união perfeita: família e comunidade (Mariana, 31 anos, casada, entrevistada em 30/07/2010).

Em diferentes momentos nas entrevistas os líderes afirmam que “a igreja e a pastoral são uma segunda família”. Muitos buscam na religião e nos trabalhos pastorais, características

que gostariam de encontrar na família, como sociabilidade, segurança, diálogo e respeito. Buscam na religião soluções e alternativas para os problemas que não são resolvidos ou extrapolam os limites da família: rezam pedindo saúde, união para a família, a cura de uma doença, a volta do companheiro, mais recurso econômicos, a recuperação de alguém, o abandono de algum vício etc.

Foi, foi muito importante! Foi importante o fato de eu ser perseverante, né? Porque eu podia ter desanimado tanto o fato de eu ser perseverante, e junto com meus filhos, eu tive apoio dos meus filhos, eles falavam: ‘não vão não mamãe, eu falava: vão sim meu filho’ e a gente vindo e o marido sentiu aquilo com certeza, né? ‘Nossa, minha família lá vai’ e deve que ele sentiu vergonha da gente vindo e ele não vinha! Mas aí tudo bem, foram sete anos assim, depois, quando ele veio eu senti mais força ainda, aí eu senti que a força tá na caminhada de fé! (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

Vitória, não desistiu, e conseguiu levar o marido para a igreja, ela relata sua história de vida com lágrimas nos olhos, se emociona e diz que tem orgulho do que fez, considera-se “poderosa” por ter levado o marido para a Igreja. Este fato possui para ela grande significado “me sinto orgulhosa por ter conseguido tamanha façanha” ela diz.

Compreendemos que para este grupo a religião possui o poder de apontar soluções para problemas existenciais de vida e de morte do ser humano. Se essas necessidades não são satisfeitas na família, o espaço religioso composto pelos grupos e pastorais apresenta-se como alternativa de suprir essa satisfação.

A mulher vem ocupando um espaço historicamente masculino e está presente em todas as pastorais na comunidade, mesmo que ainda não tenha ocupado posições de maior status como a coordenação geral, mas se envolveu de forma significativa nas atividades e trabalhos comunitários. Em Soledade, essa realidade possui um significado de rompimento com algumas tradições machistas. Para essas mulheres o reflexo é sentido diretamente na família, que vem transformando-se em função desse novo posicionamento da mulher no meio social.

Eu era mais tímida, agora não, agora se for pra eu dirigir uma reunião lá na frente ou qualquer coisa eu tenho coragem! Se a pessoa chegar pra mim pedir pra eu ler uma leitura, um evangelho, fazer uma reflexão é na hora, não chego nem a tremer, eu consigo fazer, então mudou muito pra mim, eu acho que a autoestima melhorou. Em mim, a autoestima melhorou bastante. Eu acho que mudou muito nessa parte, eu acho que o apoio, o jeito né, que a gente chega a ter uma confiança maior na gente, às vezes a gente fica meio tímido por ser mulher! Agora num tempo pra frente, cê vai modificando, eu acho que tá tendo mais firmeza no que cê faz (Lúcia B., 45 anos, casada, entrevistada em 07/08/2010).

A convivência familiar propicia a reorganização de estratégias de vida, em face de novas situações. Uma delas também é a participação da mulher no orçamento familiar que altera o poder e redistribui o trabalho doméstico – realidade diferente daquela apresentada pela história num passado próximo o qual ainda não nos desprendemos como a total submissão da mulher mãe e esposa no modelo patriarcal, por exemplo, tão evidentes nos séculos XIX e XX.

De acordo com Theirborn (2006), na configuração do modelo de família patriarcal, a figura paterna tinha total poder sobre os demais membros da família. Tal modelo implica no poder do pai sobre a filha (do pai sobre o filho era uma versão mais suavizada daquela exercida sobre a filha) do marido sobre a mulher. O poder paterno era expresso através das normas de representação sobre os demais membros e nas decisões sobre suas vidas. À mulher quase sempre idealmente cabia o papel de submissão ao marido, com suas ordens cumpridas sem questionamentos, cabendo, inclusive, a este, a decisão sobre o trabalho que ela poderia desempenhar.

Igual meu pai e minha mãe, ah é, ele que era o machão da casa, só ele falava a família toda obedecia, porque não era só mãe não, né? Isso mudou muito, melhorou demais, que a mulher não tinha voz nenhuma dentro de casa e agora tem (Marta N., 49 anos, casada, entrevistada em 07/07/2010).

No entanto, esse quadro está sendo moldado de forma bem diferente, a partir do momento que a mulher foi se inserindo no mercado de trabalho para ajudar a sobrevivência do núcleo familiar. Mesmo sendo uma “força de trabalho desqualificada” quando comparada à masculina, que conquistava os melhores postos de trabalhos e recebiam melhores salários, as mulheres foram transformando a identidade exclusiva de ser mãe de família e “dona de casa”. Essa modificação fragilizou a estrutura familiar tradicional ao mesmo tempo em que exigiu da família adaptação à nova realidade.

São vários os modelos e configurações que as famílias assumem incorporados a mudanças em seu modo de vida e, conseqüentemente, na divisão do trabalho doméstico entre seus membros. Temos hoje várias famílias chefiadas exclusivamente por mulheres que assumem para si o cuidado da casa, dos filhos e sua sobrevivência financeira. Essas novas realidades familiares nos levam a refletir um pouco mais sobre a participação da mulher em atividades antes vistas somente como masculinas e suas implicações nas estruturas familiares.

Segundo Wagner *et al.* (2005), o que ocorre em parte das famílias brasileiras de classe média é um processo de transição. Alguns casais atuais iniciam uma divisão do trabalho

doméstico entre os quais compartilham a responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos, que outrora era exclusividade da mulher, e a manutenção financeira, que antes era uma responsabilidade dos homens; dentre outras atividades referentes à manutenção do núcleo familiar. No entanto, não podemos afirmar que essas mudanças ocorrem de modo semelhante em todas as famílias e instituições.

Em Soledade, percebem-se insatisfações e certo inconformismo das mulheres por ainda pertencerem a uma sociedade machista e tradicional, porém sem uma posição mais radical e decisiva que indique transformações estruturantes na organização do espaço doméstico, bem como na condição de dependência masculina. Alguns homens sinalizam a necessidade de mudança e reconhecem a importância da mulher nesse processo. Mas, a maioria dos homens entrevistados ignora a diferença instaurada nesse espaço e possuem uma visão essencialista, conseqüentemente naturalizada da mulher.

Nas relações de gênero no espaço da família e da religião, definir submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação, que é uma relação histórica social e linguisticamente constituída, é sempre afirmada como uma diferença de ordem, natural, radical, irredutível e universal. O essencial é identificar para cada configuração histórica os mecanismos que enunciam e representam como “natural” e biológica a divisão social dos papéis e das funções (SOIHET, 1989).

É, tem coisa ali que é só o toque da mulher que vai acertar. Por exemplo, tem lá o arranjo do sacrário, onde coloca lá as flores aquilo ali é uma coisa que o toque da mulher pra chegar no lugar! Então, não tem, sempre a mulher tá ali, não só pra, tem uns detalhes que não tem como, o arranjo ali, a participação da mulher é muito importante, não é a questão do trabalho, que ela tem que fazer! Não! Mas é questão daquele toque, né, feminino é muito importante! Tem também a pastoral da criança, que a participação da mulher, o pessoal que tá sempre lidando, né, com as mulheres, mães, mulheres grávidas, então a participação da mulher é fundamental ali no trabalho. A pastoral da terceira idade que tem um jeitinho melhor pra lidar com o idoso, com a idosa, então já tem o homem que é jeitoso pra lidar com as pessoas, é por isso que tem que ser os dois lados, né? Não pode, a pastoral que só tem mulher, só tem homem, vai ter dificuldade, né? Então tem que ter essa mistura (Marcos R., 42 anos, casado, entrevistado em 23/07/2010).

As fissuras que a dominação masculina por ventura deixa entreaberta ou que as mulheres constroem como espaço de resistência não assumem a forma de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma resistência. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação

de sujeição e inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra seu próprio dominado (SOIHET, 1989, p.107).

No discurso da maioria dos líderes de Soledade não existe discriminação entre homens e mulheres, porém a prática é reveladora de uma desigualdade acirrada e marcada pela diferença.

É igual eu te falei. A relação entre mulheres e homens, sei lá, se for olhar pro lado, Deus fez homens e mulheres pra viver junto um do outro então a relação entre família e comunidade é bom assim não tem divisão, né? (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Quando explicitam sobre a importância da mulher no movimento pastoral e na religião, é reforçada onde começa a diferença. A família aparece e o homem pode e deve participar, mas, na visão de Carlos, é melhor que a mulher fique em casa, no lar, cuidando dos filhos, de um familiar doente ou limitado.

É tipo assim, igual a minha mulher mesmo, ela quase não vem na igreja porque ela tem as obrigações em casa, então eu vejo assim, não tem muita diferença não, se ela tiver tomando conta de alguém em casa, talvez é melhor ela ficar em casa do que ir à igreja e deixar alguém que tá precisando em casa, então eu acredito que para Deus não existe diferença (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Ao ser interrogado como essa realidade era vista pela esposa e se ela manifestava vontade de participar, ele diz:

É ela sempre comenta comigo: é eu poderia ir com você na missa, no culto, mas como que eu vou e vou deixar minhas meninas! Eu falo pra ela, cê estando tomando conta dos meninos é mesma coisa de cê tá indo ao culto (ele gagueja) eu acho que se ela deixasse a sua irmã os meninos e viesse pro culto eu não ia sentir bem, sei lá, mas às vezes eu fico mais feliz dela ficar com a família em casa do que tá vindo pra igreja e deixando quem tá precisa dela lá! (Carlos, 43 anos, casado, entrevistado em 25/07/2010).

Inseridas em uma cultura conservadora e machista, as próprias mulheres parece não ter consciência da condição de submissão e de desigualdade, da diferença em relação ao homem. Para a maioria é uma condição natural da mulher, além de ser um “problema” da mulher e não do homem – o cuidado com a casa, o lar, a família como prioridade, naturalizando e

essencializando atitudes, comportamentos e o prescrito pelo grupo como sujeitos feminino e masculino.

Quando Ricardo afirma sobre a relação de homens e mulheres nas pastorais, ele o faz em termos de quem apresenta a melhor opinião. Como se quem nunca pode dar opinião pudesse dar a melhor:

_Acho que quanto mais conviver melhor é, eu acho que entra mais a questão de opinião, né? A mulher vai dar uma opinião se ela for boa ela tem que ser aceita, o homem também tem que ser aceita. Embora, nós nunca tivemos uma coordenadora mulher! Nunca teve não!

_ Porque você acha que nunca teve?

_ Ah, eu acho que as mulheres tá dando o mole tá não? Tá precisando participação? Não sei, isso tem que perguntar pras mulheres, não é pra mim não (risos)! (Ricardo, 23 anos, solteiro, entrevistado em 25/07/2010).

Marcelo tem sua opinião sobre a relação de homens e mulheres nas pastorais. Como uma relação marcada por ideias machistas e conservadoras, que apresenta sinais de existência de uma realidade instalada sobre a diferença.

_ Eu já comentei aqui com Maria, eu ainda acho ainda que nós temos no meu ponto de vista poucas mulheres desenvolvendo grandes trabalhos, talvez seja não sei, talvez seja como eu poderia dizer, mais no caso da coordenação, nós tivemos uma coordenadora só até hoje ou não! Uma vice!

(A esposa sentada ao lado na mesa, que não quis ser entrevistada e que também é líder, interfere dizendo: e ela não coordenou nada porque os homens não deixaram! O marido sorri meio sem jeito).

_ Sempre é homem, talvez a nossa comunidade, por exemplo, tá um pouco machista ainda.

_ Não sei se é os homens que não deixa ou as mulheres que não assumi o, a frente, tem pesos e medidas aí, pode ser aí os homens que as vezes que sempre vão na frente ou as mulheres que ficam sempre no cantinho, tem as duas partes aí (Marcelo, 42 anos, casado, entrevistado em 04/08/2010).

Constata-se que o poder é distribuído de modo desigual entre homens e mulheres. Corroborando o que Gebara (2000) assume primeiramente, elas ocupam, em geral, posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também na organização das religiões em todo o mundo, aludindo à Igreja Católica.

Os estudos de gênero instrumentalizam para entendermos posições normativas, que são construídas como se fossem produto de um consenso e que não existissem conflitos nessa relação conforme assinala Bidegain (1996). Para essa historiadora, a utilização de categorias de análises como a de gênero permitiria entender a contradição histórica entre a vida cotidiana

e a moral dominante defendida pelas instituições e organizações sociais e religiosas, tão características das nossas sociedades latinoamericanas. Vários estudos têm se baseado no referencial teórico de gênero, na tentativa de reconstruir o histórico da atuação feminina nos mais diferentes contextos e esferas sociais. Uma pesquisa que adota o gênero como categoria histórica e analítica e que enfoca o cotidiano religioso tem a possibilidade de desvendar “papéis” e identidades invisíveis dos sujeitos, possibilitando a obtenção de novas experiências concretas da inter-relação entre mulheres e homens em sociedade.

Acredita-se que é preciso rever conceitos, valores, preconceitos, para assim reescrever uma “nova história”, como nos disse Scott (1990), que tenha como foco o ser humano e sejam respeitadas as suas diversidades. Pensar com gênero é se aventurar em outro olhar, a partir de outro entendimento, na tentativa de romper e desconstruir paradigmas.

Em Soledade, o significado de pertencer a um lugar de prestígio e poder está associado aos cargos de lideranças das pastorais e grupos na Igreja Católica. Esse prestígio é ainda maior quando esses(as) líderes fazem parte do CPC (Conselho Pastoral Comunitário) da comunidade. O CPC é um lugar de decisões importantes e pertencer a ele representa para a liderança poder.

Weber (1997) afirmou que as religiões não somente oferecem sentidos e significados para a existência de respostas ou questões que se tornam parte da cultura estabelecida e das estruturas institucionais de uma sociedade, como também influem, de maneira mais íntima, nas atitudes práticas dos homens com relação às várias atividades da vida diária, independentemente da proposta ou garantia de salvação.

Vale ressaltar a afirmação de que a prática religiosa confere às pessoas “poderes que agem como se fossem reais e determinam a conduta das pessoas com a mesma necessidade de forças físicas” (DURKHEIM, 1968, p.326). O objeto de análise desta pesquisa pode ser tomado como um lugar de poder em comunidades como Soledade, ou seja, de prestígio.

O CPC é composto por todos os líderes coordenadores de cada pastoral e movimento da comunidade, como dito anteriormente, tem poder de decisão e influencia firmemente a opinião das outras pessoas pelo prestígio que este lugar ocupa na comunidade estudada.

As pastorais são sustentadas pela ação social e política, representada por suas lideranças. Quanto mais ações são desenvolvidas em uma pastoral mais prestígio a coordenação daquela pastoral adquire no grupo. O prestígio do líder é também associado aos

resultados alcançados em determinado trabalho. “Todas as linhas de pastorais giram em torno do coordenador”.

“Se eu fiz um bem pra comunidade, esse bem vai reverter pra mim”. A reciprocidade aparece mesmo no espaço de poder. O líder espera receber algo em troca pela doação à comunidade. Ao mesmo tempo em que se sente valorizado pelas pessoas que reconhecem, de alguma forma, o seu trabalho.

Eu me sinto primeiramente valorizado pela comunidade, ser valorizados por eles mesmos, não é pela comunidade, eu tenho que deitar na minha cama e falar: eu fiz um bem pra minha comunidade, se eu fiz um bem pra comunidade, esse bem vai reverter pra mim, em forma de, assim, como é que eu falo, é coisa da vida da gente da vida mesmo sabe, se eu fiz o bem, eu vou receber o bem, a própria mente da gente vai ter esse sentimento, né? Essa lei da atração, né? Ela vai e volta, né? Ela bate e volta (Ricardo, 23 anos, solteiro, entrevistado em 25/07/2010).

Edson fala do significado de ser líder na comunidade de Soledade, descreve características e funções da equipe com quem trabalha e de que forma as mesmas são distribuídas.

Olha, pra mim significa muito, porque a gente tem que dar conta daquela coisa que eles confiaram na gente e tem que prestar conta daquilo, eu tô na coordenação vai fazer dois anos, a gente não vai resolver os problemas tudo da comunidade, a gente tá aí pronto pra ajudar, né, a resolver os problemas, a gente corre atrás de muita coisa, hoje mesmo eu já fui à Manhauçu buscar as coisas, então cê tem aquela obrigação de tá ajudando a comunidade a resolver suas coisas. Nós temos aqui na coordenação uma equipe de três pessoas que no caso sou eu coordenador, o Luis vice o tem o tesoureiro que é o Fábio que mexe com as finanças, entrada e saída de dinheiro, todos os relatórios de entrada e saída é com ele, com o tesoureiro e nas outras equipes cada uma tem seu coordenador, cada pastoral tem seu coordenador, deve ter seu tesoureiro, quando envolve finanças tem também, igual a pastoral da criança tem, a pastoral da pessoa idosa tem, a PPI, nas conferências também tem sua equipe, né? Com coordenador que é o presidente e os tesoureiros (Edson, 51 anos, casado, entrevistado em 26/07/2010).

Os cargos de tesoureiro e secretário não são colocados em votação, são de livre escolha e indicação do coordenador e vice.

Olha, eu acho que em todas as pastorais e mesmo na coordenação, por exemplo, o tesoureiro tem que ser uma pessoa escolhido, não é “escolhido a lápis”, mas escolhido, tem que desenvolver o trabalho como tesoureiro, porque tem pessoa que tem boa vontade, tem tudo, mas não sabe lidar com a escrita, nem colocar em ordem, o secretário também, cê vai ter que escolher mais bem escolhido, ele vai ter que saber escrever, fazer uma ata, então tem cargo que cê tem que ter uma gravidade, é escolhido mais separadamente, não pode ser escolhido em votação,

quando faz a coordenação o pessoal vota no coordenador e vice, mas o tesoureiro é a cargo de escolha do coordenador. Porque ele vai escolher uma pessoa que saiba trabalhar com tesouraria, ele tem que ter uma “contabilidizinha” por que se não, a coisa fica complicada. E também o cargo de secretário, não pode por qualquer pessoa não pode secretariar uma pastoral, se ele não tiver condições de anotar e escrever tudo ele não vai desenvolver o cargo da melhor maneira possível, vai ter dificuldade. Então tem cargo que tem especialidade na escolha (Edson, 51 anos, casado, entrevistado em 26/07/2010).

A Igreja Católica possui estrutura marcada, ao longo dos séculos, por uma dimensão patriarcal, ao centralizar o poder, de fato o que se considera poder de forma exclusiva na mão de homens celibatários⁴⁰. A estrutura hierarquizada, vertical e de modelo masculino influencia e reforça esse poder tido como patriarcal, contribuindo, por meio de vários discursos e do poder simbólico, para o fortalecimento da passividade, submissão e exclusão da mulher. Paralelamente a essa política, observam-se descontentamentos e, por conseguinte, deslocamentos por parte de homens e mulheres inseridos nesse contexto que, a partir de suas atuações, buscam modificar e rever as suas identidades na Igreja.

As coordenações das pastorais, como a da catequese e a pastoral da criança, em sua maioria foram coordenadas por mulheres, nesse caso verifica-se que as características construídas socialmente coladas à identidade da mulher, como cuidadora, protetora, educadora, é reproduzida na comunidade: “a mulher tem mais jeito pra cuidar de criança”; “a mulher tem mais jeito pra ornamentar”, dentre outras afirmações que reforçam a naturalização. Mesmo nos cargos de coordenação, ela assume àqueles que possuem um “perfil feminino”.

Eu me sinto mais responsabilidade que eu tenho, né, que além de ser catequista, eu não sou só catequista, sou coordenadora da catequese! Então eu acho que é uma responsabilidade maior que eu tenho de tá levando não ser só catequista, mas coordenar um grupo coordeno um grupo de 14 catequistas, isso é, a responsabilidade dobra mais! Então é isso que eu sinto, eu sinto uma responsabilidade maior. Eu sinto bem, sinto uma responsabilidade maior, mas as coisas que eu faço eu tô fazendo por amor, então eu sinto bem mesmo falar a verdade, ah, não eu vô por obrigação, eu vô porque eu me sinto bem (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 28/07/2010).

Na narrativa de Vitória, o termo responsabilidade aparece várias vezes. Assumir cargos que em sua maioria foram ocupados por homens “É uma responsabilidade maior”,

⁴⁰ Celibatário é condição de solteiro exigida pela Igreja Católica para um homem tornar-se padre ou religioso, a instituição apresenta limitações estruturais que dificultam ou até mesmo impedem relações de gênero igualitárias.

porque ela, como tantas outras mulheres, precisa “provar” que dá conta do recado, não pode errar e ainda precisa fazer melhor, porque ela é mulher. Inserida nesse contexto, ela, a mulher, sente a sobrecarga da “responsabilidade”.

Marta se sente mais respeitada pelas outras pessoas da comunidade desde que assumiu um cargo de liderança. Hoje, ocupando o cargo de ministra, percebe que é diferente. Em sua opinião, é mais respeitada pelas outras pessoas e líderes da comunidade do que antes, quando não exercia a função de líder.

A gente é mais respeitada, né? Com certeza a gente sente mais sei lá, mais querida pelo povo, eles veem mais a gente também, eu acho assim (Marta, 49 anos, casada entrevistada em 23/07/2010).

Ser ministro da eucaristia para muitos significa o cargo de maior prestígio, acompanhado do cargo de coordenador geral. Em uma das reuniões de CPC, a qual estava presente, um líder se referindo à responsabilidade de ser ministro disse: “o cargo de ministro é a posição máxima que um líder pode chegar, então ele precisa responder à altura do que lhe foi confiado”.

Além de ser líder, ele(a) tem permissão da Igreja, através da autorização do bispo, para tocar no símbolo mais importante e mais sagrado para a Igreja Católica: a hóstia, que, no ritual da “consagração da comunhão”, transforma-se em eucaristia, corpo de Cristo.

Eu fui ministro da eucaristia, foi uma bênção de Deus, porque muita coisa que eu fazia eu deixei de fazer pra ser ministro, quando cê pensava em fazer eu falava opa, tem alguém me olhando! Cê via deixando de fazer muita coisa, até na família mesmo, muita coisa que às vezes cê discutia, aí cê opa esse negócio, cê tem que ser um espelho, não só minha família, mas na comunidade, pros vizinhos, pra pessoa que... E isso é gratificante pra mim, porque com isso eu acabei adquirindo um respeito das pessoas né, por isso. Tem um prazer da pessoa chegar e dizer: “rapaz eu te admiro muito por isso, isso, isso”. Me marcou a época de ministro da eucaristia, é uma coisa que quando eu fui convidado, nem pensava isso, e eu não dei a resposta minha na hora, aí depois de uns três dias mais ou menos, conversando com minha mãe, com minha esposa, aí eu aceitei. E ter aceitado aquilo foi uma coisa que marcou, aqueles três anos pra mim marcou, cê chegar na casa do doente, o doente tá lá, com a mesinha arrumadinha, aguinha, durante três anos foi uma coisa que marcou, deixou marca, sabe, que as pessoas me chamando de senhor, via na gente assim, alguém que né, que a gente as vezes nem era e via na gente sabe, aquilo é uma coisa, eu pra mim foi... E a questão do respeito que a gente conseguiu das pessoas naquele tempo, igual eu falei quando cê chegava no bar, se eles tivessem falando alguma coisa, eles paravam porque tinha chegado o ministro da eucaristia, então aquilo foi uma coisa que me marcou muito dentro desses três anos (Marcos, 42 anos, casado, entrevistado em 23/07/2011).

O sentimento expressado tanto por homens e mulheres sobre o significado de ser ministro ou ministra da eucaristia é similar. Atualmente, em Soledade, há mais ministras mulheres. E apesar de ser um cargo de prestígio, hoje é associado ao “perfil feminino”: “a mulher é mais cuidadosa, detalhista, sabe organizar e enfeitar o sacrário⁴¹, nós homens não levamos jeito pra isso não”.

Ser ministra foi uma coisa que me aconteceu mais... Assim, uma coisa vinda de Deus mesmo! Eu ajudava o meu marido na época, ele era ministro, quando eu fui convidada, eu até chorei de alegria, que eu não esperava ser ministra! Aí no momento que eu fui convidada aí foi a melhor coisa da minha vida, nesses três anos que vai completar agora, sei lá parece que eu realizei tanta coisa, que às vezes não sendo ministra eu não teria realizado, pra mim foi a melhor coisa que me aconteceu! Muito bom! (Lúcia, 45 anos, casada, entrevistada em 29/07/2010).

O cargo é de exclusiva indicação do pároco que investiga junto aos líderes sobre a conduta das pessoas e características, as quais corresponderiam ao cargo a ser assumido e precisa ter aprovação formal do bispo da diocese correspondente⁴². Além da conduta moral, a forma de vestir-se e apresentar-se em público é importante. Concomitantemente, pessoas que não corresponderem a esses critérios não estão aptas a assumirem o cargo.

Essas normas excluem muitas pessoas que gostariam de ser ministros e jamais seriam “escolhidas” para tal. Se chegarem a assumir, podem ser pressionadas e acabam deixando e entendendo que não se enquadram em tal modelo.

Eu mesmo trabalhei de ministro da eucaristia e minha dificuldade foi na comunicação, que a pessoa via de uma forma assim, parecia que tinha medo da gente sabe, a discriminação entra nesse sentido sabe, na época que eu era ministro, eles queriam me impor uma situação: ah que tinha que rapar barba, ah que tinha que andar com sapato novo no pé, uma roupa nova! Eu nunca consegui acompanhar essa imposição.

_ Essa imposição era colocada por quem?

_ Isso era colocado pelos líderes mesmos!

_ Pelos líderes da comunidade?

_ Não, tipo assim, isso vinha de lá pra cá, né? Mas a comunidade abraçava isso, né? Achava que tinha que ser daquele jeito mesmo. Mais eu acabei não respondendo aquela situação e por isso eu fiquei me senti discriminado nesse sentido sabe, mais deixado de lado, mais no cantinho! (voz de tristeza).

_ E isso te incomodou?

⁴¹ Sacrário é o lugar onde são guardadas as espécies de pão sagrados, ou seja, para os católicos transformados em corpo e sangue de Jesus na cerimônia da comunhão. Normalmente o sacrário é reservado e o local respeitável, sua estrutura é de mármore, granito, bronze, madeira... Na maioria das igrejas existe uma capela dentro da igreja para abrigar o sacrário. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/sacrário>>. Acesso em: 02 fev. 2011.

⁴² (Anexo B) carta de nomeação de ministros.

_ Incomodou demais, porque a gente não conseguia fazer o trabalho né, a gente não tá sendo bem aceito um negócio assim! (respira fundo ao concluir) (Sebastião, 40 anos, casado, entrevistado em 26/09/2010).

Antes da conclusão do trabalho de campo, esse líder abandonou o cargo exatamente por não suportar as pressões sofridas pela Igreja. Imediatamente, outra pessoa assumiu o seu lugar.

Percebe-se que existe toda uma dinâmica na vida da liderança da comunidade. Algumas organizações são dependentes hierarquicamente da paróquia e da diocese, e assim sucessivamente.

Existe uma organização muito bem estruturada na Igreja Católica, marcada pelo poder e pela dominação. Parte do esforço teórico e analítico de Bourdieu (2001) se concentra em vincular o aparato religioso à formação social, demonstrando que a estrutura dos sistemas de representações e práticas religiosas tende a assumir a função de instrumento de imposição e legitimação da dominação, contribuindo para assegurar a dominação de uma classe sobre outra, para a domesticação dos dominados.

Historicamente, as mulheres foram e são dominadas pelos homens. A cultura masculina que ainda oprime grande parte das mulheres reforça também no espaço religioso esse lugar de dominação e da diferença de gênero.

5.2 A conquista de espaço pelas mulheres na comunidade de Soledade

Falamos do “lugar” da diferença na busca por compreender de que forma se dão as relações de poder e gênero em um dos espaços da Igreja Católica ocupados pela liderança das comunidades eclesiais de base.

Acredita-se que é preciso desconstruir conceitos e preconceitos, para assim “reescrever uma nova história”, que tenha como foco o ser humano e sejam respeitadas as suas diversidades. Pensar considerando a categoria gênero é aventurar em outro olhar, a partir de outro entendimento, na tentativa de romper e desconstruir paradigmas.

Nessa perspectiva, Scott (1990), em “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, afirma:

[...] esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre as estratégias políticas atuais e o futuro (utópico), pois, ela sugere que o gênero deve ser

redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça (SCOTT, 1990, p.19).

A proposta teórica apresentada por Scott (1991) explica o conceito de gênero, que entendemos como as relações entre os sexos estruturaram-se ao longo da história. De um lado, o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, de outro lado, é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção dessa mudança não segue necessariamente um sentido único. O gênero não é o único campo, mas parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. Conclui-se que o gênero é um meio de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana.

Na prática das ações pastorais a mulher mostra e torna visível o que ela já sabia fazer, porém, dentro de casa, na família ou sem nenhum tipo de reconhecimento. Agora, a mulher sai de dentro da casa e vai para o ambiente público, aqui especificamente religioso, e não vai à Igreja só para rezar, ela trabalha na comunidade e realiza ações relevantes, desenvolve e coordena pastorais e grupos, ações que fazem a diferença. Pode-se afirmar que o trabalho pastoral sem a presença da mulher seria quase impossível de ser realizado, pois elas são maioria nesse espaço e vêm tomando consciência de sua capacidade e aos poucos assumindo espaços, antes exclusivo dos homens.

O envolvimento da mulher no campo religioso também contribui para um despertar no campo social e político.

Deve ter mais ou menos uns 10 anos. Eu sempre andava assim, como dizem, rastejando, sempre as pessoas me puxava eu ia. Aí eu peguei a seguir e fui escolhida pelas pessoas ajudar até mais a frente, aí eu fui líder da pastoral da criança, aí dessa época pra cá foi esticando e não parei mais. Mas, falta alguma coisa, porque igual a gente vê, igual a gente vê a associação acabar, falta alguém pra pegar firme, né? Pra voltar de novo, o grupo reunir e ter mais participação, chamar as pessoas pra participar, reunir, que aí Deus ajudando vai dar, aí as pessoas participando vai saber dos seus direitos, que agora já tem a mulher, tem o sindicato que já tá apoiando as mulheres, porque a mulher agora tem a pasta, a mulher (rural) agora já pode abria a conta no banco, já tem o contracheque, tem liberdade tudo no meio rural agora já tá dando pras mulheres. Então é o momento que o sindicato tá achando pra entrar em movimento, pra ajudar as mulheres se libertarem, eles falam assim, a mulher se libertar, a mulher rural é muito presa, a mulher acha que é são cuidar da casa, cuidar do marido, dos filhos, então eles passam pra gente que mulher não é feita pra isso, a mulher tem que ter seu espaço, seus direitos e não vai demorar muito pra isso

acontecer, tá sendo bem divulgado, bem chamado. Acho que se Deus ajudar dentro de ano já tá acontecendo isso aqui. E se nesse momento tivesse um monte de mulher eu falaria: vamos vestir a camisa e vamos honrar a nossa parte de ser mulher, vamos ter nossos direitos, vamos abraçar nossa causa e vamos apoiar todas as mulheres, né? É o momento que nós temos pra se libertar, de dar o grito de liberdade porque isso é o que tá faltando, tem muita mulher que está presa dentro de casa e esqueceu de se libertar lá fora. Eu acho que é o momento de se libertar! (Lúcia, 45 anos, casada, entrevistada em 29/07/2010).

As mulheres vêm assumindo de forma significativa o espaço público, mesmo que a maioria ainda não tenha chegado aos cargos de maior prestígio social e político⁴³, de maior remuneração e não sejam ainda independentes financeiramente como almejam.

No entanto, legitimar os estudos de gênero e poder em um espaço onde o modelo masculino é privilégio e institucionalizado torna-se um problema e desafio, e, ao mesmo tempo, um processo árduo, moroso, mas instigante. Nesse sentido, entendemos que os estudos de gênero, poder e religião contribuíram com o tema desta pesquisa de forma singular.

Os estudos de gênero contribuem para a produção do conhecimento, porque ampliam o objeto de conhecimento histórico, desnaturalizam as identidades sexuais e, principalmente, postulam a dimensão relacional. As diferenças sexuais, como construções culturais, linguísticas e históricas, incluem relações de poder que não estão presentes somente no masculino, mas numa teia de processos históricos, implicam em ações que constroem, disciplinam, escondem, negociam e resistem.

A Igreja Católica enquanto instituição formadora de opiniões e valores influencia na criação e perpetuação das identidades de gênero. Sendo assim, há uma incorporação das ideias religiosas na sociedade. Ela reforça justamente a ideia da inferioridade da mulher por meio dos seus discursos ratificados nos modelos paradigmáticos de mulher tipificados nas figuras de Maria e Eva, por exemplo. Qualquer tentativa de inversão dessa ordem é contra o *corpus sagrado* que controla a produção dos bens simbólicos. Assim, a análise dos textos de Bourdieu contribui para a compreensão da realidade sobre as formas de dominação subjetivas e incorporadas pelo sujeito. Intrínsecas em nossa sociedade, algumas quase que imperceptíveis, mas poderosas e capazes de continuar mantendo o paradigma da dominação.

⁴³ A chegada da presidente Dilma Rousseff ao maior cargo de representação política no Brasil como aconteceu na última eleição presidencial, mostra à sociedade brasileira que a mulher pode e deve competir e participar assim como o homem, de todos os espaços, inclusive dos públicos. A presença de uma mulher no cargo de presidente é significativa e reforça o que os movimentos sociais defendem e lutam muitos anos, principalmente os movimentos sociais feministas.

5.3 A mulher, a família e trabalho doméstico

Tomando como referencial Bourdieu (1999), em sua análise da sociedade Cabila, na Argélia – onde foi o palco das primeiras pesquisas do autor –, ele estende a explicação da dominação masculina a todas as formações sociais ao destacar que a ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça. Trata-se da divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, como o salão, e a parte feminina, como o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. Essa dominação simbólica, como destacou Bourdieu (1999), opera num campo mágico que incorpora a naturalização dessa dominação por parte de dominantes e dominados, exercendo sobre os corpos um poder sutil que, em nenhum momento, traz o signo da coação física.

Eu acho assim, mulher coragem, né? Tem que ter coragem pra enfrentar os desafios, igual o apoio também é muito importante! Eu sinto apoio, agora tá balanceado, o apoio em todos os setores da comunidade, por exemplo, cê tem o apoio em casa, na comunidade. Mas eu acho que se eu não tivesse apoio eu lutaria de qualquer maneira, porque eu não faço nada pra ninguém ver, eu faço pra Deus! Agora eu acho que o único lugar que se eu não tivesse apoio eu não seria uma mulher líder, é na minha família! Vamos supor se meu marido não me apoiasse, se meu filho não me apoiasse, de repente eu coloquei ele nesse caminho, então meu objetivo, meu desejo, era que os meus filhos fossem pessoas boas, pessoas cristãs, pessoas que tirassem o tempo pra Deus, pra amar, pra poder caminhar e fazer muitas coisas boas. Então isso, eu não acho que de repente eu encontro muito desafio no caso, por exemplo, eu sendo mulher líder quando trabalho na casa da gente é muito. que jeito que cê vai arrumar na hora de eu sair e deixar tudo então não tem como! Eu nunca saio pra uma comunidade com o meu serviço todo feito, entendeu! Eu sempre deixo alguma coisa pra eu chegar e no outro dia eu fazer, porque é muita coisa. Então se você não tiver força de vontade o que acontece, é claro que a gente deixa muita coisa a desejar ainda, mas eu me acho que eu luto muito, eu procuro fazer melhor porque eu tenho força de vontade! Se você não tiver força de vontade cê não faz nada! (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 02/10/2010).

Considerando o panorama atual, ocorre que a distribuição das tarefas entre os sexos é, em muitos sistemas culturais, entendida como uma espécie de extensão das diferenças anatômicas (procriativas) entre os sexos. Parece “natural” que caiba ao sexo feminino uma

série de tarefas associadas ao papel que a mulher ocupa no processo reprodutivo. O cuidado com a prole é sempre destinado às mulheres, mas este se situa para além do papel propriamente reprodutivo. Assim, recebe uma carga simbólica de atributo pré-social da condição feminina.

Tem dia que a gente senta joga um baralhinho, mas eu não sei como consegue, mas pra mim tudo é força de Deus mesmo, porque não sei como tenho tempo pra tanta coisa! Eu sempre penso assim tá bom desse jeito, claro que ta faltando muita coisa, aí eu deito na cama e penso, meu Deus se tiver assim todo dia tá bom! Porque chega à noite eu não tenho prazo de ficar em casa, eu não paro em casa, ou eu venho aqui na igreja, ou tenho uma reunião. Por exemplo, dia de domingo a gente tem um prazo de ficar dialogando, mas a gente trabalha muito junto também, né? E a gente fica o dia todo juntos na roça, conversa, na hora do almoço e senta junto pra conversar, então eu como mulher, líder e esposa na minha casa, como mãe, acho que eu tô até bem conversada! (risos) Mas, as minhas atividades não são sempre do jeito que eu quero, eu penso (Vitória, 47 anos, casada, entrevistada em 02/10/2010).

Na condição apresentada, as mulheres têm tido um papel significativo na atividade procriativa e o mito da maternidade é reforçado a todo o momento. Tem sido salientado por ampla literatura que é no trabalho reprodutivo que a diferença se instala, como podemos perceber no discurso de Vitória. Para ser líder e trabalhar na comunidade, ela não deixa de ser mãe, esposa, trabalhar na roça e fazer todo serviço doméstico.

Lúcia também expõe sobre os desafios de a mulher ser líder na comunidade, ser mãe, esposa e dona de casa. Como o trabalho doméstico sobrecarrega a mulher, é preciso que ela se transforme em duas, três, como desabafa.

Eu acho assim: é na comunidade e como a comunidade se torna família e comunidade, porque eu acho que o trabalho de ser dona de casa e trabalhar na comunidade, eu acho que é um serviço pesado, cê tem que às vezes dobrar em duas ou três pessoas, né? Pra dar conta. Então o obstáculo maior é sobre a família, porque, apesar de que eu tenho bastante apoio, mas cê trabalhar na comunidade cê tinha que ter mais tempo, meu tempo é meio corrido! O obstáculo maior que eu acho é a falta de tempo (Lúcia, 45 anos, casada, entrevistada em 29/07/2010).

Para que a mulher assuma responsabilidades na liderança da comunidade algo fica sem fazer em casa. O serviço doméstico é tido como de responsabilidade exclusiva e natural da mulher.

Bourdieu (1999) constatou que essa prática está corporificada, fazendo vítimas tanto a mulheres quanto a homens. O corpo é, portanto, o lugar onde se inscrevem as disputas pelo

poder, é nele que o nosso capital cultural está inscrito, é ele a nossa primeira forma de identificação desde que nascemos – somos homens ou mulheres. Por conseguinte, o nosso sexo define se seremos dominados ou dominadores. O corpo é a materialização da dominação, é o *locus* do exercício do poder por excelência.

No país, 109,2 milhões de pessoas de 10 anos ou mais de idade declararam exercer atividades relacionadas com os afazeres domésticos; sendo que, deste conjunto, 71,5 milhões são mulheres. Em termos absolutos, é a população adulta de 25 a 49 anos de idade que mais realiza afazeres domésticos. Não obstante, considerando a população em cada grupo etário, observa-se que é a população de 50 a 59 anos de idade que despence a maior parte do seu tempo em afazeres domésticos (24,3 horas semanais). As desigualdades de gênero na realização dessas atividades são ainda mais visíveis quando se considera a população total de acordo com o sexo e os grupos de idade. Verificou-se que somente 51,1% dos homens realizam afazeres domésticos enquanto entre as mulheres esse percentual é de 90,6%. É no Nordeste que se observa a menor participação dos homens nos afazeres domésticos (46,7%), enquanto no Sul se evidencia a maior taxa (62%). Uma possível explicação para esta participação um pouco mais baixa dos homens nordestinos nos afazeres domésticos pode estar ligada aos aspectos culturais locais, que valorizam o “machismo”, já que existe uma forte correlação positiva entre a realização de afazeres domésticos e sexo feminino (SOARES; SABÓIA, 2007, p.10).

Os dados acima relacionados procedem também em Soledade. Não foi verificada na pesquisa a participação de homens no trabalho doméstico, mas sim das mulheres no trabalho rural, além do que realizam no espaço doméstico. O trabalho doméstico é um dificultador no momento em que a mulher decide participar na comunidade, assumir algum cargo, pois, para se inserir nas atividades da comunidade, ela precisa deixar “tudo pronto” em casa. Por isso, muitas desistem de participar, pois elas acumulam tarefas. Outras estão buscando seu espaço, reconhecem o preconceito da sociedade e percebem que existe necessidade de mudanças.

A pressão do modelo masculino da sociedade sobre a mulher é reforçado também no campo religioso. Ela deve dar testemunho, ser exemplo de vida, espelho para os outros, não pode errar, tem que dar conta de tudo, mesmo que para isso acontecer ela tenha que abrir mão de si, da liberdade, do que acredita ser o melhor pra sua própria vida. Essas afirmações funcionam como regras que contribuem para a subordinação e alienação da mulher.

Vimos como a reprodução biológica exerce considerável influência na divisão sexual do trabalho e na estruturação dos lugares sociais ocupados por homens e mulheres. Às mulheres cabe gestar, parir, criar os filhos e realizar serviços de manutenção doméstica que lhes são atribuídos como se fosse algo natural. Este modo de organização da família implica

também uma hierarquia moral que estabelece posições sociais, deveres e obrigações próprias a cada um, conforme a inserção de gênero e de geração.

Nota-se que a Igreja Católica ao longo da história apresentou-se enquanto religião do tipo superestrutural, no momento pelo qual foi e é utilizada como instrumento de legitimação do poder de um grupo privilegiado, de uma classe sobre outra, do gênero masculino sobre o feminino. Esse tipo de religião serve aos interesses, aos donos do poder, se posiciona de forma acrítica e usa o nome de Deus para justificar a existência de problemas sociais como a pobreza, as doenças, a desigualdade, as diferenças e a má distribuição de renda, naturalizada esta realidade como se fosse vontade de Deus. Nesse contexto, um grupo privilegiado continua legitimando essa estrutura e reproduzindo relações de dominação.

Questionando tal realidade, emergiu na contradição e nesse mesmo espaço da religião católica, segmentos ou vertentes, como as pastorais representadas pelas Comunidades Eclesiais de Base e alguns grupos, que protestam contra esse tipo de religião, denunciam a miséria e as injustiças sociais, buscam viver de uma forma diferente dentro da mesma instituição.

No entanto, esses grupos não privilegiados estão em busca de espaços que se caracterizem como infraestruturais. Alguns leigos(as) percebem de forma clara a divisão existente nessa instituição, outros não conseguiram notar que a Igreja Católica ainda reproduz e reforça essa divisão na disputa pelo poder, contribuindo de forma inconsciente com a reprodução desse modelo.

Compreendemos que uma religião não deveria ser superestrutural, reproduzir a diferença e a dominação como presenciamos em toda a sociedade. Mas, reconhecemos a existência de alguns(as) líderes que acreditam em uma religião diferente e mais próxima da vida das pessoas, formando comunidades e atuando no campo social e político, vislumbrando, assim, a possibilidade de transformações que se fazem urgentes e necessárias.

6 Considerações Finais

As reflexões aqui apresentadas mostram que os(as) líderes das pastorais retratam e sinalizam como se configuram as relações de poder na Igreja Católica. Igreja Católica Apostólica Romana, que foi constituída e organizada por uma cultura androcêntrica, formal e rígida.

Notamos, assim, que a partir da análise da realidade local, das mudanças na história da Igreja Católica, todo o contexto, implicou em transformações no discurso dos agentes de pastoral, porém, na prática das ações, ainda vivenciamos a desigualdade de gênero e a dominação masculina.

Essas mudanças apontam para um futuro menos desigual, mas que ainda não se configurou na prática. Os estudos mostraram nas relações de gênero, uma mulher mais participativa, assumindo de forma mais atuante seu espaço nas pastorais, porém, que não conseguiu se desprender das tradições culturais construídas pela sociedade masculina, que ocupa as posições de comando e de maior status.

Contudo, os resultados pressupõem mudanças na configuração familiar e na construção de gênero, mostrando sintonia com as pastorais. O espaço pastoral e familiar apresenta-se como uma via de mão dupla, que possui influência na reprodução da desigualdade de gênero. Porém, nesses espaços, as mulheres têm criado e provocado alternativas para mudanças importantes que possam contribuir para o seu próprio empoderamento.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. **Lucas**. Edição pastoral. Tradução por Ivo Storniolo. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990. p.1318.

BIDEGAIN, A. M. Gênero como categoria de análise na história das religiões. In: BIDEGAIN, A. M. (Org.). **Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.13-28.

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. p.7-15.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **Poder, derecho y classes sociales**. 2. ed. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001.

BOURDIEU, P. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: MICELLI, S. (Org.). 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

CELAN. Conselho Episcopal Latino Americano. Disponível em: <<http://www.celan.org/principal>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

CIMI. Conselho Indigenista Missionário. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

CNBB, **Comunicação Pastoral ao Povo de Deus**. Doc. Da CNBB, n.8, Paulinas, S. Paulo, 1976.

CNBB, **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 1995-1998**. n.54. Paulinas, Itaici. S. Paulo, 1995.

CNBB, **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2008-2010. n.87. Paulinas, Itaici. S. Paulo, 2008.

CNBB, **Exigências Cristãs de Ordem Política**. Paulinas, S. Paulo, 1977.

CNBB, **Exigências e Ética da Ordem Democrática**. Paulinas, S. Paulo, 1989.

CNBB, **Igreja e Problemas da Terra**. Paulinas. S. Paulo, 1980.

CNBB, **Solo Urbano e Ação Pastoral**. Paulinas, S. Paulo, 1982.

COHEN, A. **The symbolic construction of community**. London: Routledge, 1985.

CPT: Comissão Pastoral da Terra. Disponível em: <<http://www.cptnacional.org.br/index.php>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

DURKHEIM, E. **Les formes élémentaires da la vie réligieuse**. Paris: PUF, 1968.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da religião: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. 11. ed. Trad. por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997. Capítulos I e II. (Vol. I: a vontade de saber).

FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. Disponível em: <<http://www.funai.org.br>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

GEBARA, I. **Rompendo com o silêncio: uma fenomenologia do mal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

GODDIJN, W. In: P & LUNEAU, R. **Le retotour des certitudes: évenemenst et orthodoxie depuis. Vatican II**. Paris, Le Centurion. 1987.

KAGEYAMA, A. Pluriatividade e ruralidade: aspectos metodológicos. **Economia Aplicada**. São Paulo: USP-FIPE, v.2, n.3, 1998. p.515-551.

LIBÂNIO, J. B. **Igreja Contemporânea: encontro com a modernidade**. Ed. Loyola. São Paulo, 2000.

MURDOCH, J.; MARSDEN, T. **Reconstituing rurality – class, community and power in thedevelopment process**. London: UCL Press, 1994.

PORTAL DA CNBB. Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

PORTAL DIOCESE DE CARATINGA. **História e pastoris**. Disponível em: <<http://www.diocesecaratinga.org.br>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

REALE, G. **História da filosofia.** Do pragmatismo até nossos dias. Giovani Reale, Dário Antiseri: São Paulo, 1991. (Coleção Filosofia).

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, J. Histórias das mulheres. In: BRKE, P. (Org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

SOIHET, R. In: AGUIAR, N. (Org.). **Mulheres e gênero, contribuição para um debate.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1989. v.5, p.95 (Coleção gênero).

SOARES, C.; SABÓIA, A. L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos:** um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. **Diferenças Fundamentais entre o mundo rural e urbano.** (1929). In: MARTINS, J. S. Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo: Hucitec, 1986.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. **A aventura sociológica:** objetividade, paixão, improviso e método de pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VII Plano de Ação Evangelizadora da Diocese de Caratinga 2005-2010. Ed. Dom Carloto, Caratinga 2005. p.2.

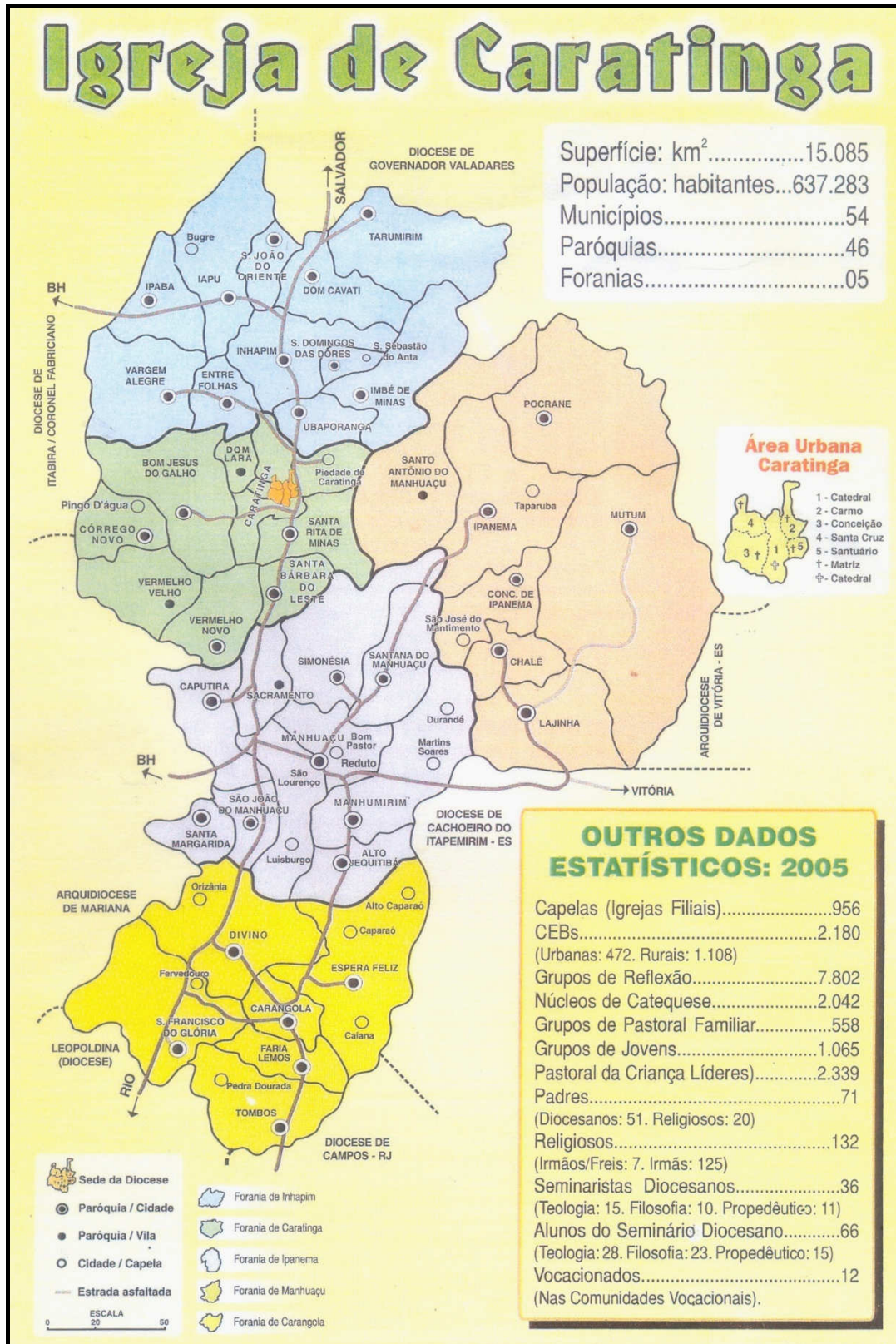
WAGNER, A.; PEDREBON, J.; MOSMANN, C. Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. Psicologia: **Teoria e Pesquisa.** Rio Grande do Sul, v.21, n.21, maio/ago. 2005.

WEBER, M. **Sociologia.** COHN, G. (Org.); FLORESTAN, F. (Coord.). São Paulo: Ática, 1997. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

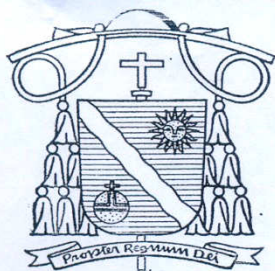
ANEXOS

Anexo A

Mapa da Diocese de Caratinga e suas Foranias



Anexo B
Carta de Delegação para exercer o cargo de Ministro Extraordinário da Eucaristia da Diocese de Caratinga



DELEGAÇÃO PARA
MINISTRO EXTRAORDINÁRIO
DA EUCHARISTIA

Dom Hélio Gonçalves Heleno

Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica
Bispo Diocesano de Caratinga

Aos que esta virem, saudação e bênção no Senhor.

Legitimamente autorizado pela Santa Sé que, na Instrução "Immense Caritatis", da Sagrada Congregação dos Sacramentos, de 29 de janeiro de 1973, faculta aos Bispos, de modo permanente, nomear Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão, a pessoas de piedade comprovada, bem aceitas da comunidade e reconhecidamente idôneas, para administrar a Comunhão em casos especiais (enfermidade do Sacerdote, numerosa assistência de fiéis, distância dos lugares e atendimento aos enfermos), pela Presente Provisão vos delegamos

João
Mazarello
por dois anos neste ofício, após a apresentação de vosso Pároco, como pessoa de assinaladas virtudes e zelo apostólico. Desempenhareis este ministério na Paróquia de *São Sebastião de Sacramento*.

Advertimos, porém, (que Deus vos livre) se não corresponderdes a esta confiança, sereis dele destituído.

Certo de que ireis viver com intensidade o culto eucarístico, nós vos abençoamos.

Caratinga, *17* de *fevereiro* de 19 *81*.

Hélio Gonçalves Heleno

† Hélio Gonçalves Heleno, Bispo Diocesano de Caratinga

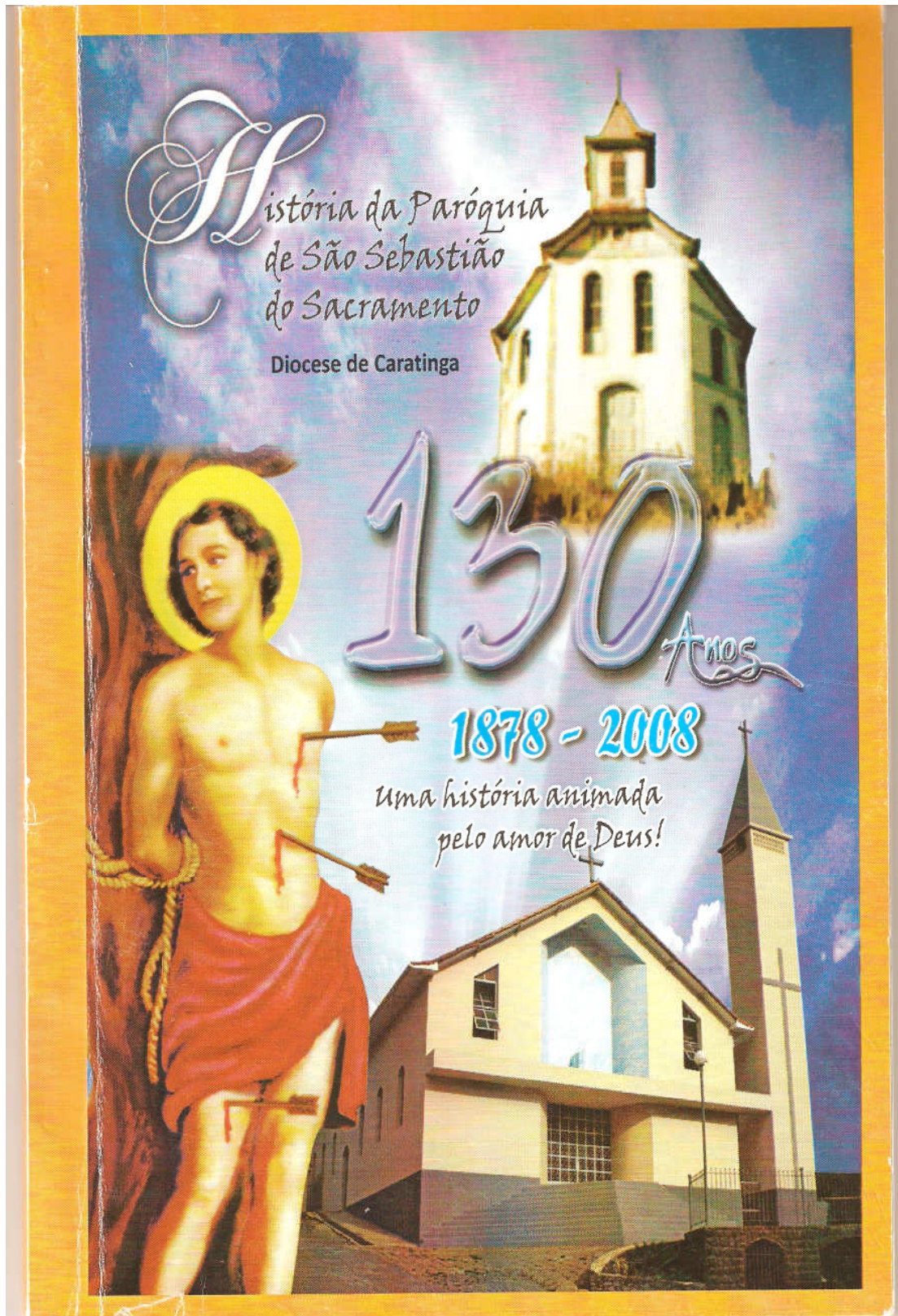
Francisco Chaves de Carvalho

Fr. Francisco Chaves de Carvalho, Chanceler

V Livro de Protocolos
Fls. *115* N.º *49181*

Anexo C

Capa do livro em comemoração aos 150 anos da Paróquia de S. Sebastião do Sacramento



Artigo II

Trajetória de vida de mulheres líderes das pastorais da Igreja Católica: o significado de ser mulher no espaço pastoral em Soledade

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir da história de vida de mulheres líderes nas pastorais da Igreja Católica da comunidade de Nossa Senhora da Soledade, pertencente a uma das paróquias da Diocese de Caratinga, localizada na Zona da Mata Mineira. O principal objetivo foi analisar os significados referentes ao que é ser mulher no espaço pastoral católico, buscando compreender, a partir das narrativas de Clara, Lúcia e Vitória, como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica. Por meio do estudo sobre a vida dessas mulheres, verificamos quais as implicações de gênero no campo religioso e na vida dos sujeitos em estudo.

1 Introdução

No Brasil, a elaboração teológica feminista, ainda que pouco difundida – exatamente por isso expressiva –, vem do campo cristão: protestante e católico, e tem características próprias, tanto pelo processo histórico que a engendrou quanto por seu conteúdo.

Pode-se observar que a produção recente no campo teológico feminista, além de surpreender pela quantidade expressiva de obras publicadas, destaca-se, ainda, por haver alcançado um grau elevado de institucionalização e responsabilidade nos meios acadêmicos (ROSADO NUNES, 2001). Há espaços internacionais organizados de interlocução dessas teólogas em todos os níveis e áreas geográficas e culturais. Talvez, mais que outro campo de conhecimento, a teologia elaborada por mulheres tenha alcançado um estatuto próprio e a discussão de gênero vem sendo difundida e aprofundada ao longo do tempo por teólogas que se ancoram na discussão feminista acerca do gênero.

Para Grossi (2004), gênero alude a uma alteridade estrutural fundada a partir do campo de linguagem que concebe as diferenças opostas de sexo; o que não impede as variações culturais e históricas do masculino e feminino, mas sempre construídas pelo ideário da separação. Nas sociedades ocidentais modernas, sob influência do cristianismo, essa

separação primeira deriva outras e marca as relações de poder na vida de homens e mulheres a partir do mito do “amor materno” (OLIVEIRA, 2008).

A incorporação da categoria de gênero, interligada com a classe social e a etnia, não só é útil para a elaboração da história das religiões, como também uma forma de adentrar esse campo e compreender a história das mulheres invisíveis na religião, bem como suas relações com as formas de estruturação do poder. Nesse sentido, a influência das ideias feministas nos estudos da religião é parte do processo de desenvolvimento do pensamento contemporâneo, pois pesquisas analíticas baseadas em trabalhos empíricos feministas permitem a produção de um novo olhar sobre a relação das mulheres com o campo religioso. As religiões também podem oferecer espaços sociais de negociação, articulação e de realização de projetos das mulheres (BANDINI, 2008). O argumento é que, para as mulheres construírem esses espaços nos quais elas possam orientar suas vidas e desejos, elas precisam, muitas vezes, subverter, apropriar ou reinterpretar as específicas convenções sociais.

Assim pode-se avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso; desvendar os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador (ROSADO NUNES, 2001, p.86).

Embora o gênero possa ser invisível nas grandes teorias da sociologia da religião, por bem mais de um século, tem sido visibilizado claramente pela teoria feminista. Segundo Woodhead (2002), a ferramenta analítica das teorias do feminismo tem contribuído fortemente com o tema de gênero e religião. Na abordagem liberal marxista, a análise é de que a religião é patriarcal, ou seja, planejada e executada por homens que legitimam seus interesses por meio da exclusão ou marginalização das mulheres, tanto material quanto ideologicamente. A autora propôs uma teoria de gênero e religião, sugerindo que:

A participação religiosa das mulheres deve ser entendida em relação à habilidade das religiões em lhes prover um espaço social que não seria disponível para elas de outra maneira. Este ponto de partida tem a vantagem de ser óbvio e tratar as mulheres como agentes racionais ao invés de tratá-las como marionetes do patriarcado. As mulheres podem ocupar estes espaços por várias razões: porque eles provêm um capital social cultural, permitem formação de identidade, oferecem formas particulares de permissão e porque eles permitem às mulheres articular suas

esperanças, medos, desejos e convicções morais, entre outras (WOODHEAD, 2002, p.1).

A partir dessa premissa, a referida autora argumentou que a participação das mulheres na religião é influenciada significativamente pelos espaços sociais disponíveis para elas em uma sociedade particular. No campo da religiosidade, isso significa que, para compreender a participação feminina na religião em uma sociedade, devemos compreender os espaços sociais disponíveis para as mulheres nessa mesma sociedade. Essa afirmação se confirma em Soledade, no espaço pastoral católico. Muitas mulheres participam e frequentam esse lugar como única opção de espaço social disponível para elas. Algumas fazem dessa única opção uma forma de conseguir o que almejam que, com certeza, vai para além do religioso. Estar no espaço religioso significa ser menos questionada pela família sobre sua conduta, moral ou lugar socialmente ocupado por elas. Com isso, se empoderam de espaços que podem contribuir com a sua emancipação social e política, mesmo que eles não sejam aparentemente de status e poder. No entanto, são fundamentais para garantir a permanência das mulheres em lugares na sociedade historicamente a elas negados.

A sociedade tem papel fundamental na criação e perpetuação das identidades de gênero, pois é inegável que a influência das ideias religiosas ainda seja muito forte em nosso meio. Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas com vistas a acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. Os estudos sobre gênero enfatizam a necessidade da rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária “masculina versus feminino” e a importância de sua historização e “desconstrução” (SCOTT, 1990); revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas.

De acordo com Scott (1990), a maneira como a história iria simultaneamente incluir e apresentar a experiência das mulheres dependeria de como o gênero poderia ser desenvolvido enquanto categoria de análise. Aqui, as analogias com a classe e a raça seriam explícitas; com efeito, os pesquisadores de estudos sobre a mulher que tinham visão política mais global recorriam regularmente a essas três categorias para escrever uma nova história como bem ressalta a autora. O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava, inicialmente, o compromisso do pesquisador com uma história que incluía a fala dos

oprimidos e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão. Assinalava também que esses pesquisadores levavam cientificamente em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, esses três eixos: classe, raça e gênero.

Nessa ótica, a mulher é levada a assumir uma identidade reducionista que a impede de se afirmar enquanto mulher ou como um ser humano igual aos outros. Ela é levada a assumir a condição de mãe, esposa, filha, de emoção, subjetividade e sentimento; o que a distancia do modelo masculino vigente na sociedade.

Quando Scott (1990) definiu o estudo de gênero não como um estudo de mulheres, e sim da relação entre o masculino e o feminino, entendemos que o exame do objeto proposto seja uma análise dessa relação e que implica símbolos culturalmente construídos, principalmente quando se fala da Igreja Católica enquanto instituição que incorpora representações simbólicas milenares.

Não se trata de dar lugar às mulheres somente a partir da narrativa, frente a todas as conquistas que o movimento feminista vem conseguindo e frente à tomada de espaços importantes pelas mulheres no social; mais do que isso, Scott (1992) aponta que há a necessidade de se firmar um outro caminho de conhecimento, pautado em novos conceitos, iluminados pelos avanços no campo da história das mulheres, utilizando, para isso, a categoria gênero.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura e das suas imagens frente à sociedade, é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (DEL PRIORE; PASSANEZI, 1997, p.7).

Apresenta-se, neste trabalho, a história de três mulheres pertencentes à Igreja Católica, líderes de pastorais da comunidade de Soledade: Clara, Vitória e Lúcia. Vidas quase que anônimas da sociedade, representadas pelas suas aspirações, realizações, angústias, derrotas, companheirismos, preconceitos, desejos e sonhos. Trata-se de uma tentativa de construir, a partir das narrativas, um diálogo com a categoria gênero, que é o foco do presente estudo.

2 Trajetórias de vida de Clara, Vitória e Lúcia

Clara nasceu em Caputira, cidade vizinha de Soledade. A família morou naquela cidade por 25 anos e se mudou para Soledade; havia mais lavouras de café e isso significava mais trabalho. Clara tinha apenas dois anos de idade. Dessa forma, suas referências e lembranças são de Soledade, lugar onde reside até hoje.

Eu morei em outros lugares, mas vim pra cá tinha dois anos, então eu não tenho lembrança assim de quando eu morava lá. Então, hoje pra eu sair daqui é até difícil, eu acostumei muito com essa comunidade. (Entrevista de Clara, em 20 de julho de 2010).

Clara tem 28 anos, é casada com João há oito, depois de três anos de casados tiveram uma filha que hoje está com 5 anos. Ela e o marido não são “donos da terra”, vivem como pequenos produtores agrícolas na condição de meeiros⁴⁴, em uma pequena propriedade na comunidade de Soledade e moram em uma casa construída nesse local, cedido pelo sogro. Clara cuida da filha e trabalha na roça com o marido, não recebe pelo serviço que faz e nem possui renda, então, o marido administra o dinheiro recebido pelo trabalho do casal.

Apesar de Clara ter participação nos trabalhos de produção agrícola e contribuir nos rendimentos domésticos da família, o cuidado com o lar e com os seus membros é percebido pela sociedade e pelo marido como responsabilidade feminina. O marido de Clara – que agora conta com a contribuição da esposa para o rendimento comum da unidade doméstica – não transfere parte do seu tempo para o cuidado com a esfera privada e nem parte do lucro alcançado pelos dois, perpetuando-se a hierarquia de gênero. Uma realidade experimentada por muitos nessa condição social, corroborando e confirmando o que Sorj (2007) diz sobre o trabalho doméstico. Uma das características dessa desigualdade é a sua naturalização. É atribuído à disposição, ao talento, ao gosto das mulheres ocuparem-se das atividades domésticas como prova de feminilidade ou afeto para com os membros da casa. Clara representa bem essa cultura. Trabalho gratuito é concebido como parte da “natureza feminina”.

⁴⁴ Meeiro é um termo usado na região como em outros lugares – é uma condição social – um segmento de classe camponesa. Meeiro/a é aquele/a que trabalha em propriedade alheia e divide a metade do lucro produzido ao final de cada colheita, seja de café, milho ou feijão. São pessoas que firmam contratos de parceria, oficializados em cartório e testemunhadas no sindicato rural do município.

Quanto à religião, a família de Clara é de origem católica e as mulheres sempre participaram da Igreja mais ativamente que os homens. A mãe, ela e as irmãs participaram da comunidade católica desde muito cedo e Clara atuou na Pastoral Catequética e na Pastoral da Criança tal qual a mãe e a irmã mais velha, com uma diferença: Clara era líder e assumiu um cargo na coordenação da Pastoral da Criança. Na data da entrevista, Clara estava como vice e logo em seguida assumiu a função de coordenadora, tendo em vista o afastamento temporário no final de uma gravidez da coordenadora geral.

Clara tornou-se líder somente após o casamento. Esse fato confirma a reprodução de uma cultura. Após o casamento o casal “deverá” ser mais responsável, principalmente a mulher que após o ritual do casamento, “deverá manter suas relações sociais com outras mulheres casadas, não mais com as solteiras, pois elas são mais responsáveis”. Tanto o homem quanto a mulher agora podem assumir cargos que exigem maior responsabilidade, dedicação e compromisso como o de líder, “estão mais preparados”. Dessa forma, o reconhecimento e a aceitação da comunidade em relação aos líderes são muito maiores pelas pessoas casadas do que pelas solteiras ou amasiadas. Clara vivencia essa realidade na condição de casada e enquanto coordenadora de uma pastoral da Igreja Católica.

Para Clara, família e religião possuem o mesmo significado e estão totalmente imbricadas.

[...] é a família e a religião que nos dá um ensinamento na família, é o aprendizado, a gente aprende na religião, como educar, como ser educado (risos). Ah eu vejo que família, comunidade e pastoral tem que caminhar junto, tá sempre buscando coisas novas, tá sempre não deixando a oração de lado, que de repente cê tem uma religião só lá dentro da igreja e às vezes cá fora na família deixar de lado, que eu vejo é isso, ter um entrosamento entre a igreja e a religião, a comunidade e a família, tá tudo ligado (Entrevista de Clara, em 20 de julho de 2010).

Em sua fala, Clara afirma que se sente bem no espaço religioso, “estar em casa é estar em família”; não consegue ver família separada do trabalho pastoral e da religião. Além das pastorais, ela participa de outros grupos e movimentos como o Apostolado da Oração e as CEBs⁴⁵.

Para Clara e outras mulheres, o espaço religioso é transformado em alternativa para o ingresso e participação no meio público e social. “Buscar coisas novas”, para Clara, significa

⁴⁵ CEBs: Comunidades Eclesiais de Base. Apostolado da Oração é um grupo que possuem caráter espiritual e devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

sair da rotina do doméstico, que não deixou de ser importante para ela, mas o espaço religioso pastoral supre parte de uma necessidade não satisfeita na família. O convívio com outras pessoas, o debate de temas religiosos, políticos ou sobre cidadania que muitas vezes não são explorados na família etc., contribuindo com a participação e permanência de Clara e de outras mulheres, como Vitória, nesse lugar.

Vitória tem 47 anos, nasceu em Vermelho Novo, município onde viveu com sua família até o casamento, motivo pelo qual se mudou para Soledade. Mora em Soledade há 26 anos, mora em casa e terras próprias, como o marido e dois filhos mais novos, a filha mais velha mora e trabalha fora de Soledade. Relata que foi difícil no início, achava tudo diferente e tinha que se acostumar com o lugar, conhecer as pessoas, fazer novas amizades, mas depois se acostumou e, hoje, gosta muito de Soledade.

A família é de origem e orientação religiosa católica, assim como Clara, dá continuidade a cultura e crença religiosa católica. A educação recebida pelos pais seguiu a tradição e cultura patriarcal; um modelo rígido e tradicional. Vitória, desde muito cedo, participou da igreja junto com os irmãos e os pais. O conceito de religião de Vitória é “convivência, é estar bem com as pessoas e estar no meio do povo”. Encontra, na religião, o suporte e a força para superar os desafios.

Aos 14 anos participava de grupo de jovens, sendo líder desse grupo, em Vermelho Novo. Na época seu desejo era participar do encontro em Caratinga, do movimento Shalom⁴⁶. Nesse período estava em seu auge, aglomerava grande número de jovens e possuíam características semelhantes com o movimento carismático católico atual. Na década de 1990, foi substituído pela pastoral da juventude na Igreja Católica.

Vitória morou em São Paulo dos 16 aos 18 anos com um dos irmãos. O objetivo que seria de estudar não foi alcançado, pois seu irmão, sem condições financeiras e econômicas, não pôde o sustentar e permanecer com Vitória em sua casa. Enquanto morou lá se envolveu no trabalho com o grupo de jovens, desenvolveu atividades com jovens em situação de rua e trabalhou na catequese.

⁴⁶ Na década de 1970 surgiu o Grupo de Jovens **Shalom** (palavra que em Hebraico significa paz), nesta época não se falava grupo e sim comunidade de jovens. Esta comunidade ou grupo de jovens tinham o objetivo de estudar e refletir a Bíblia nas reuniões que eram realizadas todos os domingos. Os trabalhos Apostólicos eram visitar hospitais, orfanatos, asilos, famílias desamparadas. Nas missas participavam ativamente contribuindo com a liturgia. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

Retornou de S. Paulo sem realizar o sonho de estudar. Junto com sua família em Vermelho Novo, logo o pai a pressionou para se casar aos 16 anos de idade. Após o casamento, foi morar em Soledade na propriedade do marido. Imaginou que o casamento pudesse proporcionar uma vida diferente daquela vivida com a família. No entanto, na vida de casada, Vitória continuou sofrendo e vivenciando a mesma diferença e discriminação de gênero que sofria com os pais. Vitória partilhava suas angústias com a cunhada Lúcia.

Lúcia nasceu em Sacramento. Sua família é de Vermelho Novo atualmente mora em Soledade há, aproximadamente, 35 anos, e gosta muito do lugar. Seus pais se separaram quando era bem jovem e, na época, ela veio morar com o pai e os irmãos em Soledade; sua mãe ficou em Caratinga. Casou-se aos 16 anos e hoje tem 30 anos de casada e 46 de vida. Tem três filhos: dois homens e uma mulher; a filha mora em outra cidade, é casada, e os dois homens são solteiros, moram com os pais em Soledade.

A família vive na roça, é trabalhadora rural e possui uma pequena propriedade. Lúcia trabalha na roça no período da safra e colheita do café, que inicia em maio e estende-se até, no máximo, setembro. Somente a filha mais velha, que saiu de casa para estudar, tem seu emprego e é independente. Hoje, não possui mais vínculo nem depende da terra para sobreviver.

A infância e a adolescência de Lúcia foram marcadas por acontecimentos não muito comuns na época em Soledade, como a separação dos pais. Depois da separação os filhos moraram com o pai. Lúcia foi educada de forma reprimida, sem a presença e a figura da mãe. Depois de um tempo, considera que superou alguns desafios, segundo seu relato:

Pra começar, quando eu era criança eu sentia muito presa, eu não tinha liberdade pra fazer muita coisa, aí fui crescendo, virei jovem, meu pai tirou muito a liberdade, a gente era muito presa pelo meu pai, não dava muito oportunidade, aí com 16 anos cheguei à juventude, já foi pra, quer dizer com 16 anos casei, era momento difícil aí vieram os filhos, agora depois que eu completei meus 35 anos que comecei a ter minhas decisões, a ter mais atitude. Parece que alguma coisa libertou, agora não, eu sou independente, o que eu posso fazer eu tenho atitude de fazer, com firmeza e eu não tinha essa firmeza, tudo que eu ia fazer eu tinha medo, tinha medo de magoar alguém, de tá atrapalhando alguma coisa. Eu tenho minhas decisões próprias, isso ajuda muito! (Entrevista de Lúcia, em 29 de julho de 2010).

Lúcia lamenta o passado, reconhece que não tem como voltar atrás e, segundo ela, busca fazer diferente no presente. Acredita que a situação vivenciada pela família contribuiu com suas dificuldades e limitações.

A vivência da família e da comunidade que me deu oportunidade, isso depois dos 35, então eu perdi bastante tempo da minha vida, se eu tivesse começado adolescente, tanta coisa que eu tinha feito! Depois de 35 anos que cê vê que (silêncio). Pois é, eu vou fazer 46 anos então quer dizer que eu perdi muito tempo, se eu tivesse feito nos meus 35 pra trás, é muita coisa que eu tinha feito. Tinha que aproveitar esse tempo, mas já passou, então não tem como voltar atrás. (fala com mágoa). Eu acho que um pouco foi a família que atrapalhou, o negócio de ser filha de pais separados, acho que me atrapalhou bastante. Acho que se fosse agora, se 1974 fosse agora eu acho que mudaria bastante coisa, mas não tem como voltar o tempo (risos), então, vamos tentar melhorar daqui pra frente, aproveitar meus 46 anos, até enquanto Deus permitir, cada dia melhor (Entrevista de Lúcia, em 29 de julho de 2010).

Lúcia relata que a família nunca foi atuante na Igreja. Seus “pais sempre foram católicos de nome”, mas a sua família, o marido e os filhos, participam atualmente. Afirma que o exemplo dela e do marido levaram os seus filhos para a Igreja; realidade diferente dos seus pais. Não visualiza a família separada da religião e da Igreja. Em sua opinião, “os dois precisam estar juntos e um ajuda o outro”.

Agora no momento tá até bom, mas um tempo atrás eles eram bem afastados, agora não, eles participam, são da conferência de São Vicente de Paula, eles vêm muito na igreja, então em casa é uma comunidade com a família, nesta parte até que eu não tenho muita dificuldade não. Eu acho que é o exemplo do pai e da mãe, eu acho que levou meus filhos para a igreja. Sabe, família e igreja na religião, os dois caminham sempre junto, porque se uma família não tiver nem uma pastoral pra acompanhar ou mesmo religião, eu acho que ela vai ficar afastada, então se tiver um movimento, alguma coisa, um puxa o outro, o pai puxa, às vezes até o filho puxa o pai. Porque a religião ou mesmo a parte das pastorais, obriga a pessoa a participar mais né, quer dizer, aí cê puxa um pouco a família, porque às vezes o marido vem trazer a esposa, a esposa às vezes vem trazer o marido, então quer dizer que é um jeito de puxar a família mesmo pra participar de uma pastoral (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

A religião ocupa lugar de destaque na vida de Lúcia, que expressa: “qualquer dificuldade que tenho é ali na religião que procuro a Deus e vou falar de todos os meus problemas”. Para ela, não é possível imaginar a família sem religião. Este é um pensamento de Lúcia, Clara e Vitória.

Outro aspecto que merece destaque na vida dessas mulheres é o desejo do conhecimento e a frustração de não terem tido a oportunidade de frequentarem uma escola regular além do ensino fundamental. No entanto, foram vítimas de uma cultura masculina e de exclusão por serem mulheres.

2.1 O desejo do saber

Saber mais ou ter tido oportunidade de estudar é um desejo manifestado por essas três mulheres. O estudo formal não foi prioridade de suas famílias. Os pais não consideravam o estudo importante, principalmente para as filhas, e entendiam que elas deveriam aprender todos os trabalhos domésticos, cozinhar etc. serem “prendadas”, assim estariam preparadas para o casamento que se tornava realidade muito cedo em suas vidas.

Clara afirma que se sente “um pouco acomodada” e gostaria de saber mais, sente-se incapaz: “Eu acho que não sou capaz, a falta de capacidade mesmo”. Ela quer dizer que a educação formal lhe faz falta e isso lhe incomoda profundamente, já que cursou apenas até o quarto ano do ensino fundamental. Mas, apesar do sentimento de insatisfação da situação atual, não manifestou vontade de retomar os estudos ou verbalizou alguma possibilidade que para ela fosse viável. A realidade de Clara se aproxima da realidade de Lúcia e Vitória, pois ela não consegue romper com a cultura da dominação masculina na família.

A frustração da infância de Vitória foi a dificuldade econômica presenciada em casa, a condição de pobreza da família⁴⁷ e a forma de pensar – principalmente do pai, de cultura tradicional e conservadora –, não permitiu que Vitória estudasse além da quarta série primária, na época. Vitória relata que não teve oportunidade de estudar, essa realidade a incomoda, pois lhe faltou coragem de enfrentar e retomar os estudos; nem mesmo após o casamento isto aconteceu. Com mágoa declara que o marido não pensava de forma diferente do pai, mas, para não criar conflitos, se submeteu às exigências do marido que possui características machistas, iguais às do pai. Seu pai entendia, assim como muitos homens, que a mulher não seria capaz de exercer qualquer atividade que possuísse caráter de poder, status e isso era tido como natural. A cultura de que a mulher nasceu para ser submissa ao homem é fortalecida até hoje.

⁴⁷ A permanência de altos percentuais de pobreza entre a população brasileira evidencia que o processo de desenvolvimento econômico brasileiro não foi capaz de universalizar seus benefícios, especialmente quando consideramos os recortes de classe, gênero e raça. Entretanto, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, do IBGE, mostram que o percentual de pessoas com renda domiciliar per capita igual ou inferior à linha da pobreza (metade do salário mínimo), que vinha se mantendo constante em torno de 40% até 1993, caiu para cerca de 35% entre 1995 e 2003, e chegou próximo de 20% em 2008, isto é, o percentual de pobres no Brasil reduziu-se pela metade em 15 anos, sendo que a redução foi mais acentuada entre mulheres, negros e idosos. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>>. Acesso em: 05 jan. 2011.

Quando eu estudei era muito difícil! Meu pai nunca deixou eu estudar, ela falava, mulher não pode estudar, a mulher vai casar e vai lizar a barriga no fogão! Esse foi o primeiro preconceito que meu pai plantou em mim quando eu era pequena. Depois meu pai me mandou pra Brasília estudar entendeu, mas, eu não tive apoio, a família muito pobre, eu não tive nenhuma coisa pra estudar ninguém não tinha nada! Aí quando eu fui pra Brasília pra casa do meu irmão que era solteiro não podia me bancar né, então, são coisas... (silêncio). Hoje meu pai fala: filha cê queria estudar e não estudou, eu falo: não papai eu não estudei mas meus filhos estão estudando, eu faço o que eu posso, eu falo sempre eu acho que o desafio maior na minha vida é eu não ter estudado nada. Eu faço muitas reuniões, eu vou a muitos cursos então cê vê, o desafio que a gente enfrenta. A gente poderia saber falar muito, cê enfrenta aí um padre, um pedagogo falando perto de você e cê não sabe responder (Entrevista de Vitória, em 28 de julho de 2010).

Ao ser interrogada sobre sua história e como se sentia diante do fato, Vitória mostrou o que pensa a respeito. Ela chama de “coisas pequenas” as atividades desenvolvidas por ela na comunidade: “faz parte da coordenação da catequese, da liturgia e é líder na pastoral da criança”. O que Vitória chama de “coisas pequenas” se aproxima do chamado “trabalho invisível” realizado pelas mulheres, isto é, um trabalho árduo que não é reconhecido pela sociedade, principalmente pelos homens.

Além dessa realidade, Vitória não se conforma por não ter estudado, mas não consegue romper com a cultura de submissão e realizar o seu sonho.

_Vitória: Me incomoda, é claro, eu queria poder saber falar, eu queria poder fazer mais, eu acho que seria um desafio muito maior! Então as coisas pequenas que eu tento fazer na comunidade hoje, imagino se eu tivesse uma sabedoria maior eu faria melhor, mas já que eu não tive, eu vou tentar dar o melhor de mim no que eu posso, mas me incomoda e eu tenho um preconceito, eu mesma que não dá pra quebrar.

_Pesquisadora: Já pensou em retomar os estudos agora com os filhos mais independentes?

_Vitória: Eu fico brincando, quando a minha filha saiu eu falei eu vou estudar, aí o marido falou ÔÔÔ! Mulher estudar? Ele quase morreu!

_Pesquisadora: Por quê?

_Vitória: uai, olha o preconceito contra a mulher aí, nós estamos achando o preconceito, tá vendo? Quando a minha filha começou a estudar, ela enfrentava sozinha, vinha de Sacramento sozinha, eu falava poderia ir com ela, tem o EJA (Educação para jovens e adultos) em Sacramento, mas hoje meu marido não deixa eu ir pra escola!

_Pesquisadora: Se você for junto com sua filha, tem ônibus disponível e financiado com os recursos da educação!

_Vitória: Ah quem dera! Ele não deixa não, tá vendo, achou meu ponto! (os olhos encheram-se de lágrimas), mas é verdade! (Uma pausa e o silêncio por alguns segundos).

_ Pesquisadora: Como se sente?

_ É um grande desafio, e esse desafio, eu acho eu vou carregar comigo até morrer! Mas mesmo assim eu fico feliz, que graças a Deus eu tenho meus filhos, minha família, vale a pena! Aí uma coisa cobre a outra, então eu sou muito abençoada por Deus! Toda hora Ele me ajuda. Eu converso com Deus toda hora Ele me ajuda! Ele me cobriu de bênçãos. Meu pai fala assim, você não estudou, mas você vai casar com um marido estudado (cursou o técnico em contabilidade) meu marido era estudado, meu pai fala: minha casa tem tantos filhos, meus irmãos são tudo estudado sabe, tem professora na família, pedagoga. Mas elas não têm coragem de falar em público eu não sei falar e falo! Se for preciso dar um bom dia, uma boa tarde, uma boa noite, ela (a irmã) não tem coragem de falar no microfone. Então Deus me abençoa assim, sou analfabeta, mas Deus me iluminou de todos os lados. Deixou uma família maravilhosa!

_ Pesquisadora: Você estudou até que ano?

_ Vitória: Quarta série, muito pouco né, eu sou considerada analfabeta, né! Esse é o meu desafio, eu própria tive medo, poderia ter enfrentado, não enfrentei!

_ Pesquisadora: Como enfrenta essa realidade hoje?

_ Vitória: Hoje! (risos) Porque se eu for enfrentar como agora meu marido, eu fiz tanta coisa pra não magoar meu marido, pra estar com ele! Igual alguém falava comigo, que alguém me deu uma declaração que eu não sabia! Ela deixou o marido pra continuar na igreja! Eu não deixaria, eu não deixaria! Deixar marido, filhos pra continuar na igreja? Bom, se eu puder conciliar as duas coisas né, ótimo, mas se tiver que escolher, eu não escolheria a coisa pior né, ficar sozinha! Então... (Entrevista de Vitória, em 28 de julho de 2010).

Na declaração de Vitória: “mas mesmo assim eu fico feliz, que graças a Deus eu tenho meus filhos, minha família, vale a pena! Aí uma coisa cobre a outra, então eu sou muito abençoada por Deus”. Trata-se de um relato que evidencia o sentimento de ser mãe. A maternidade é, para muitas mulheres, o único momento de poder, pois a mulher é capaz de gerar um ser. É um momento de realização para ela.

A realidade relatada por Vitória foi um dos momentos mais fortes de todos os encontros, pois ela falava dos fatos e se emocionava. A mágoa era nítida em seu olhar e na forma de expressar, mais ainda por não ter tido coragem de inverter e modificar sua própria história; foi e é submissa, presa aos valores da família e da religião. Mas, não trocaria a “harmonia e a paz da sua família e principalmente do casamento” por outra realidade ou posicionamento diferente, sendo assim, se submeteu às condições construídas e reforçadas através da cultura tradicional e machista da sociedade. Porém, o tempo não conseguiu apagar a mágoa por não ter realizado o sonho de estudar.

Os estudos também não foram prioridades na família de Lúcia, ela iniciou o ensino médio e parou de estudar, “naquela época as necessidades eram diferentes, outras coisas eram

mais importantes que estudar: trabalhar, por exemplo, e ainda precisava se preparar-se para o casamento”.

A realidade vivida por Lúcia foi muito comum nessa geração. Muitos pais ordenavam às filhas “você escolhem: estudar ou casar”. Se as jovens namoravam e os pais descobriam, afastavam as filhas da escola, na maioria das vezes, definitivamente. Isso foi tradição por muito tempo, hoje é um pouco diferente, mas ainda existe. Porém, quase todos os adolescentes estudam, o transporte escolar é custeado com os recursos da educação, com destino aos distritos mais próximos, só as pessoas que não se interessam ou não gostam de estudar, abandonam os estudos antes da conclusão do segundo grau.

Os dados estão se modificando a cada dia e, atualmente, as mulheres estão superando os homens com relação aos anos dedicados aos estudos. As mulheres brasileiras entraram no século XXI com níveis educacionais superiores aos dos homens (BELTRÃO; ALVES, 2009), mas nem sempre foi assim. Durante o período colonial, as mulheres foram completamente excluídas das poucas escolas existentes. Com a vinda da família real portuguesa ao Brasil, em 1808, e a Independência, em 1822, houve um aumento da oferta educacional, porém, ao sexo feminino cabia apenas a educação primária – como nos relatou Vitória e Lúcia –, com forte conteúdo moral e social, a fim de fortalecer o papel da mulher enquanto mãe e esposa. Já a educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério.

Dessa forma, muitas mulheres viam no casamento uma alternativa de fuga, da repressão e autoritarismo dos pais. Algumas chegavam a ter mais liberdade, outras somente mudavam de residência, pois, depois de sofrerem a repressão do pai, continuavam sendo reprimidas pelo marido após o casamento.

2.2 Para uma mulher ser líder

As mulheres ao longo da história foram impedidas de frequentar locais públicos de estudar, de trabalhar fora do espaço doméstico etc. impedindo que as emancipassem. Ainda hoje presenciamos tal realidade, mesmo diante de mudanças importantes na sociedade como a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Transformações societárias vêm tornando cada vez menos expressivo o modelo tradicional de família no qual a mulher se ocupa exclusivamente da casa e, o homem, do provimento material, embora as mulheres tenham que conciliar filhos, família e trabalho.

Essa realidade não é diferente na vida de Clara; ao participar conquistando expressivo espaço no mercado de trabalho e na vida pública. A participação dos homens nas decisões e nas obrigações referentes à vida doméstica não se faz na mesma proporção, deixando, para as mulheres, a difícil tarefa da vida pública – aqui representada pelo espaço religioso católico – enfrenta limitações que a impede de fazer o que gostaria de forma diferente. Percebe-se de forma preponderante o enraizamento da desigualdade de gênero na divisão das tarefas da casa.

Ser líder mulher numa comunidade como Soledade é bom, mas é puxado né, porque na medida em que a gente tem um trabalho a gente deixa outro pra tá dando continuidade àquele que a gente tá né, pra gente ser líder na comunidade tem que tá uma hora deixando um pouquinho a família, deixando a casa um pouquinho de lado, deixa serviço, deixa as coisas, tem hora que a gente esquece até da gente mesmo pra tá ali trabalhando! Eu acho que pra mulher ser líder é um grande desafio! (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

O maior desafio enfrentado por Clara é representado pela dupla jornada de trabalho. Ela declara que, para ser e permanecer líder existe uma necessidade incorporada de “dar conta de tudo, conciliar casa e comunidade. Pra mim o mais difícil é isso aí, dar conta da casa, da família, filho e tá aqui trabalhando como eu estou hoje”.

Clara não conta com a contribuição do marido no trabalho doméstico, e na educação da filha o marido é distante. A cultura de que as filhas devem ser orientadas e educadas principalmente pela mãe e os filhos pelo pai, reforçam o comportamento ausente do marido na educação da filha.

Para a mulher ser líder ela precisa se desdobrar, e isso significa deixar algo sem fazer ou trabalhar além do que já faz em seu cotidiano. Essa realidade evidenciada é reforçada nas declarações de Clara. Não é um fato isolado. É uma realidade de milhões de mulheres que desejam e sentem a necessidade de se afirmarem diante da família e da sociedade. Quando essas mulheres assumem atividades diferentes daquelas do espaço doméstico que acumula e duplica o seu trabalho e responsabilidades.

Clara foi coordenadora pela primeira vez em 2004. Destaca a experiência adquirida na coordenação como algo significativo e importante para ela. Clara entende que na coordenação se constrói a possibilidade de aprofundamento e de maior conhecimento sobre aquele campo de trabalho: “é preciso ir atrás das notícias, ser atualizada: entender melhor que se passa pelo

mundo, não só sobre religião, mas na política, por exemplo, então a gente fica por dentro de tudo”.

De acordo com Clara, o maior desafio na pastoral onde atua, além daqueles enfrentados por ser mulher, é manter a união do grupo de líderes e a identidade da pastoral, fazendo com que as mães da comunidade (aquelas que têm filhos até 6 anos de idade e residem em Soledade) participem de todas as atividades promovidas e compreendam os verdadeiros objetivos do trabalho desenvolvido. Clara explica:

Não é só pesar (a pastoral da criança acompanha mensalmente o peso das crianças visitadas pelos(as) líderes, certificando-se de que nenhuma delas esteja abaixo do peso, se tiver, terão o acompanhamento diferenciado pela pastoral e serão encaminhadas para acompanhamento pediátrico), mas é promover a vida, principalmente das crianças de baixo peso, contribuir na recuperação da saúde daquelas que estão sob algum risco. E muitas vezes a situação é resolvida simplesmente com orientação para a mãe (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

Em outras palavras, ela se ressentida da carga de trabalho e atribuições das mulheres da comunidade, mas não vislumbra possibilidade de mudança de sua condição atual. Assim como a maioria das mulheres de Soledade que desenvolvem alguma atividade na liderança da comunidade, é “mãe, esposa e dona de casa” (expressão de Clara). Ser líder possui um significado especial, o de ocupar um espaço que contribui para a sua emancipação social e política, mas, na contradição, antes precisa cumprir com as obrigações domésticas e com a família.

Eu não posso deixar as minhas obrigações em casa, na minha família. Pra estar aqui, tudo tem que estar certinho, minha obrigação de mãe e esposa precisa estar em primeiro lugar (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

Para a mulher ser líder, participar, atuar e compor a liderança é um desafio, pois, além da nova função, tem a responsabilidade doméstica, a atenção exigida pela família e pelos filhos, principalmente quando eles estão pequenos.

As primeiras experiências de Vitória na função de liderança têm aproximadamente 15 anos. Na fase dos filhos pequenos Vitória participava, mas não na liderança. Afastou-se no momento em que eles cresceram e se tornaram mais independentes, possibilitando uma inserção tardia nas atividades sociais e religiosas na comunidade e nas pastorais.

Essa não é uma realidade exclusiva de Vitória. A mulher participa da vida pública e do mercado de trabalho depois dos filhos maiores. Em Soledade, há uma participação ativa da mulher na vida comunitária antes do nascimento dos filhos; isso significa uma inserção da mulher nas atividades religiosas de liderança na fase da juventude. Conseqüentemente, ocorre uma pausa após o nascimento do primeiro filho e, mais tarde, após os 35, 40 anos, essa mesma mulher retorna às pastorais e, algumas, iniciam mesmo mais tarde. Quando os filhos estão pequenos, são poucas as mulheres que atuam em trabalhos e atividades na comunidade. Com o nascimento dos filhos, o trabalho doméstico é intensificado e a mulher não consegue conciliar família, filhos, trabalho doméstico e vida pública. Isso ocorre pelo fato da existência da desigualdade de gênero nas atividades domésticas na família, ou seja, a mulher é quem “deve” dar conta de todo o trabalho e cuidar da educação dos filhos. Sendo assim, enquanto existe uma maior dependência dos filhos, a mulher fica impendida de participar de forma mais ativa.

Nem sempre o marido participa da Igreja e, quando a mulher deseja participar só, a situação torna-se complexa; um drama social vivenciado por muitas mulheres em Soledade e em toda sociedade. Ela assume toda responsabilidade, além daquelas já existentes. Vitória teve uma experiência que marcou sua vida e, ao falar sobre o assunto, se emociona.

_ Eu falo assim pros meus meninos, cê tem uma determinação de tá caminhando, talvez alguém fala, eu vou largar isso tudo pro lado porque não vale a pena, então eu falo: vale a pena lutar sim, eu lutei e consegui! Muitas vezes cê “joga a toalha”⁴⁸ e não tá no tempo certo. Eu imaginava assim, eu tenho o meu objetivo: eu tenho que ser mãe, esposa né, companheira e tenho que ser catequista! Porque se eu não for isso tudo, não consigo o que eu quero!

Vitória quer dizer que, para ser mais reconhecida pela família e pela comunidade, ela precisa se desdobrar em suas responsabilidades de mãe e esposa e no trabalho doméstico, que continua não sendo distribuído de forma equânime entre homens e mulheres.

Dentre as várias questões colocadas, a situação econômica da família se destaca. Ela não é determinante para uma pessoa ser líder – seja homem ou mulher – em Soledade, mas possui um significado importante nesse processo que poderá contribuir com a presente discussão.

⁴⁸ Vitória usa esse termo “jogar a toalha” no sentido de desanimar e concluir, finalizar o que estava fazendo.

Eu moro muito longe da comunidade de Soledade, se for olhar no mapa, eu moro a bem mais de dois quilômetros e meio de estrada de chão de minha casa até a igreja. Tem muito morro, isso dificultava e muito! Quando veio melhorando a situação financeira, por exemplo, aí cê tem possibilidade de ter um carro. Até lá em casa meu marido falava assim, quando a gente comprar um carro a gente não vai sair da igreja, então foi nessa época que começou, atuamos mais depois que a condição melhorou! Quando eu casei recebia muito convite pra trabalhar, mas aí eu tinha aquela dificuldade: os filhos, a casa, não tinha apoio do marido no início do casamento né. Depois que você entra, cê acaba jogando naquele time ali, vira um titular e nossa família gostou, se envolveu, hoje todos participam (Entrevista de Vitória, em 05 de agosto de 2010).

Vitória sofreu preconceito de algumas pessoas da comunidade, pois sua família não estava nos padrões tidos como “normais” de família na época. Casou-se com uma pessoa filha de pais separados que não eram atuantes ou participavam da Igreja. Vitória veio de uma família de origem católica tradicional e, após o casamento, enfrentou deferentes tipos de preconceitos. Por esse motivo, se cobrava e sentia-se reprimida.

Quando eu casei, meu marido não participava da igreja, eu sentia assim, o padre falava comigo, a gente conversava muito, eles refugavam a gente, no caso assim, preconceito né: cê veio de longe, cê casou com uma pessoa que não é de igreja! Naquela época uma pessoa de pais separados, mandava muito. O meu marido tinha pais separados, ele não ligava pra nada! Mesmo assim, eu agarrava meus filhos e trazia pra igreja, eu sozinha! A única pessoa que eu tinha apoio era os meus tios né, meus tios e o padre da nossa paróquia o Pe Robson. Aí ele dava muito apoio, ele falava “não falta minha filha, não deixa de ir”, eu não chamava meu marido também não, deixava para lá e ia só. Minha filha chorava e falava assim: “vamos papai com a gente” aí ele falava assim: “outro dia eu vou”, e graças a Deus ele veio mesmo! (risos). Eu tive mais apoio depois disso aí, porque quando ele pegou o cargo de ministro, o Pe Robson foi lá em casa me chamar para ser ministra, como eu não podia que eu era nova, padre falou, mas seu marido pode, ele falou: você ajuda seu marido? Eu falei: ajuda! Aí apenas um dia que não fui com ele, mesmo assim porque tava nos dias de ganhar minha filha! Eu o acompanhei todo o tempo (Entrevista de Vitória, em 05 de agosto de 2010).

Vitória tem como um dos valores relevantes e essenciais em sua vida a religião e a própria participação. É uma mulher que reza, demonstra ter fé e acredita que Deus está sempre ao seu lado, considera esse fato importante em sua vida. Segundo declarações, sua persistência foi determinante para que o marido participasse junto com a família da vida de comunidade, assim como Vitória desejava.

Foi muito importante! Foi importante o fato de eu ser perseverante né, porque eu podia ter desanimado, o fato de eu ser perseverante junto com meus filhos, eu tive apoio dos meus filhos, eles falavam: “não vamos não mamãe, eu falava: vamos sim

meu filho” e a gente indo pra igreja e o marido certamente sentiu com certeza né, “nossa, minha família lá vai” e deve que ele sentiu vergonha da gente indo e ele não! Mas aí tudo bem, foram sete anos assim, depois, quando ele veio eu senti mais força ainda, aí eu senti força de tá na caminhada de fé junto com ele (Entrevista de Vitória, em 05 de agosto de 2010).

De acordo com as declarações de Vitória, o apoio da família é essencial no caso de a mulher assumir cargos de liderança na comunidade. Segundo Vitória, participar como membro é algo comum e sem maiores problemas, mas, atuar como líder sem o apoio da família, para ela, é impossível. Lúcia pensa como Vitória em relação ao apoio da família, e não se vê de outra forma. Mas, vivencia uma realidade um pouco deferente.

Lúcia tem o apoio da família, considerado por ela primordial e necessário para ser líder e desenvolver as atividades na comunidade. Ela não tem nenhum tipo de problema com o marido ou os filhos ao participar da Igreja, pois todos participam. Na época da pesquisa de campo seu marido era o coordenador geral da comunidade, já foi ministro da eucaristia e atua nas pastorais e grupos da Igreja; os filhos participam dos movimentos e da pastoral da juventude. Lúcia considera essencial o apoio da família, do contrário “seria mais difícil para a mulher participar, teria que romper com a família e isso é muito difícil de fazer”.

Para ser líder é preciso gostar, fazer por amor. Segundo declarações de Lúcia, “é em espaços como esse que a mulher vai se afirmando e conquistando seu lugar na sociedade”.

Nessa parte de liderança, eu vejo como um espaço bom e acho que eu tô ocupando, um espaço que às vezes muitas mulheres têm até respeito de chegar né. Mas acho que nessa parte eu me sinto abertamente livre pra fazer as coisas que eu tenho vontade de fazer e nessa parte de comunidade o objetivo tá sendo ser mulher e líder na comunidade (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

Isso não quer dizer que não existam desafios. Um deles, para Lúcia, é o trabalho doméstico que é desafio também para Clara, Vitória e tantas outras mulheres: “ser dona de casa e trabalhar na comunidade, eu acho que é um serviço pesado, cê tem que às vezes dobrar em duas ou três pessoas né pra dar conta”. Mesmo quando a família apoia, como a de Lúcia, ou não a impede de participar, não significa que o trabalho doméstico seja dividido de forma igualitária. A participação dela é condicionada (assim como a de Clara e Vitória), a dar “conta de tudo” em casa ou deixar sem fazer ou para ser realizado em outro momento.

Em sua casa moram o marido e dois filhos homens. A partir das construções da cultura machista e do modelo imposto à sociedade, “é natural que Lúcia tenha que dar conta de tudo: casa, roupas, cozinha, limpeza...”. Para participar da comunidade e assumir cargos de liderança, de fato, ela precisará trabalhar além do que deveria. Esse é um dos motivos pelos quais muitas mulheres não assumem cargos de liderança na comunidade, nas pastorais ou grupos católicos: “Para trabalhar na comunidade cê tinha que ter mais tempo, meu tempo é meio corrido! O obstáculo maior que eu acho é a falta de tempo por causa do serviço doméstico”.

Há dupla concepção para o trabalho doméstico: atividade não remunerada realizada por donas de casa e prestação de serviços nos lares de outras famílias. A primeira é qualificada como algo voluntário, gratuito, oriundo da dedicação aos familiares, enquanto a segunda é uma atividade profissional desempenhada por grande parte das mulheres brasileiras, sobretudo pelas mulheres negras. Como uma prestação de serviços, o trabalho doméstico remunerado enseja um vínculo de trabalho, podendo ser formalizado através da carteira assinada e de certos (e geralmente reduzidos) benefícios. O trabalho das mulheres no âmbito de suas próprias famílias não é tratado como um produto, uma vez que não se converte em renda monetária. Há, assim, uma desvalorização do autoconsumo (ÁVILA, 2002, p.46).

O trabalho doméstico tem ocupado espaço na reflexão de pesquisadoras feministas (Delphy Kergoat, Hirata, Araújo), pois ele encerra uma das contradições profundas das sociedades, que remuneram o trabalho realizado na esfera pública, mas ignoram atividades voltadas para a manutenção do espaço doméstico – cruciais para manter a vida individual e coletiva (ÁVILA, 2002, p.43). Só por meio da análise da relação entre atividades domésticas e atividades remuneradas é que se podem compreender, de forma marcante, as desigualdades das relações de trabalho entre e para as mulheres.

2.3 Mulher: líder, mãe e esposa

É exigido, principalmente pela família, que Clara, Vitória e Lúcia deem atenção para todos e sempre. O cuidado com os filhos é uma exclusividade delas, pois são mulheres, além da atenção aos maridos e manter a casa limpa e organizada. São cobradas em relação à “responsabilidade e a moral” que lhes impõe todo tipo de sacrifício para a manutenção dos

laços e vínculos familiares. Elas não têm muita alternativa, pois foram educadas e preparadas para este fim.

Eu acho que sou bem participativa, porque eu gosto de tá com a família, eu gosto de brincar com minha filha, eu gosto de acompanhar o crescimento dela, como eu gosto de manter a casa arrumada, de dar atenção pro meu marido, de tá ali, eu gosto de tá reunindo pra rezar ali pra fazer oração, eu gosto (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

No entanto, essas mulheres nem sempre se demonstram felizes e satisfeitas. O maior desafio é sempre “dar conta de tudo e tudo se traduz em: cuidar da casa, dos filhos, marido, lavar, passar, cozinhar, trabalhar na roça”, etc.

É, eu tento levar! (risos). Nem sempre a gente dá conta de tudo, geralmente eu tento que, como eu falei com cê, na hora de falar da Clara Líder, o maior desafio é isso, dar conta de tudo né! É tirar um pouquinho de tempo pra um, um pouquinho de tempo pra outro né, (risos) e vamos levando (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

Na conversa com Clara, as declarações evidenciam que o trabalho doméstico na roça e a responsabilidade de mãe ocupam um tempo extenso de sua vida, impossibilitando-a de dedicar-se aos cuidados pessoais, como a saúde.

Ah, eu penso e tem objetivo de me cuidar melhor, só que nem sempre, ou por questão financeira, ou o tempo também, ou mesmo que não seja uma coisa material, mas uma coisa assim mais pessoal, às vezes se arrumar e de repente a gente não tem tempo (risos) Não que a gente não arruma né, mas, a gente não tem muito tempo mesmo não! Eu acho que eu devia tirar mais tempo pra mim! (gargalhadas). Ah, muito serviço (risos) Mas, cuido da casa e fico brincando com minha filha, isso ajuda eu não tirar tempo pra mim, mas eu tiro pra ela, tá bom também (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

Clara representa bem a angústia vivida pelas mulheres e a grande questão que se coloca é uma transformação nas relações de gênero da sociedade, onde a família está inserida. As famílias influenciam e são influenciadas pela religião, que é marcada pela diferença e pelo poder masculino.

Na família de Vitória identificamos a seguinte realidade: cada filho seguiu um caminho; duas das filhas moram em São Paulo para estudar, com Vitória mora a mais nova e

o filho mais velho, que cursou o primeiro grau e não continuou os estudos. Hoje, ele trabalha com o pai na roça, ajuda nas despesas e está com o casamento marcado para julho de 2011. Construiu uma casa na propriedade dos pais, local onde pretende construir a sua nova família. Uma das filhas de Vitória, que mora em São Paulo, formou-se em Letras, trabalha na área da educação e é independente. A outra faz faculdade na mesma cidade e as duas moram juntas. Vitória fala das meninas com orgulho, pois, realizam o sonho da mãe: o de estudar.

Poderíamos imaginar que os efeitos nocivos desse modelo se restrinjam às mulheres, no entanto, nota-se que, apesar da superioridade social atribuída ao masculino, a classificação de gênero prejudica também os homens. Na adolescência, podem sofrer a expectativa, ou até a pressão, de contribuírem para a renda familiar ou pessoal como um requisito “obrigatório” dos homens. A conjugação entre escola e trabalho pode ser um fator do abandono escolar para eles. A ideia de que o homem deve ser o provedor de um domicílio ou de suas próprias despesas atua como estímulo à interrupção da escolaridade. No entanto, de modo geral, os rapazes são obrigados a corresponder às expectativas de provedores atribuídas à masculinidade. Foi exatamente o que aconteceu com o filho de Vitória, que não conseguiu conciliar os estudos e o trabalho pesado na roça, ou seja, a assimetria de gênero prejudica o homem. “Ele até tentou, mas não deu”. Ela não demonstrou indignação com a realidade do filho, analisou como um fato comum e “natural” na família.

Vitória foi educada como muitas mulheres de sua geração. Precisa dar conta de todo trabalho doméstico, “ajudar” na roça, ser responsável pela educação dos filhos, dentre outras características que a mulher recebeu ao longo da história: mãe tem que dar exemplo para os filhos e para sociedade, não deve chorar na frente dos filhos, deve estar sempre pronta para o marido e fazer as vontades do marido. Vitória faz de tudo para manter o casamento em harmonia, o marido é o centro da família, é uma autoridade e ninguém fala o contrário.

Essa mulher tem hora pra tudo, essa mulher procura sempre estar pronta para servir, para amar, para falar palavras que precisa de conforto! Porque cê sabe que hoje nós vive num mundo de todo mundo desorientado, tem hora que vai ficando mais idoso né aí começa, então você tem que ter sempre aquela força de buscar né, tem hora que extravasa um pouquinho, mas aí eu tenho chance de tá recomeçando, procuro sempre conversar...depois da raiva é claro né! Eu sou uma pessoa que eu falo muito, eu mesma falo com meu marido assim, olha me deixa falar primeiro, aí depois que eu começo a falar ele fala, agora você fala, depois agora é hora de ouvir, agora é hora de falar, então a gente fala (Entrevista de Vitória, em 05 de agosto de 2010).

Vivemos em uma sociedade extremamente marcada pelas diferenças. Quando falamos de gênero, estamos nos referindo às construções e expectativas sociais sustentadas em relação aos homens e às mulheres. Em outras palavras, gênero diz respeito ao modo como nossa sociedade constrói representações sobre ser homem e ser mulher e pressupõe que sejam naturalmente estabelecidas. Desde pequenos, os meninos e as meninas são educados para agirem de determinada forma.

Ao observarmos, ao nosso redor, as atitudes, as manifestações das crenças e os valores culturais, verificaremos como essas representações de gênero estão naturalizadas. Lúcia, em uma de suas narrativas, reforça essa construção cultural.

Eu como mãe sou “rabugenta” pra “caramba”! (risos) ah eu vou te falar, os 3 filhos é complicado! Qualquer coisa, se tá sentindo mal eu não durmo, e olha que não são adolescentes, o mais novo tem 19 anos, então são rapaz e moça grande, mas a proteção é tudo, parece que é tudo com criança nova. Então aquela proteção imensa! Não gosto que corrige, eu mesmo que tenho que chegar e dar conselho, eu gosto de conversar, somos muito amigos, amiga de todos três, muito amigos, nessa parte eu acho que como mãe eu tô sendo, menos eles falam que eu sou uma super mãe né, então eu acho que nessa parte não tô deixando a desejar não! (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Considerando o panorama atual, ocorre que a distribuição das tarefas entre os sexos é, em muitos sistemas culturais, entendida como uma espécie de extensão das diferenças anatômicas (procriativas) entre os sexos. Parece "natural" que caiba ao sexo feminino uma série de tarefas associadas ao papel que a mulher ocupa no processo reprodutivo. O cuidado com a prole é sempre destinado às mulheres, mas este se situa para além do papel propriamente reprodutivo. Assim, recebe uma carga simbólica de atributo da condição feminina.

Nesse contexto, Lúcia declara que vive bem no casamento e com os filhos apesar de ser ainda dependente deles e do marido, mas se impõe enquanto esposa, segundo ela, é exigente e não é totalmente submissa.

[...] eu sou mais exigente, eu como esposa sou meio mandona (risos)! Eu gosto assim, eu sou assim, eu brinco lá em casa que eu sou muito protetora, tanto quero proteger o marido como os filhos, eu quero ser árvore com a raiz e tudo! Eu não quero ser só um tronco não, eu quero proteger geral. Aí eu acho que tá tudo encima de, eu que quero, não é que tudo cai encima de mim, eu que quero a proteção inteira. Quero proteger o marido, quero proteger os filhos! (risos). O problema é que a gente não da conta, mas quer, quer. E tem suas consequências, mas quer ajudar e ser protetora de tudo. Eu sou bem dependente dos filhos e do marido às vezes, igual eu

preciso de motorista, eu quero ser bem independente assim, poder sair só, ser livre, assim mesmo com o apoio deles, mas ter mais segurança no que eu faço às vezes eu acho que eu sou bem insegura! (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Lúcia tem muitas atividades, seu dia é intenso e não tem tempo para se cuidar. Ao ser interrogada se dedicava tempo para ela mesma, a primeira reação foi dar várias gargalhadas. Em seguida, mudou a forma de olhar e silenciou-se. Falou do seu sentimento e as lágrimas escorreram sobre o rosto:

Essa mulher tá ficando de lado, pois não sobra tempo, eu acho que tá abandonada a Lúcia mulher. Eu acho que como mulher eu poderia ser mais assim diferente, cuidar mais de mim, lembrar que eu sou mulher, que eu existo, que eu preciso, que eu sou um ser humano, mas, um ser que merece mais ajuda, diferente né, se talvez eu fosse um homem... Eu só trabalho, às vezes eu esqueço de me cuidar, eu lembro mais dos outros do que de mim, eu acho que como mulher eu tô totalmente apagada! (os olhos encheram-se de lágrimas) (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Além dessa declaração, Lúcia manifesta não gostar de sair de casa, não frequenta nenhum lugar, só a casa dos pais e a Igreja, as reuniões, encontros e celebrações da comunidade. Vai à Igreja todos os dias, sua vida é assim: “da casa para a Igreja e Igreja para casa”. Não gosta de sair para passear ou frequentar outros lugares públicos, sente-se bem no espaço de sua casa, apesar desse comportamento incomodar toda a família.

Pra falar a verdade eu não vou a lugar nenhum! (risos), eu sou bem caseira, o lugar que eu vou é no meu pai na minha mãe e à igreja. As pessoas me chamam, às vezes ficam até revoltados de eu não sair, mas é porque não gosto mesmo, eu sou bem caseira. Eu gosto muito de arrumar, não sei, eu acho que eu sou meio escrava do serviço, não gosto de deixar nada fora do seu lugar. Então eu to ali, a minha diversão é isso! Eu sinto bem (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

As mulheres têm uma jornada semanal superior à dos homens: ao se conjugarem as informações relativas às horas de trabalho dedicadas às tarefas domésticas com àquelas referentes à jornada exercida no mercado de trabalho. De acordo com dados da OIT (Organização Internacional do Trabalho), apesar da jornada semanal média das mulheres no mercado de trabalho ser inferior a dos homens (34,8h contra 42,7h), ao computar-se o

trabalho realizado no âmbito doméstico, a jornada média semanal total das mulheres alcança 57,1h e ultrapassa em quase cinco horas a dos homens (52,3 horas)⁴⁹.

Pesquisas orientadas pela categoria de gênero revelam que as diferenças atribuídas aos homens e às mulheres produzem e reforçam relações de poder. Essas diferenças são estabelecidas em contextos históricos de dominação que persistem no tempo. De acordo com Heilborn (2004), o conceito de gênero contribui para a análise da sociedade, ao questionar os padrões sociais estabelecidos para homens e mulheres. Ao provar que as diferenças de padrões foram construídas historicamente, os estudos de gênero evidenciam a possibilidade de reverter injustiças e construir um horizonte equânime na relação entre homens e mulheres.

3. A construção das relações de gênero nas pastorais e a influência da família

Existem homens e mulheres que atuam nas pastorais. As relações de gênero construídas nesse espaço são fortemente influenciadas pelos sistemas de significado simbólico do grupo – uma cultura que constrói ênfases, pelos valores religiosos e familiares. Essa relação de gênero é percebida por Clara como fundamental. Em sua opinião, homens e mulheres devem trabalhar juntos nas pastorais, apesar de ter consciência que dentro de sua família isso não ocorre. Explicita da seguinte forma:

Eu acho que tem que trabalhar unido e não separado, já pensou se tem uma pastoral só de homem e uma ali só de mulher rsrsrsr! Ai já começa dividindo né, já começa a separação dentro da igreja sabe. O que a gente busca é a união, se for assim, aí já começa o trabalho não dando certo, aí não é legal, sinal de que alguma coisa tá dando errado (Entrevista de Clara, em 07 de agosto de 2010).

No entanto isso não objetiva nas pastorais, a mulher tem hoje uma atuação importante, mas, distante de uma relação de gênero mais igualitária. Os espaços ainda são bem definidos, prevalece o poder masculino e a submissão feminina de grande parte das mulheres nas pastorais.

Apesar das diferenças de gênero, a sociabilidade é tida como relevante e é valorizada tanto por homens como por mulheres. É uma das características do trabalho pastoral: as

⁴⁹ Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/topic/gender/doc/08_marco_2010_texto_139.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2010.

pessoas se conhecem melhor, encontram-se periodicamente, realizam atividades de forma coletiva. A convivência comunitária é fortalecida pelo trabalho pastoral.

Na medida em que a gente vai deixando de participar da comunidade, a gente vai deixando Deus de lado, não sei é o meu ponto de vista, eu acho que na medida em que a gente começa entrosar a gente convive melhor, é mais fácil a convivência, a gente aprende mais, consegue resolver os problemas mais facilmente. Então viver próximos uns dos outros, é muito importante, ninguém deve viver só, a relação fica mais forte quando homens e mulheres estão juntos em comunidade, como na pastoral, por exemplo, (Entrevista de Clara, em 25 de agosto de 2010).

A descrição de tais realidades nos remete ao que Bauman (2003) afirma, de que não ter comunidade significa não ter proteção. Para Anderson (1991) e Cohen (1985), a comunidade é imaginada, ou seja, ela é um constructo simbólico e discursivo e, portanto, polissêmico. As pessoas vão ao encontro da comunidade na tentativa de construção de identidades políticas, que utilizam a ideia do pertencimento a essa comunidade como seu “campo de batalha” para unir os indivíduos em torno de problemas, reivindicações e lutas em comum.

Na vida de Vitória, as atividades religiosas nunca ocuparam o seu tempo como ocupam agora. Ela sempre atuou em trabalhos com crianças e jovens, sua dedicação é no trabalho da catequese infantil. Atualmente, é coordenadora da pastoral da catequese de Soledade.

Eu sinto mais responsabilidade do que eu já tenho né, que além de ser catequista, sou coordenadora da catequese, sou também catequista! Então acho que é uma responsabilidade maior que eu tenho, de tá levando não só por ser catequista, mas coordenar um grupo, eu coordeno um grupo de 14 catequistas, a responsabilidade dobra mais! Mas me sinto bem, mas as coisas que faço eu tô fazendo por amor, então eu sinto muito bem mesmo, faço porque gosto (Entrevista de Vitória, em 15 de agosto de 2010).

Na família de Vitória todos participam da igreja, de alguma pastoral ou grupo. Para Vitória, a relação entre a Igreja, a pastoral e a família fazem parte de uma relação estreita e imbricada – “uma depende da outra”, comenta ela. Uma instituição influencia e é influenciada pela outra, como é o caso dessas duas instituições: Igreja e família.

Eu acho assim: a vida da igreja, da comunidade e da família eu acho que é a mesma coisa. Do jeito que eu me sinto lá, eu me sinto aqui. Eu me sinto bem aqui, eu me

sinto bem de estar lá, eu gosto de estar lá, eu gosto de estar conversando aqui, eu trago pra cá, eu levo pra lá entendeu? [...] Nunca senti dificuldade em estar vivendo aqui ou vivendo lá, eu sempre procuro trazer para pastoral e sempre procuro levar para família alguma coisa e vice e versa (Entrevista de Vitória, em 15 de agosto de 2010).

A relação entre homem e mulher pode ser complexa quando um dos dois participa das atividades na comunidade e o outro não. Nesse caso, o ciúme é um dos motivos de conflitos familiares entre o casal e também um dos motivos que leva ao abandono da vida em comunidade e até ao isolamento do próprio casal em função da harmonia no casamento; história que Vitória conhece bem.

Já vivenciei isso, oh! Mas já superei também, pra trabalhar! Porque não podia fazer isso nem aquilo... aí vai fazendo as coisas de acordo, você não trabalha agora, deixa como tá, né, de repente cê pode tá causando uma coisa pior (Entrevista de Vitória, em 15 de agosto de 2010).

Hoje, em Soledade, as atividades nas pastorais são bem distribuídas. De acordo com Vitória, tanto homens quanto mulheres trabalham juntos e fazem de tudo, dependendo da criatividade de cada um. Realidade diferente do que acontece no espaço doméstico, onde só a mulher trabalha. Vitória percebe que seu trabalho é bem aceito na comunidade. Os problemas que enfrentou foi em relação à liderança, inclusive discriminação de gênero, com tratamento diferente entre líderes homens e mulheres na comunidade.

O maior desafio que eu tenho enfrentado é a minha coragem, a gente tem que vir com coragem pra enfrentar o trabalho os desafios ou o preconceito de ser mulher né, de alguém falar ah porque você é mulher, mas eu acho que aqui no nosso canto, por exemplo, eu coloco assim, você ser mulher já é um desafio, pra você ser uma líder de caminhada mais ainda, já vem do trabalho que a gente tem muito né, mais o trabalho na comunidade... Quando surge um trabalho na pastoral pra gente pegar e enfrentar, a primeira coisa que imaginamos é que não vamos dar conta disso! Então pra enfrentar os desafios cê tem que ter apoio, mesmo assim tem hora que não dá pra enfrentar (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

O modo como cada cultura constrói o gênero irá definir um determinado padrão de organização das representações e das práticas sociais no mundo público (rua) e na vida privada (casa), estabelecendo lugares distintos para homens e mulheres e uma dinâmica peculiar entre ambos. Nessa perspectiva, o espaço religioso evidencia e sinaliza quais lugares

e espaços, dentre eles grupos, pastorais, movimentos e cargos, devem ser assumidos ou mais propícios para homens e para mulheres permanecerem, ocuparem ou não.

Tem pastoral que as mulheres trabalham mais, tem pastoral que os homens, eu acho que devia ter igualdade né, aqui tem um pouquinho, mas... igual algumas pastorais e grupos como o apostolado mesmo, eu sou do apostolado, eu acho que tem muitas mulheres, achava que tinha que ser o casal, ou mais assim, vir mais homens. A pastoral da criança é mais mulher também, na catequese, quase só mulheres, então eu acho que numa parte já não são tão iguais. As partes não são iguais não! Às vezes olhando assim: eu acho que aquela pastoral ali mais é parte feminina ou outra hora é masculina, é porque às vezes não foi participar pra saber né, tem trabalho para os dois. mas eu acho que tem bastante desigualdade. Em algumas partes, mesmo dentro da igreja, não são iguais, tanto mulher, homem, e algumas pastorais têm muita diferença (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Após esse relato e, ao ser questionada sobre qual pastoral se identifica, Lúcia não consegue ocupar um espaço diferente daquele onde estão a maioria das mulheres da comunidade, foram culturalmente naturalizados como femininos.

Eu gosto muito dessa que eu participo que é a pastoral do batismo, mas tem uma pastoral que eu participei que eu gosto muito que é a pastoral da criança. Porque cê mexe direto com as grávidas e as crianças, é um jeito que cê tá lutando pra salvar vidas. Às vezes cê vê uma criança bem desnutrida é assim, sendo acompanhada, rapidinho cê tá vendo a diferença, eu acho muito gratificante esse trabalho (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Lúcia é ministra da eucaristia, um cargo que tem orgulho de ocupar, pois antes era um cargo assumido somente por homens. Há menos de 10 anos, em Soledade, vem sendo ocupado por mulheres. Ser ministra significa para Lúcia, estar mais próxima do sagrado, de Deus. Isso significa ter mais proteção, ser sempre abençoada por Deus, significa prestígio, e poder. Ocupar um cargo que por anos consecutivos foi ocupado pelos homens parece ser muito prazeroso para Lúcia.

Ser ministra foi uma coisa que me aconteceu mais... Assim uma coisa vinda de Deus mesmo! Eu ajudava o meu marido na época, ele era ministro, quando eu fui convidada, eu até chorei de alegria, que eu não esperava ser ministra! Aí no momento que eu fui convidada, foi a melhor coisa da minha vida, nesses três anos que vai completar agora sei lá parece que eu realizei tanta coisa, que às vezes não sendo ministra eu não teria realizado, pra mim foi a melhor coisa que me aconteceu! Muito bom! (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Em uma das entrevistas, um ministro da eucaristia disse que para ele era importantíssimo que a mulher ocupasse esse cargo, pois “a mulher tem muito mais jeito para trabalhar como ministra da eucaristia”. Ele se referia aos detalhes que sempre ficaram sob os cuidados da mulher: o cuidado com o sacrário⁵⁰, a capela, os paramentos brancos que devem estar sempre muito limpos, a ornamentação, e “o homem não tem muito jeito pra isso, a mulher é mais cuidadosa, tem um jeito especial”. O mais comum é que a ministra leve a comunhão à residência daquelas pessoas idosas, acamadas ou tenham algum tipo de limitação física ou doença e manifestem a vontade de receber a comunhão em casa. Hoje a mulher é vista com o perfil para o cargo, “a mulher é cuidadora e protetora, detalhista”, essas características foram dadas ao cargo de ministro antes ocupado somente por homens e hoje mais pelas mulheres. Isso só ocorreu quando os homens constataram que o cargo possuía um perfil mais feminino que masculino.

Nas visitas domiciliares, quem recebe comunhão são pessoas que precisam de atenção, carinho, cuidados especiais e são idosos e doentes, muitos, em fase terminal. Segundo as narrativas da pesquisa, os homens sentiram-se limitados e constrangidos em muitas situações vivenciadas por eles, principalmente nessas visitas. Este foi um dos motivos de a mulher ter ocupado um lugar como o do ministro, que não deixou de ser um cargo de prestígio na Igreja Católica, porém, cada vez mais ligado à moral e à boa conduta e as pessoas sentem-se honradas em serem convidadas, assim com Lúcia disse: “parece que estamos mais perto de Deus e poder tocar na eucaristia (representa o que há de mais sagrado na Igreja Católica), não tem explicação”.

Para Vitória, Lúcia e Clara, a fé em Deus e o trabalho comunitário e pastoral são os suportes para o enfrentamento dos problemas de cada um. As pessoas expressam que este envolvimento, seja ele espiritual ou religioso, é revertido em disposição e coragem para enfrentar com mais determinação os reveses da vida. Em suma, o envolvimento comunitário pastoral é positivo nesse aspecto e contribui para resolver problemas existenciais de melhoria e ampliação das relações sociais e para motivação das mulheres em participarem de outros espaços sociais e políticos.

⁵⁰ Sacrário é o local (de mármore, madeira ou metal) onde são guardadas as hóstias sagradas, o símbolo da eucaristia na Igreja Católica. Normalmente, é um lugar mais reservado e respeitável dentro ou ao lado da Igreja.

4 A mulher diante das questões sociais e políticas locais

Clara afirma que falta para as mulheres assumirem de fato o seu espaço na comunidade e na sociedade, é perder o medo, serem mais confiantes, seguras, pois, são capazes, falta acreditar em si mesma: “Ter coragem de enfrentar é necessário”.

Medo do trabalho, dos outros criticarem, medo de fazer dá errado vem todo mundo colocando a culpa, nem que não seja culpa sua, aí vem todo mundo não deu certo porque fulano fez isso, ou deixou de fazer aquilo. Ontem mesmo a gente fez reunião da pastoral da criança, porque tá chegando a assembleia né aí ficam assim: eu não posso por causa disso, eu não posso por causa daquilo, mas não é por causa disso. Ah, eu acho, não sei, de repente a gente deixa, a gente fala que os homens discriminam as mulheres, mas muitas vezes nós mesmas não nos envolvemos tanta nessa questão política (Entrevista de Clara, em 02 de outubro de 2010).

O medo e a insegurança de que Clara fala estão associados à repressão e à dominação masculina, imposta às mulheres, fazendo com que elas creiam que não são capazes ou importantes na sociedade. Clara não demonstrou reconhecer ou perceber essa dimensão da dominação e do poder masculino que estrategicamente ao longo da história fez com que as mulheres se sentissem inferiores aos homens.

Na questão social e política, alguns problemas são identificados por Clara. Mas, ela não se demonstra à vontade para discutir o assunto, percebe que na comunidade essa questão é desafiadora e precisa ser enfrentada. Em sua opinião, existe uma omissão do executivo municipal nas questões básicas como estradas, escola e transporte para as crianças, entre outros. De acordo com Clara, a associação comunitária local tomou a iniciativa e conseguiu resolver junto à liderança da comunidade: “Geralmente é aqui que tenta buscar uma solução”.

A associação comunitária possui uma parceria com a EMATER (Empresa Brasileira de Extensão Rural, que desenvolve um trabalho educativo e de orientação junto às comunidades rurais. Há uns dois ou três anos, houve uma movimentação de algumas mulheres, juntamente com o sindicato dos trabalhadores e a EMATER, com o objetivo de organizar um grupo de mulheres; no entanto, faltou quem assumisse a coordenação. Clara, hoje, aceitaria ser coordenadora de um grupo de mulheres e cita o nome de outras que também assumiriam um trabalho com esse perfil, mas lamenta ao dizer que ainda “falta iniciativa” das próprias mulheres.

No diálogo de um dos encontros, Clara entusiasmou-se ao lembrar que naquele exato momento havia duas mulheres candidatas à presidência da república e que esse fato a induzia ao questionamento sobre o papel da mulher na sociedade: “antes não tinha governo, não tinha mulher disputando o poder, ter duas candidatas mulheres... (risos) engraçado, e elas duas estão bem né”.

Clara não é atuante no campo político, partidário ou sindical, mas, diante do contexto sociopolítico atual, faz reflexões e questionamentos, inclusive sobre o seu comodismo e de outras mulheres.

Diante das declarações percebe-se que este comodismo o qual Clara fala é também preocupação de Vitória, no entanto se considera uma pessoa dinâmica e sente-se incomodada com as pessoas que não assumem com responsabilidade suas funções sociais na pastoral.

A maior experiência de Vitória foi na Pastoral Catequética. Há muitos anos atua nessa pastoral e, segundo ela, já tentou sair, mas não conseguiu. A igreja local e a casa dos pais e sogros são os únicos lugares frequentados por Vitória; ela não participa de nenhum outro lugar público ou social. O que falta para as mulheres assumirem de fato o seu espaço na comunidade e na sociedade, segundo Vitória, é determinação.

[...] mas tem muitas outras coisas, em outras palavras, a mulher hoje como eu, vou contar, a mulher cruza os braços demais! Não sei por que, mas falta coragem, determinação, falta garra, força de vontade e muitas outras coisas... E isso me incomoda bastante (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

Na questão política partidária, Vitória diz que não se envolve, não gosta e tem sua opinião sobre o assunto. Quando é interrogada sobre como é sua participação nesse campo, ela responde:

É um problema né, eu não gosto pra falar a verdade (risos), eu não gosto nem de política se for comentar, sai briga não sai? Que eu acho que o povo hoje vê muito pro lado, é, vê só o partido, por exemplo, tem tanta gente boa com proposta boa, cê vai e fala, mas isso não tá certo, você tem que estudar o quê? Eu no meu ponto, no meu modo de ver, eu estudo assim, aquele que já vi alguma coisa nele entendeu, ou que esteja fazendo, eu não vou por esse negócio de tá falando, ah fulano está fazendo isso ou aquilo, quando vem com muita promessa... Eu sou politicamente contra a esse negócio, fulano ganhou tanto! E hoje infelizmente a pessoa tá “metendo os pés pelas mãos”, qualquer realzinho a pessoa coloca no carro um adesivo, já faz propaganda daquilo, então eu acho que ele tá perdendo tempo né (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

Na opinião de Lúcia, a mulher tem discutido e participado muito pouco das questões políticas em Soledade; atuação considerada por ela tímida e, em alguns momentos, quase inexistente. Para ela, a questão política deveria ser discutida abertamente na Igreja, pois está em jogo a vida de todas as pessoas e esse é um campo pouco discutido pela maioria das mulheres em Soledade. Lúcia gosta dessa discussão e quando pode se envolve e defende. Na conversa lembrou-se que no município de Manhuaçu, que tem mais de 100 anos de existência, em sua história, apenas uma mulher foi vereadora em todos esses anos. Para Lúcia, a própria mulher ainda não percebeu o objetivo da exclusão e elas próprias se autodiscriminam e têm dificuldade em acreditar em outra mulher no poder, como estamos vivenciando hoje⁵¹.

O avanço na representação política das mulheres brasileiras não é expressivo, não têm acompanhado os avanços ocorridos no resto do mundo. De acordo com Araújo e Alves (2007), o percentual de mulheres no Parlamento no Brasil é menor do que em outras regiões com nível de desenvolvimento mais baixo. Na América Latina e no Caribe, o Brasil estava em um dos últimos lugares no ranking da participação feminina nos Parlamntos. Em 2009, o Brasil só possuía taxas de participação maior do que o Haiti e a Colômbia, perdendo para todos os outros países, em uma lista de 29 Parlamntos.

Um dos motivos que explicam o diferencial de participação feminina no Brasil e no resto do mundo é a forma como a política de cotas foi adotada no País, que reserva um número de vagas para as candidaturas femininas, mas não obriga os partidos a preencherem estas vagas. Devem se considerar os avanços previstos com as novas regras eleitorais aprovadas no Congresso Nacional, em setembro de 2009, válidas para as eleições de 2010. Acredita-se que esse quadro seja modificado e influenciado após a vitória de uma mulher no maior cargo de representação política do País, como é o caso, hoje, da presidenta Dilma Roussef.

Lúcia tem esperança de presenciar uma história política de maior envolvimento da mulher e não se vê fora dessa discussão; gosta de estar junto, entende como relevante sua participação. Percebe que houve avanços e acredita que tem muito para ser conquistado. Acredita também na capacidade da mulher e deseja vê-la ocupando o seu espaço em vários campos sociais e políticos.

⁵¹ Lúcia se referia à campanha para presidente que, na época da pesquisa, havia duas mulheres candidatas.

Eu participei da associação das mulheres há bastante tempo e todas as reuniões em Manhuaçu eu gosto de participar, porque cê vê o direito que as mulheres tem, que a mulher já tem bastante direitos. A mulher agora os direitos tá a mesma coisa dos homens, que a mulher rural ela aposenta com 55 anos, se machucar no trabalho, encosta o tempo que for necessário! Então melhorou, o que o homem tinha agora a mulher também já tem seus direitos. Pena que daqui de Soledade eram só quatro que eu sei! Mas vai ser retomada de novo a associação das mulheres, este ano ainda. As mulheres precisam participar para ter mais poder (Entrevista de Lúcia, em 10 de outubro de 2010).

Na opinião de Lúcia, o que falta para que as mulheres assumam de fato o seu espaço na comunidade e sociedade é mais interesse e atitude das próprias mulheres. Em Soledade, não há uma participação de expressão em sindicatos ou movimentos da categoria de trabalhadora rural ou de algum movimento de mulheres do campo.

Eu acho que falta um pouco de interesse, porque igual a gente vê, a associação acabar, falta alguém pra pegar firme né pra voltar de novo, o grupo reunir e ter mais participação, chamar as pessoas pra participar, reunir, que aí Deus ajudando vai dar, aí as pessoas participando vai saber dos seus direitos. Olha, agora já tem a mulher rural no sindicato que está apoiando, tem a pasta, pode abria conta no banco, recebe o contracheque, tem mais liberdade e respeito no meio rural. Então é o momento que o sindicato tá achando pra entrar em movimento, pra ajudar as mulheres a se libertarem, eles falam assim: a mulher rural é muito presa, a mulher acha que é só cuidar da casa, cuidar do marido, dos filhos, então eles passam pra gente que mulher não é feita pra isso, a mulher tem que ter seu espaço, seus direitos... E não vai demorar muito pra isso acontecer não (Entrevista de Lúcia, em 02 de outubro de 2010).

4.1 O sonho de viver em uma sociedade diferente

Diante dos desafios no campo social político e religioso e da realidade de desigualdade de gênero, manifestada em uma sociedade onde impera o poder masculino, Clara diz que tem um sonho e, com palavras de indignação, afirma:

Se eu tivesse poder de mudar alguma coisa na sociedade eu mudaria politicamente, eu eliminaria a desigualdade, a corrupção, ah se os candidatos eu falo qualquer um, nem esse nem aquele, não tivesse problema de ser corrupto de ficar fraudando aqueles papeis lá que eu não sei como que é, eu acho que o Brasil viveria melhor, seria melhor! Porque cê vê, vamos supor que vem uma verba pra uma coisa desvia pra outra né! Se aquela verba que viesse pra aquilo ali, podia ser pouquinho, mas fosse para o lugar certo, o Brasil já ia dar um passo pra frente bem bom! (risos) (Entrevista de Clara, em 02 de outubro de 2010).

O desejo de mudança e o sonho de Clara, Vitória, Lúcia é o de muitos(as) brasileiros(as). Clara compreende a necessidade da construção de uma sociedade diferente, sem desigualdades. É preciso comportamentos, ações responsáveis e éticas na esfera pública, principalmente pelos representantes dos três poderes: executivo legislativo e judiciário. Pensar em uma sociedade sem desigualdades significa acreditar que é possível construir relações sociais sem dominação, exploração de classe, raça, etnia e gênero.

[...] eu transformaria esse país em um país melhor hoje! Tanta coisa eu mudaria! Eu com o poder na mão, meu Deus! Eu mudaria a saúde pública, a educação, mudaria as duas, acho que estaria de bom tamanho, eu conseguiria muita coisa pra um Brasil melhor viu, tá precisando tá! Tem mais, depois. O meu maior desejo é ver a felicidade, em todo rosto, no rosto de todo mundo, isso é muito bom, dá mais firmeza pra gente, ajuda a gente ser mais feliz e viver melhor! (risos) (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

Vitória demonstra entusiasmo pela discussão e pergunta se poderia deixar registrada uma mensagem para as mulheres de Soledade. Ela deixa explícito seu sonho e como gostaria de ser. Verifica-se que sua fala é dirigida inclusive para ela mesma.

Gostaria de deixar uma mensagem para as mulheres de Soledade:

Acho que a mulher pra ela enfrentar todos os problemas, primeiro ela tinha que ter alta estima! A mulher é muito importante, deve se sentir importante, falar assim: eu sou importante pra sociedade e vou enfrentar o meu problema, a mulher deve ter coragem de enfrentar. Eu falaria pras mulheres assim: “mulheres, assumam com responsabilidade o seu papel e bola pra frente na sociedade, a vida é bonita é linda de ser vivida né e nós precisamos ter o nosso espaço, nós temos que conquistar o nosso espaço” (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

Lúcia concorda com Vitória quando diz que a sociedade deveria ser diferente, que “há muita coisa pra mudar”; além de nos falar sobre o desejo de ser independente.

Se eu pudesse eu mudaria muita coisa (risos), nossa mãe! O que eu mudaria, tem tanta coisa pra mudar! Eu começaria pela eliminação da pobreza, eu acho que esse mundo é muito injusto, uns tem tanto e outros não tem nada. Então eu começaria nessa parte e também no meio rural, o produtor ele é muito judiado! Acho que o governo tinha que pegar mais nessa parte! E tá precisando mudar sobre os professores que são judiados, eles faz greve, recebem muito mal. Tem tanta coisa que precisaria mudar que no momento a gente até esquece... [...] agora o meu maior sonho como mulher é um dia ser independente, independente total. Ah, se fosse nesse momento tivesse um monte de mulher eu falaria: vamos vestir a camisa e vamos honrar a nossa parte de ser mulher, vamos ter nossos direitos, vamos abraçar nossa causa e vamos apoiar todas as mulheres, é o momento que nós temos pra se

libertar, de dar o grito de liberdade porque isso é o que tá faltando, tem muita mulher que está presa dentro de casa e esqueceu de se libertar lá fora. Eu acho que é o momento de se libertar e acabar com tanto preconceito! (Entrevista de Lúcia, em 02 de outubro de 2010).

4.2 O preconceito da própria mulher

Contrapor a uma cultura que foi incorporada e assimilada pelas pessoas ao longo da história da humanidade é um grande desafio. Homens e mulheres fazem parte dessa cultura, muitos questionam, outros fortalecem e acreditam ser a melhor, porém, não conseguem perceber que são vítimas da imposição de uma cultura: a cultura dominação masculina.

O que impede a atuação da mulher no campo social e político hoje é a participação, a mulher não tem coragem de enfrentar. Nós nos sentimos inferiores e por isso somos submissas. Essa mulher vai enfrentar sozinha de que jeito? Aí alguém do seu grupo fala, ah não você não pode enfrentar! Cê coloca sua ideia, aí o que acontece? A própria mulher que ficou lá fora começa a jogar do mesmo jeito: eu sabia que isso não ia dar certo, entendeu? Então o que vem? O preconceito da própria mulher a não vontade da mulher de tá enfrentando isso aí, falta de esforço né! Se a mulher juntasse e falasse, nós vamos enfrentar isso, nós vamos fazer isso na comunidade, nós vamos lutar pelos nossos direitos, por exemplo: nós vamos ser líderes e vamos mostrar pra todo mundo que nós somos capazes, aí vem alguém e joga pedra... Isso é o preconceito, a desvalorização, ah é muita coisa, tem um monte de nome essa coisa minha filha! Só sei que é muito difícil! (Entrevista de Vitória, em 02 de outubro de 2010).

A historiadora Morales (2003) explica que, durante o século XVIII, a Igreja Católica universalizou o arquétipo de Maria como o modelo exemplar de mulher, em detrimento da imagem de Eva “pecadora”. Este antagonismo fortaleceu a prática de limitar a autonomia das mulheres, subordinando-as à ordem patriarcal vigente naquele período com influências até os nossos dias.

Em Soledade, ocorre exatamente o que Morales (2003) explica. Os dados evidenciaram esta relação entre Maria e a subordinação feminina, muitas mulheres se espelham em Nossa Senhora, como modelo a ser seguido. As características de Maria apresentadas pela igreja católica são de uma mulher humilde, que veio para servir, obedecer, ser educadora dos filhos e cuidadora do lar. Estas e outras características são associadas às mulheres católicas, que devem ter Maria como seu modelo de vida. Esta crença fortalece a condição de subordinação da mulher ao homem, conseqüentemente não ocorre diferente no espaço religioso católico. Muitas mulheres sonham em viver em uma sociedade diferente e, se

pudessem, modificariam essa realidade. Mas, o contexto em que elas vivem, bem como a cultura pela qual foram educadas, as impedem de transformar o sonho em realidade.

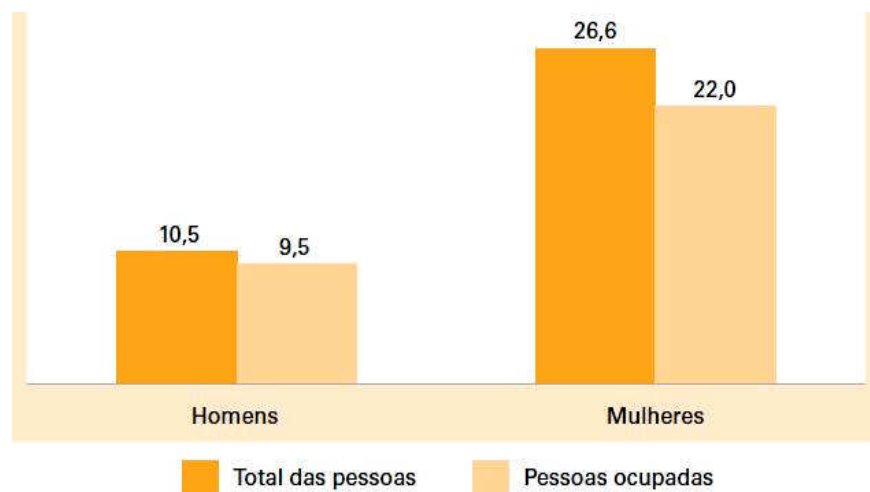
5 A mulher na família: naturalização e divisão sexual do trabalho

De acordo com o pensamento de Vitória, “A família é a base de tudo”. Segundo ela, “ninguém sai de uma família para ir à igreja se não tiver uma conscientização”. Vitória acredita que se a pessoa tiver uma “boa estrutura familiar” ela vai saber conviver bem na sociedade. Em sua opinião, “a catequese começa na família”. Mas, a mulher enfrenta muitos desafios em casa para participar da vida social.

A forma como as pessoas lidam com os desafios no trabalho e na vida familiar são marcadas pelas desigualdades de gênero. As desvantagens vivenciadas pelas mulheres afetam a renda, o compromisso, a estabilidade nos postos de trabalho e a qualidade de vida de todos os membros da família. A conciliação entre vida familiar e atividade laboral constitui um dos grandes desafios de nosso tempo.

Um aspecto relevante que nos ajuda nessa discussão é a análise do gráfico abaixo (Figura 1): o número de horas trabalhadas na jornada semanal. Enquanto a média, em 2009, para as mulheres foi de 36,5 horas semanais (em todos os trabalhos), para os homens foi de 43,9 horas. Como esperado, os homens, culturalmente responsáveis pelo trabalho produtivo, apresentaram um número de horas trabalhadas maior do que as mulheres. Os (as) filhos(as) que moram com pais e mães dedicam menos tempo aos afazeres domésticos; contudo, o grande contraste é entre o tempo dedicado ao trabalho doméstico por cada sexo, demonstrando que, na esfera do cuidado, reside o núcleo da desigualdade de gênero.

Nos trabalhos informais, o número foi de 30,7 horas semanais, em contraste com os homens, 40,8 horas. Esse tipo de inserção para as mulheres, por um lado reflete a precarização do trabalho, mas, em função da menor jornada, permite à mulher compatibilizar atividades laborais e domésticas, além dos cuidados com crianças ou idosos. Chama-se atenção para o fato de que, tanto para as mulheres quanto para os homens, a média de horas trabalhadas nas ocupações formais é maior do que as 40 horas semanais regulamentais na maioria dos trabalhos: para os homens, o número médio é de 44,8 horas; para as mulheres, a média é de 40,7 horas (Figura 1).



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009.

Figura 1 – Média de horas semanais gastas em afazeres domésticos e total de pessoas ocupadas, segundo o sexo – Brasil – 2009.

O maior envolvimento das mulheres com o trabalho doméstico explica, em grande parte, a sua menor jornada no mercado de trabalho. Vitória sente essa realidade como um sobrepeso. Sabemos que essa cultura tende a modificar-se, mas ainda é muito presente em nosso meio⁵².

⁵² As estatísticas também contribuem para a erradicação da violência contra as mulheres, fornecendo subsídios para a concepção das políticas e serviços necessários. Um projeto liderado pela UNECE desenvolveu um questionário que servirá de padrão para a coleta de dados sobre este tema. Muitas características específicas foram discutidas e incentivaram os institutos nacionais de estatística participantes a testar o questionário. Um outro evento importante a ser destacado é a resolução da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, de 2 de julho de 2010, que, em um movimento histórico, aprovou, por unanimidade, a criação de uma nova entidade para acelerar o progresso na satisfação das necessidades das mulheres no mundo inteiro. A Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e Empoderamento da Mulher (United Nations Entity for Gender Equality and the Empowerment of Women - UN WOMEN), a ser conhecida como “ONU Mulheres”, irá aumentar significativamente os esforços das Nações Unidas para promover a igualdade de gênero, expandir as oportunidades e combater a discriminação em todo o globo, segundo o Secretário-Geral Ban Ki-moon. A ONU Mulheres começará a operar em 2011. O IBGE, através da Síntese de Indicadores Sociais, tem procurado descrever o papel de homens e mulheres na sociedade, na economia e na família, fornecendo assim subsídios para formulação e monitoramento de políticas específicas além de acompanhar as mudanças, informando a sociedade em diversos níveis. O eixo escolhido para conduzir os indicadores sobre mulher a partir das informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD 2009 foi o trabalho decente. Um dos pontos retomados na 99ª Conferência Internacional do Trabalho, realizada pela Organização Internacional do Trabalho - OIT, em junho de 2010, foi a discussão sobre trabalho doméstico no sentido de valorizar e fortalecer os direitos de trabalhadores nestas atividades. Segundo a OIT, a demanda por trabalho doméstico tem crescido no mundo todo. Contribuíram para isso as mudanças na estrutura familiar, na organização do trabalho, na entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho, entre outros fatores. As dificuldades de integração da vida profissional com a vida doméstica têm causado um crescimento das desigualdades entre segmentos de mulheres. A responsabilidade pelos cuidados com crianças ou idosos atinge fundamentalmente as mulheres, e é nesse ponto que as políticas públicas têm um papel fundamental. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2011.

Além da sobrecarga de trabalho, a mulher sofre uma pressão da sociedade sobre a moral e a boa conduta e essa cobrança da sociedade sobre a mulher são reforçadas pelas construções culturais de desigualdade de gênero. Da mesma forma, das mulheres é exigida a correspondência com as imagens de pureza e recato para que sejam consideradas honestas. Para Bozon (2004), mesmo que a perda da virgindade não seja mais um atributo passível de estigmatização da mulher, não deixou de existir certa exigência de preservação sexual revestida de respeitabilidade moral, apresentada na forma de um jeito passivo e ingênuo no que refere aos temas sexuais.

Vitória declara que a mulher tem que dar exemplo e diz: “que a mulher tem que ser espelho”. Então, pergunto para quem e porque a mulher deve ser espelho, e ela responde:

Ela tem que ser espelho pra sociedade, primeiro ela tem que ser espelho na própria casa, na família dela, pro marido, pro filho né, ela tem que ser... A mulher é sofrida porque, além de tudo isso, ela tem que ter força pra viver, enfrentar os desafios, porque ela tem muitos desafios dentro de casa e na comunidade. Ela trabalha mais. Por exemplo, a mulher que tem filhos pequenos, ela tem muito mais compromisso! Você é mulher mãe, esposa, é mulher, mãe do jovem e daqueles meninos todos e tem que dar conta de todas as suas tarefas, pois, ninguém vai fazer pra você, são nossas mesmo! (Entrevista de Vitória, em 28 de julho de 2010).

Ser espelho, para Vitória, é ser referência na família, exemplo de moral, é não poder errar e não reclamar e mesmo nos reveses da vida, sorrir e estar pronta para servir os filhos e o marido, “tudo a tempo e a hora” principalmente no espaço doméstico.

É importante notar que a divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2007) começa a ser moldada na infância, na divisão de tarefas e espaços, distribuídos distintamente entre meninos e meninas. Ao estimular meninos e meninas a assumirem atitudes diferenciadas e a ocuparem espaços igualmente distintos, para elas, a passividade no ambiente doméstico e, para eles, a atividade no espaço público, de forma mais ou menos sutil vai se influenciando também a sua inserção profissional futura. Mas não só; muitas vezes não se percebe o quanto os gestos, os brinquedos, as palavras etc. moldam o feminino e o masculino, naturalizando os papéis e espaços ocupados pelos dois sexos. Este e outros desafios são e enfrentados por homens e mulheres na sociedade.

Os desafios sempre foram enfrentados por Lúcia; a dupla jornada de trabalho, a timidez e o medo a incomodam profundamente. Hoje, Lúcia considera que venceu esses problemas, antes não tinha coragem de ler ou falar em público, hoje, se for necessário, fala, lê, faz reflexões no altar, não se intimida mais, tem confiança em si mesma e demonstra ser uma mulher de fé.

[...] eu tenho muita fé! Qualquer coisinha, dificuldade que eu tiver passando eu vou e peço ajuda a Deus e a Nossa Senhora e tenho conseguido, graças a Deus! A fé minha é muito forte nessa parte! Eu acho que na medida que cê vai passando, mexendo com as coisas de Deus, parece que as coisas, as portas vão se abrindo. Tem dia cê tá achando as coisas difíceis, cê pede ajuda e parece que Deus te carrega no colo, graças a Deus eu só tenho que agradecer! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

Em tudo que faz está sempre pronta para ajudar, mesmo que isso a prejudique, pois Lúcia não sabe dizer “não”.

Eu acho assim, eu sou uma pessoa assim, eu não sirvo só pra mim, eu sirvo tanto pras outras pessoas, quem precisou de mim, eu tô disponível, sempre eles falam que a minha palavra “não” não existe, eu não sei falar não. Às vezes eu to com vários problemas, várias coisas pra fazer, se alguém precisou da minha ajuda, lá vai a Lúcia para ajuda mesmo, ela não sabe falar não. Então nessa parte eu me sinto bem importante, porque ter atitude e não dizer não! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

Lúcia espera de Deus a recompensa pelas suas atitudes, a doação aos outros e à comunidade.

Às me vezes prejudica um pouco (risos), às vezes cê protela uma coisa na frente, eu esqueço de mim e vou ajudar outras pessoas, mas depois vem a recompensa. Às vezes cê mau nota que as coisas vêm sem a gente perceber. Às vezes na família: tá aí, tem os filhos, eu não tenho doenças, todo mundo com saúde, a união da família, então cê vê que Deus tá recompensando mesmo! (Entrevista de Lúcia, em 07 de agosto de 2010).

A reciprocidade e a dádiva não são focos da presente discussão, no entanto ela surge de forma clara nessa narrativa, podendo ser análise em estudos futuros, pois está presente na religião Católica⁵³ e, conseqüentemente, na vida das pessoas que fazem parte dessa cultura.

A religião é, antes de tudo, uma construção sociocultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, identidades de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sociocultural permanentemente redesenhado, que permanentemente recompõe as sociedades.

Verifica-se uma persistente hierarquia de gênero que organiza as relações sociais no espaço público, destinando lugares, postos, posições de prestígio, funções específicas, direitos e deveres a cada sexo. A análise a partir das narrativas pretende levantar questionamentos para que a nossa avaliação não seja ingênua: de que a participação de homens e mulheres na vida pública seja aleatória, fruto de desejos pessoais ou resultantes de aptidões ou habilidades naturais a cada sexo. Somos socialmente educados(as) para interessarmos mais ou menos por política, economia, leis, quer sejamos homens, quer sejamos mulheres.

6 Considerações finais

Parece ousado pensar nas políticas feministas direcionadas para igualdade política e social, onde o gênero, a classe, a raça e a etnia sejam incluídos nessa “nova história”, como

⁵³ Segundo Mauss (1974), reciprocidade está baseada na dádiva, ato de **dar** de forma generosa e gratuita, de **receber** e de **retribuir**, formando um processo de solidariedade, ajuda mútua, fortalecendo a confiança, pois no ato de dar existe mais que uma mera troca; existe todo um simbolismo presente que reforça valores humanos, além dos valores econômicos envolvidos: a tese principal do texto *Ensaio sobre a Dádiva* (MAUSS, 1974) está calçada na centralidade que assumem os atos generosos quando indivíduos e grupos efetivam suas trocas em sociedades. Sob estas, são estruturadas as obrigações recíprocas contraídas pelos sujeitos e as formas de solidariedade entre famílias (MAUSS, 1974, p.30). Como para Mauss (1974) a reciprocidade advém da dádiva, que é um ato de dar sem esperar a retribuição, ou seja, de um ato desinteressado por quem dá, mesmo sabendo que quem recebe tende a retribuir. Para Bourdieu (1998), não existe ato desinteressado, ou seja, aquele que dá, espera a retribuição, trazendo os elementos **tempo** e **poder** à relação de reciprocidade, sendo o poder adquirido por aquele que dá sobre o que recebe, deixando este na obrigação de retribuir. No entanto, para Wolf (2003), a reciprocidade não é algo existente, dado, ela é construída no processo da relação social. Provém das relações de parentesco, entre familiares, cuja demonstração material da reciprocidade é a troca de presentes, a prestação de serviços, a ajuda a outrem, o consolo, o ato de ensinar e demais formas de expressar amizade emocional ou expressiva.

nos diz Scott (1990). Torna-se relevante que a questão de gênero realmente seja repensada e que os estudos nesse campo possam avançar do descritivo para uma perspectiva mais política e social, provocando mudanças necessárias e importantes nesse processo.

Dessa forma, pensar na relação de gênero é pensar nas relações entre mulheres e homens, as quais são determinadas pelo contexto econômico, social e político – relações construídas historicamente e dialeticamente, que se manifestam de formas diferentes em cada época e lugar.

Assim, a família e a religião são consideradas, pelo grupo pesquisado, instituições sociais importantes e responsáveis pelo “equilíbrio e a harmonia” da vida em sociedade. No entanto, ainda reproduzem a desigualdade entre homens e mulheres, estabelecendo uma visão androcêntrica do homem todo poderoso e autoritário, contribuindo para que, nessa relação, as mulheres não tenham interesses autônomos.

Logo, a mulher, por ser, em algumas relações, dependente economicamente do marido e da família, o próprio estatuto de esposa lhe faz ter uma posição naturalmente diferente da dos homens. E, automaticamente, as responsabilidades quanto à assistência familiar são confiadas a ela, como alguém que tem “tempo livre” e “preparo natural” para tal, transformando a vida da mulher em uma jornada de funções e atividades, sobrecarregada pelo trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Embora tenha tido um avanço no que tange à dependência econômica das mulheres como esposas, a igualdade sexual não se dá por completo dentro do casamento, pois a divisão dos trabalhos ainda sobrecarrega a mulher, visto que, enquanto o homem – que é o provedor – dedica seu tempo ao trabalho rural⁵⁴, a mulher cuida da família, da casa e a sua presença nas atividades na roça é tida como “ajuda”.

Somente uma divisão mais igualitária das responsabilidades da família, nas relações de trabalho e na vida em sociedade pode mudar essa situação. Mas, com certeza, essas transformações vão depender de grandes alterações de valores ideológicos, culturais, econômicos e políticos. Tal caminho nos leva à discussão, não só das relações de gênero de forma individualista, mas na luta por melhores condições de vida como um todo para mulheres, homens, idosos, crianças, entre outros.

⁵⁴ Em nossa pesquisa, o trabalho é especificamente rural e as atividades sociais e religiosas.

Em síntese, durante um longo período, a mulher foi educada para ser somente mãe e esposa, e não para ser estudante, profissional e participar da vida pública e social. Em pleno século XXI, apesar de a mulher ter conquistado vários espaços sociais e profissionais, ainda perpetua valores de fortalecimento da visão androcêntrica e a ideologia da submissão feminina, a qual vem sendo reproduzida ao longo dos tempos e legitimando a ideia de que a mulher é inferior ao homem.

Entretanto, acredita-se, como afirma Almeida (1997), que as mudanças e ressignificações de práticas e valores estão se dando na própria dimensão simbólica do poder e começam em nível das relações pessoais, retroalimentadas pelas mudanças estruturais e vice-versa. Onde opera a dominação masculina, opera, também, a mudança feminina, mesmo que de forma tímida, mas numa relação dinâmica, proporcionando mudanças no cotidiano das mulheres.

Práticas femininas que evidenciam mudanças sutis e convivem com as práticas tradicionais, mudanças de teor mais radical que se configuram numa tendência a diversas mudanças em alguns campos e esferas sociais, políticas, privadas, públicas, religiosas, entre outras. Foi nesse emaranhado complexo de contradições, paradoxos, ambiguidades e mudanças que se pretendeu construir uma análise das relações de gênero e poder a partir da narrativa de mulheres anônimas na sociedade. Mulheres líderes, que, além das responsabilidades domésticas na família, se inseriram e ocuparam o espaço religioso a partir das pastorais na comunidade de Soledade. Ocorreram mudanças perspicazes e, muitas vezes, quase imperceptíveis num paralelo com a realidade global, mas significativas enquanto elementos gerais de mudanças no quadro das relações de gênero que vêm ocorrendo ao longo do tempo.

O protagonismo feminino nas transformações sociais e políticas que marcaram a modernidade afirmam a capacidade das mulheres em confrontar e modificar os sistemas de dominação baseados nos mais distintos signos de desigualdade social. Como vimos, esse processo foi influenciado por mudanças significativas nas relações entre homens e mulheres, no âmbito da família, nas possibilidades de participação feminina no mercado de trabalho e na arena política como presenciamos atualmente.

Acredita-se que esse panorama poderá influenciar mudanças que se fazem necessárias na sociedade, em espaços onde a desigualdade de gênero é evidente, promovendo, assim, uma transformação nas condições de vida das mulheres. Entretanto, apesar dos avanços

conquistados, vivemos contradições culturais, sociais e econômicas que acirram as desigualdades de gênero, raça, etnia e classe social. A persistência de variadas relações de subordinação das mulheres evidencia e sinaliza a dimensão dos desafios que continuarão sendo enfrentados pelos movimentos sociais de mulheres e por todos aqueles que lutam pela eliminação das desigualdades e da diferença.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, M. M. M. **Pierre Bourdieu e o Gênero: Possibilidades e Críticas**. Série Estudos, 94. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1997.

ANDERSON, B. **Imagined communities reflections on the origin end spread of nationalism**. London, New York: Verso, 1991.

ARAÚJO, C.; ALVES, J. E. D. Impactos de indicadores sociais e do sistema eleitoral sobre as chances das mulheres nas eleições e suas interações com as cotas. **Revista de Ciências Sociais**, v.50, n.3, Rio de Janeiro, 2007.

ÁVILA, M. B. O tempo e o trabalho das mulheres. In: COSTA, A. et al. **Um debate crítico a partir do feminismo: reestruturação produtiva, reprodução e gênero**. São Paulo: CUT, 2002.

BANDINI, C. A. P. **Costurando Certo Por Linhas Tortas: um estudo das práticas femininas no interior de igrejas pentecostais**. 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal de São Carlos, 2008.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 144 p.

BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. In: XIV Encontro Nacional dos Estudos populacionais. **Anais...** ABEP Caxambu, MG, 20 a 24 de setembro de 2004.

BOZON, M. **A quel âge les femmes et les hommes commencent-ils leur vie sexuelle Comparaisons mondiales et évolutions récentes**. Population et Sociétés, n.391, jun. 2003.

BOZON, M. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, M. L. (Dir.). **Família e sexualidade**, Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

COHEN, A. **The symbolic construction of community**. London: Routledge, 1985.

GROSSI, M. P. **Masculinidades: uma revisão teórica**. Antropologia em primeira mão, n.75, PPGAS/UFSC, 2004. 30p. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/primeiraMao.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2011.

KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. São Paulo, Cadernos de Pesquisa, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007.

HEILBORN, M. L. (Org.). **Família e sexualidade**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**, v.2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

DEL PRIORE, M. (Org.); PASSANEZI, C. (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

MORALES, I. **Mujer negra, mirar del otro y resistencias**. Nueva Granada siglo XVIII. Memoria y sociedad. Revista del Departamento de Historia y Geografía. Facultad de Ciencias Sociales. Universidad Javeriana, 2003.

OLIVEIRA, M. J. **Entre amigos**: Antropologia da homossociabilidade masculina em camadas populares na periferia metropolitana da Grande Florianópolis. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, SC, 2008.

ROSADO NUNES, M. J. F. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. Dossiê: feminismo em questão, questões do feminismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.16, p.79-96, 2001.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

SCOTT, J. Histórias das mulheres. In: BRKE, P. (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

SORJ, B. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: ARAÚJO, C.; SCALON, C. (Orgs.). **Gênero, família e Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

WOODHEAD, L. **Mulheres e gênero: uma estrutura teórica**. 2002. Trad. por Deborah Pereira. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/rever/outronum.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2010.

WOLF, E. R. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Orgs.). **Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf**. Brasília: Editora UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

Artigo III

A Assembleia Comunitária Geral como Dramatização do Poder

RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de narrar a assembleia geral da liderança da comunidade de Soledade. Tal assembleia é realizada a cada dois anos para eleição de todos os cargos de coordenação. É uma assembleia deliberativa e, além das coordenações, os membros integrantes de pastorais e grupos também têm direito à voz e voto. É um lugar de organização, planejamento e de tomada de decisões importantes para a vida da comunidade para os próximos dois anos. É espaço de poder, momento de disputas e conflitos; quando diferentes ideias e opiniões estão em debate, revelam e evidenciam as diferenças de gênero e o poder na Igreja. Soledade pertence ao distrito de Sacramento, localizado no município de Manhuaçu, Zona da Mata de Minas Gerais. O estudo foi desenvolvido pela perspectiva da pesquisa qualitativa, observação direta participante e métodos etnográficos. Os registros foram feitos por meio de filmagem, gravador de voz, anotações em caderno de campo, registros fotográficos e consulta em documentos como livros de atas. Das análises feitas a partir dos dados observados e registrados, podemos afirmar que o poder dos homens se apresenta definindo possibilidades de ação propriamente política e de aspectos da comunidade onde o poder se manifesta nos interstícios ou invisíveis; escolhem-se lideranças e ocupam-se os espaços tidos como mais importantes na comunidade de Soledade e na Igreja Católica local. As mulheres estão presentes em todos os espaços pastorais e de grupos. No entanto, a trajetória de mulheres de Soledade vem conquistando espaços e modificando sua forma de conviver na família e em comunidade. O lugar ocupado pela religião através da participação pastoral na vida das mulheres de Soledade tem sido de suma importância na construção de novas relações de gênero. A convivência com a diversidade presente na comunidade no cotidiano dessas mulheres desperta questionamentos e provoca inquietações frente às diferenças de gênero e poder nesse lugar, construída a partir de uma cultura hierarquizada e androcêntrica na Igreja Católica.

1 Introdução

Abordar a temática sobre gênero e relações de poder na Igreja Católica foi um processo árduo e complexo, porém muito enriquecedor. A descrição da assembleia foi um desses processos. Todo o trabalho foi conduzido até esse momento que culminou no registro e interpretação da assembleia.

A assembleia é realizada a cada dois anos, onde acontece a troca das coordenações em forma de eleições, envolvendo os coordenadores e coordenadoras dos grupos e pastorais e a coordenação geral da comunidade, além dos candidatos aos cargos da coordenação geral.

É um processo que inicia no dia da realização da assembleia, onde é agendada a próxima, que ocorrerá dois anos depois, a forma de organização que deverá ser discutida e deliberada em plenária, tais como os critérios da candidatura nas próximas eleições. Nesse processo, estão os preparativos de cada grupo e pastoral, que antecedem a assembleia, a realização e o início dos trabalhos com as novas coordenações.

Observando algumas atas de assembleias anteriores realizadas desde a década de 1990, em Soledade, a impressão que se tem é que as cenas de desigualdades de gênero se repetem ao longo dos anos com as tradições, como a cultura hierarquizada e androcêntrica da Igreja Católica. Observa-se uma tendência da liderança em eleger pessoas para a coordenação geral que façam parte de uma classe social local mais alta ou de família que tenha prestígio na comunidade. O poder ainda é centralizado, no entanto, hoje as pessoas participam de todas as atividades desenvolvidas na comunidade, as tarefas e responsabilidades são distribuídas entre a liderança e há maior participação. As pessoas não só assistem como acontecia na celebração da missa em latim, onde o padre celebrava de costas para a assembleia. Isso se modificou pós Vaticano II, momento em que os leigos se fortaleceram e organizaram-se nos movimentos pastorais e nas comunidades eclesiais de base.

Com o passar do tempo, foram surgindo as diversas atividades desenvolvidas por esses seguimentos da Igreja Católica, possibilitando a descentralização do poder como acontece nos conselhos de leigos, nos conselhos comunitários⁵⁵, paroquiais e diocesanos que são espaços deliberativos que contribuem para a organização da vida e dinâmica da comunidade.

A assembleia, hoje, é mais resumida, tendo em vista o processo que antecede a sua plenária – processo que inicia três ou quatro meses antes. Sendo assim, a assembleia torna-se a oficialização e o coroamento de um trabalho que é construído em toda a comunidade durante dois anos e intensificado nos últimos quatro meses, aproximadamente, antes de sua realização.

⁵⁵ Os CPCs, CPPs e CPD são conselhos formados em cada comunidade, na paróquia e diocese com a coordenação geral de cada seguimento. Esses conselhos reuniram-se uma vez por mês e deliberam sobre as questões e necessidades da comunidade.

Nesse contexto um ponto importante é o nexos “inevitável” entre o campo religioso e o campo do poder. Como apontou Bourdieu (2004), a religião, nessa função ideológica, é entendida como prática e política de fazer absoluto do relativo e da legitimação do arbitrário, contribuindo, assim, para a imposição de princípios de estruturação de percepção e de pensamento do mundo e, em particular, do mundo social. No entanto, são vários os fatores que atestam a religião como veículo de poder e de política. Entre eles estão os símbolos estruturados da religião e as mais variadas formas de discursos portadores de conteúdo disciplinar, a exemplo dos sermões e homilias, encíclicas e cartas pastorais ou quando tratamos o espaço sagrado, confrontando com diferentes realidades e relações simbólicas dos fiéis com elas. Essa imposição de ideologias pode ser compreendida, num sentido dado por Foucault (1997), como adestramento ou disciplinarização, posto que instrua os fiéis para a submissão à estrutura hierárquica e doutrinária da Igreja e, de certa forma, ao poder político institucionalizado.

1.1 “O poder está em toda parte”

O poder evidentemente tem a ver com o saber, com o controle da linguagem e do corpo, mas é imperioso que se analise o poder também como relação numa cultura religiosa, pois quanto mais se conhece, maior se torna poder. Controle produz saber, que reproduz poder, como afirmou Foucault (1997). Podemos citar o exemplo trazido pelo autor da prática da confissão dos fiéis católicos aos sacerdotes. E essa relação entre poder e saber está impregnada na religião católica, também nas pastorais, pois elas fazem parte do “corpo” da Igreja Católica. Se existe dimensão de cumplicidade entre fé e poder, há também conflito e resistência. Nessas fronteiras mal delineadas, na tensão entre o que a religião faz e o que ainda pode fazer, está o ser humano em busca de significados, de respostas às inúmeras questões sobre a sua própria existência.

Religião e poder sempre formaram uma espécie de binômio em quase todas as sociedades, se relacionando desde os primórdios, numa via de mão dupla. Um tipo específico de saber constituído, a religião possui dimensão vinculada ao poder controlador, repressor, de dominação, que não deve ser esquecida. Retomamos e nos apropriamos novamente dos estudos de Bourdieu (1989; 1999; 2001) e Foucault (1997) para melhor compreender sobre o *poder* no contexto religioso.

Segundo Bourdieu (1999), é possível ver o poder em toda parte; ele pode ser menos perceptível ou totalmente ignorado, é, por isso, mais reconhecido. Esse autor discutiu sobre vários campos, mas aqui nos apropriamos do religioso, deste que possui um poder simbólico forte, sendo um sistema revelador dessa dinâmica, pois está interligado com uma sociedade maior e arraigado no inconsciente coletivo dos indivíduos.

O referido autor definiu, ainda, o poder simbólico num sentido de relação determinada entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos; isto é, na própria estrutura do campo onde se produz e se reproduz a crença. Além disso, diz que o poder simbólico é uma forma transformada, ou seja, legitimada de outras formas de poder.

O termo poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social). Para Bourdieu (1989), o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe são sujeitos ou, mesmo, que o exercem.

Foucault (1997) tratou principalmente sobre o tema poder, rompendo com as concepções clássicas desse termo. Para ele, o poder não pode ser localizado em uma instituição ou no Estado, o que tornaria impossível a "tomada de poder" proposta pelos marxistas. O poder não é considerado algo que o indivíduo cede a um soberano (concepção contratual, jurídico-política), e sim uma relação de forças. O poder está em todas as partes, como afirmou Bourdieu (1989). Assim, uma pessoa está atravessada por relações de poder, não podendo ser considerada independente delas. As relações de poder são, ao mesmo tempo, intencionais e não subjetivas. Para o autor, não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos.

O poder não somente reprime, mas também produz efeitos de verdade e saber, constituindo verdades, práticas e subjetividades. O poder, em qualquer sociedade, precisa de uma delimitação formal, precisa ser justificado de forma abstrata o suficiente para que seja introjetado psicologicamente, em nível macrossocial, como uma verdade *a priori* universal. Dessa necessidade, desenvolvem-se as regras do Direito, não em termos de repressão e de poder jurídico, mas como efeitos de tecnologias de poder, ou seja, surgindo, portanto, como elementos necessários para a produção, a transmissão e a oficialização de “verdades”. O poder precisa da produção de discursos de verdade, como diria Foucault (1979). O poder não é fechado. Ele estabelece relações múltiplas, caracterizando e constituindo o corpo social e,

para que não desmorone, necessita de uma produção, de uma acumulação, de uma circulação e do funcionamento de um discurso sólido e convincente. “Somos obrigados pelo poder a produzir verdade” (FOUCAULT, 1979, p.180).

Desse modo, o referido autor contribui para que, por intermédio da investigação dos discursos e do poder, nos defrontemos com nossa história, ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o que agora, para nós, é tão evidente.

Entender o poder como algo que não é singular e único, mas como uma rede que circula por toda a sociedade, é fundamental na aproximação com o discurso religioso. Assim, por mais que o enunciado não seja oculto, nem por isso é visível; ele não se oferece à percepção como portador manifesto de seus limites e caracteres. É necessária certa conversão do olhar e da atitude para poder reconhecê-lo e considerá-lo em si mesmo. Dessa forma, a sociedade é percebida a partir dos símbolos e códigos instituídos culturalmente, os quais se modificam e constroem as relações baseadas nesses códigos. Nesse sentido, a predominância masculina sobre a feminina, ou melhor, as relações de poder existentes na sociedade foram socialmente construídas.

Assim, os estudos de gênero rompem posições normativas, que, na visão de Bidegain (1996), são demonstradas como se fossem produto de um consenso e como se não existissem conflitos. Para a historiadora, a utilização de categorias de análises como a de gênero permitiria entender a contradição histórica entre a vida cotidiana e a moral dominante defendida pelas instituições e organizações sociais e religiosas, tão características das sociedades latinoamericanas. Nesse sentido, vários estudos têm se baseado no referencial teórico de gênero na tentativa de reconstruir o histórico da atuação feminina nos mais diferentes contextos e esferas sociais. Uma pesquisa que adota o gênero como categoria histórica e analítica e que enfoca o cotidiano religioso tem a possibilidade de desvendar papéis informais e identidades invisíveis dos sujeitos. Essa abordagem possibilita a obtenção de novas experiências concretas da inter-relação entre mulheres e homens em sociedade e as relações de poder.

1.2 A organização e preparação para a Assembleia Geral da Comunidade de Nossa Senhora da Soledade



Fonte: Fotografia registrada pela pesquisadora em trabalho de campo em junho de 2010.

Figura 1 – Vista da Praça e Igreja da comunidade Nossa Senhora da Soledade.

A religião tem a capacidade de “modelar” os sujeitos, tamanha sua influência social na afirmação de Geertz (1989). A Igreja é um dos pilares sobre o qual se assenta a relação hierarquizada entre homens e mulheres. As religiões são detentoras do capital simbólico e, portanto, manipulam a produção simbólica e a circulação dos bens simbólicos, e o fazem, por meio de representações, linguagem e palavra autorizada, reforçando e sacralizando a relação desigual de gênero. A estrutura desse campo religioso é também um espaço caracterizado por lutas e tensões entre os agentes e as instituições.

Constata-se que o poder é distribuído de modo desigual entre homens e mulheres. De acordo com Gebara (2000), elas ocupam, em geral, posições subalternas na organização mais ampla da vida social e também na organização das religiões em todo o mundo – como referência, a Igreja Católica.

Em acordo e sintonia com a afirmação de Gebara (2000), Soledade vivencia essa realidade. A mulher encontra-se inserida na Igreja: nos espaços pastorais, grupos e

movimentos. No entanto, não ocupa os cargos de liderança e coordenação da mesma forma que os homens, como na coordenação geral da comunidade:

Nunca houve em Soledade uma mulher que ocupasse o cargo de coordenadora, não sei por que, não entendo, às vezes acho que elas não querem assumir de verdade, é muito serviço pra elas né (expressão de João, um dos líderes da comunidade de Soledade, entrevistado em agosto de 2010).

Essa realidade e as diferenças são percebidas por alguns. Apesar de não compreenderem o porquê ou a origem dessa cultura, muitos líderes afirmam que gostariam de ver uma mulher na coordenação, pois elas estão em todos os espaços e assumem seus compromissos com responsabilidade. Porém, na prática, presencia-se uma realidade diferente. Há aqueles que acham que “a mulher não tem assumido de verdade porque tem deixado a desejar”. Ou seja, entendem que “a mulher simplesmente não quer participar”, ou que “a mulher não se esforça para fazer parte”.

Nos bastidores e nas reuniões preparativas para a assembleia, as mulheres foram atuantes, participando nas discussões e debates de propostas a serem encaminhadas por cada grupo, com posicionamentos firmes e fundamentados, principalmente nos problemas sociais da comunidade. As mulheres estiveram presentes em todos os grupos e pastorais, preparando-se para o dia da assembleia.

Nesse processo, os leigos se organizam e realizam, em cada pastoral e grupo, pequenas assembleias e elegem a sua coordenação. Esses seguimentos reúnem-se em plenárias, fazem uma divulgação, colocam os cargos à disposição e iniciam um movimento de campanha interna para novos coordenadores. Nesse tempo, as pessoas conversam em pequenos grupos, analisam e discutem até chegarem a um suposto nome ou nomes que possam compor a coordenação daquele grupo. Na assembleia geral, os coordenadores são apresentados e os nomes dos novos(as) coordenadores(as) são entregues ao secretário para registro em ata.

É raro acontecer a composição de duas chapas para eleição. O mais comum é o consenso entre os membros sobre o melhor nome ou a indicação de uma pessoa que aceite o cargo. É normal, também, um grupo ficar sem definição até as vésperas da assembleia sem nenhum nome indicado, pois “não há ninguém que aceita assumir o cargo”. Muitas pessoas entendem não ser capazes para assumir determinada responsabilidade. Isso acontece com as mulheres. Além disso, é comum a pessoa que aceita ser o coordenador nem sempre ser aquela com perfil para tal cargo; mas o grupo se submete, pois não podem ficar sem coordenador ou

coordenadora. A reeleição também é permitida. Apesar de criticada, a maioria dos líderes acha que “é importante dar a vez para o outro”. O cargo de coordenador é visto como sendo de muita responsabilidade e não deixa de ser de status social.

Entre a coordenação, há espírito de solidariedade e trabalho em equipe. Isso não significa ausência de conflitos, mas prevalece o trabalho coletivo.

É um trabalho de muita responsabilidade, de ser um coordenador da comunidade né! Aí no caso tem que coordenar, não é um trabalho muito fácil não né! Mais não é difícil pra quem quer trabalhar mesmo na comunidade não é difícil. Mais igual eu mesmo, eu e o compadre JL fizemos uma disputa e eu fui vice coordenador. Aí nós falamos ôh compadre Édson, se acontecer que eu ganhar também, nós vamos trabalhar junto nós dois, não vou trabalhar sozinho não porque, aí eu te ajudo, cê me ajuda aí no caso ele ganhou, aí sempre quando ele vai tomar alguma decisão, ele me pergunta: compadre... O que você acha desse negócio aí? Graças a Deus, cê vê é um trabalho de muita responsabilidade ser um coordenador de comunidade, mas muito importante, um ajuda o outro (Entrevista com Luis J., em 28 de julho de 2011).

A coordenação em exercício, nas reuniões do CPC nos seis meses que antecedem a assembleia, faz o convite aos líderes das pastorais para comporem chapas e se candidatarem. Enquanto isso, nos bastidores, essa coordenação em exercício, ao perceber que alguém ou algum líder em especial possui um perfil que eles entendem ser ideal para o cargo, inicia um trabalho de convencimento à candidatura. A coordenação procura líderes em destaque em seus trabalhos nos últimos dois anos ou pessoas que, na opinião dos próprios líderes, poderão dar continuidade ao trabalho realizado pelo grupo que deixará o cargo.

Na última assembleia, a eleição foi realizada com uma chapa única de quatro pessoas; não houve mais candidatos. Na assembleia anterior, eram duas chapas. Quando há apenas uma chapa, acontece como em toda eleição: é necessário 50% mais 1 para assumir o cargo na coordenação da comunidade. Foi composta novamente por quatro homens, mas uma curiosidade chama a atenção: é a primeira vez que em Soledade uma pessoa de origem afrodescendente assume um cargo na coordenação geral. O líder era coordenador da pastoral litúrgica e foi convidado a fazer parte da chapa da coordenação geral como vice-coordenador. Atualmente, dentre os 23 líderes do CPC, ele é o único de origem afrodescendente numa posição de status na comunidade, como o da coordenação geral. Uma realidade não muito comum, pois nossa sociedade ainda é marcada pelo racismo, uma das razões de discriminação e tratamento desigual além da discriminação de gênero.

Na assembleia nenhuma mulher se candidatou ou entrou na atual chapa. Elas avaliam como “um espaço que exige mais do que podem oferecer” e se assumido por elas comprometidas com uma jornada laboral triplicada, não seria viável. Essa realidade é vivenciada pelas mulheres, pois os homens não participam da vida doméstica e familiar como deveriam, sobrecarregando e reforçando o trabalho tido como feminino.

O olhar que lançamos às diferenças existentes entre nós sejam elas de pertencimento a determinada classe social, gênero, raça, etnia ou orientação sexual, entre outras, é cultural e socialmente determinado. A defesa dos direitos humanos supõe uma postura política e ética na qual todos(as) têm igualmente o direito de ser respeitados(as) e tratados(as) com dignidade, independentemente da cor, do gênero, da orientação sexual, da origem etc⁵⁶.

No entanto, no espaço religioso vivenciamos discriminações, desigualdades como vivenciamos em toda a sociedade. No momento de organização da comunidade, na escolha ou formação de chapas para eleição aos cargos tidos como importantes, na definição dos lugares e papéis de tidos como de homens e de mulheres, visualizamos essas diferenças. E na assembleia esse “drama” se faz presente nas relações de gênero e na forma de organização da mesma que conta com o envolvimento de todas as pastorais e grupos da comunidade.

O envolvimento das pessoas da comunidade inicia-se na assembleia, concomitantemente em seus segmentos (pastorais e grupos) – lugar onde acontecem os debates e também as sugestões das propostas. Eles apresentam as propostas de trabalho para o próximo ano, que são colocadas para apreciação e votação. Essas questões devem ser discutidas para realização e desenvolvimento dos trabalhos e projetos na comunidade. Então, todas as propostas que envolvem recursos humanos e financeiros, além do disponível em cada grupo ou pastoral, são colocadas para apreciação da plenária. Há um momento para fala: argumentação e defesa de cada um sobre suas propostas. Após cada defesa, a plenária se posiciona e delibera.

Durante o período de preparação para a assembleia não existe um cronograma formal até a data de realização da assembleia, que acontece sempre no mês de novembro. Nessa

⁵⁶ Sobre esta temática, ver entrevista da feminista negra peruana Rocío Muñoz no site do CLAM. Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=_BR&inford=6182&sid=7>. Acesso em: 26 mar. 2010.

época, todos encaminham à coordenação geral o nome dos novos coordenadores, que, por sua vez, são apresentados à plenária.

Após o encerramento, todos participam de um lanche oferecido pela comunidade num clima bastante descontraído. A próxima e última etapa do processo é a posse dos novos(as) coordenadores(as), que acontece no dia primeiro de janeiro – na chamada “celebração da família” – junto à comunidade. Depois desse momento, inicia-se novamente outro processo, até a realização de uma nova assembleia.

Em Soledade, existem grupos que são mais independentes – alguns mais próximos dos outros, outros mais distantes. Acredita-se que o motivo seja a identificação ou não com os objetivos de cada um. São dimensões diferentes de trabalho e atuação. Poderíamos citar uma dimensão mais espiritual e religiosa e outra mais social e política. Nesse contexto, as pastorais encontram-se nessa última dimensão: pelo seu perfil de atuação e intervenção em questões sociais e políticas na comunidade. Esse foi um dos motivos de escolha do foco para este trabalho entre 16 grupos, também pelo envolvimento pessoal e conhecimento do trabalho pastoral.

1.3 As relações de gênero na comunidade entre as pastorais

Como já citado anteriormente, Soledade ainda não experimentou uma coordenação composta por mulheres ou com a participação de mulheres até o presente momento, as coordenações têm sido formadas somente por homens. As mulheres se fazem presentes em todas as pastorais, grupos e movimentos em número superior ao dos homens; no entanto, não assumiram cargos tidos pela comunidade de maior prestígio.

Essas mulheres estão ocupando principalmente espaços que de acordo com a cultura local exigem um perfil de pessoa cuidadora, detalhista, protetora, paciente. Entre eles está a pastoral da criança, da catequese e do idoso e os grupos voltados à espiritualidade e oração. Esses grupos são mais frequentados por mulheres, como o apostolado da oração e os grupos de oração em geral.

As mulheres, desde meninas educadas para cuidar dos outros (filhos, marido, parentes idosos), acabam por abraçarem carreiras e espaços tidos como femininos. Não só é comum às mulheres escolherem carreiras no campo do ensino ou da prestação de serviços sociais, de saúde, como se supõe que tais atividades sejam extensões, no espaço público, das tradicionais

atividades que elas já desenvolvem no ambiente doméstico. No campo religioso não é diferente e esta escolha é construída pela socialização diferencial de gênero.

Nota-se como essa construção cultural está impregnada não só na cultura masculina, mas também entre as próprias mulheres. Uma líder, ao receber um convite para assumir um cargo na coordenação pastoral na comunidade, disse não ao convite, a justificativa dessa líder foi: “eu não daria conta”.

Diante da realidade, observa-se que a dependência da mulher, inclusive financeira, pelo homem e a tripla jornada feminina é citada pelas mulheres como sendo um dos impedimentos de envolvimento delas com compromissos na comunidade. Em Soledade, também não há uma cultura de participação masculina (da maioria dos homens) na divisão dos trabalhos domésticos e no cuidado com os filhos. Essa questão sobrecarrega a mulher e torna-se um dos obstáculos para muitas assumirem cargos que exigem autonomia, poder de decisão e uma vida mais ativa na comunidade.

Mas, mesmo fazendo parte desse contexto, é esse o lugar que muitas mulheres encontram para se reafirmar, conquistar seu lugar ou se desenvolverem em diversos aspectos, principalmente nas pastorais, que, com frequência, promovem encontros, cursos e elegem representantes para os conselhos municipais de saúde, educação, assistência social, de desenvolvimento rural, etc. Dessa forma, esse espaço transforma-se em um lugar que não é exclusivamente religioso, mas também é de sociabilidade e de discussão política.

Se esse espaço de vivência religiosa é lugar de construção de redes sociais, sociabilidades e socialização, onde se aprende a prática de interações diversas, como ajuda mútua, solidariedade e generosidade, isso se torna importante para sujeitos mulheres que foram socializadas para exercer “papéis” no universo doméstico. Essa mulher, mãe e esposa, vê no espaço do religioso a possibilidade de ampliar contatos sociais e de exercer liderança. Essa realidade ganha relevância ainda maior, porque essas mulheres se deparam e encaram o poder de dirigir, aconselhar, de apropriar estratégias de convencimentos e aproximação, de partilhar experiências de vida entre iguais ou de aprender a conviver com as diversidades, que se fazem presentes no espaço religioso. Mas, nesse espaço que ainda prevalece a decisão androcêntrica, a mulher vem conquistando e se modificando. Hoje, se encontra em lugares e posições antes jamais ocupados por elas.

A mulher líder em Soledade não ocupa os cargos tidos como de maior prestígio, como a coordenação geral, mas ela vem se destacando nos trabalhos pastorais e assumindo espaços

importantes na vida da comunidade e em suas próprias vidas. Espaços de grande relevância para essas mulheres, de forma perspicaz, porém significativa, vem modificando a vida de muitas mulheres nesse lugar.

Eu era mais tímida, agora não, agora se for pra eu dirigir uma reunião lá na frente ou qualquer coisa eu tenho coragem! Se a pessoa chegar pra mim e pedir pra ler uma leitura, um evangelho, fazer uma reflexão é na hora, não chego nem a tremer, eu consigo fazer, então mudou muito pra mim, eu acho que a auto estima melhorou né, a auto estima melhorou bastante. Eu acho que mudou muito nessa parte, eu acho que o apoio, o jeito que a gente chega a ter uma confiança maior na gente mesma, às vezes a gente fica meio tímida por ser mulher! Agora de um certo tempo pra frente, cê vai modificando. (Entrevista de Lúcia, em 02 de outubro de 2010).

A despeito das muitas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas em nossa sociedade, o fato de que mulheres e homens vivem uma relação hierarquizada tem sido apontado em várias pesquisas, e pode ser por nós visualizado diariamente sem oferecer nenhuma dificuldade. As relações de gênero têm como transversal em sua dinâmica, a dominação e o poder. Para Chauí (1985), o poder necessariamente implica numa relação de dominação, no nosso caso específico, de homens sobre mulheres.

1.4 O dia da assembleia

O propósito deste artigo é narrar a assembleia geral da liderança da comunidade de Soledade. Entendemos que esse tópico busca delinear a assembleia geral de Soledade no sentido de contribuir com a análise sobre o drama entre poder e gênero vivenciado nesse espaço.

A assembleia foi realizada no dia 01 de novembro de 2010 com a presença de todos os coordenadores e coordenadoras das pastorais e grupos. Como haviam sido realizadas anteriormente várias pequenas assembleias nos grupos, somente estavam presentes na assembleia geral os(as) coordenadores(as) em exercício e os eleitos(as) que iriam assumir o cargo em 01 janeiro de 2011.

Dessa forma, o processo mais complexo e importante aconteceu antes desse evento, nas bases dos grupos e pastorais. A assembleia possui um perfil com característica mais formal e acontece para registrar e oficializar o trabalho realizado anteriormente pelos líderes.

A direção e a coordenação dos trabalhos do dia são de responsabilidade da coordenação em exercício: coordenador e vice, secretário e tesoureiro. Uma oração espontânea com os líderes postos em círculo é o início da assembleia, conduzida pelo coordenador geral. Ele pede a uma pessoa do grupo: “faz a oração de início pra nós” (Edson, coordenador em exercício). Nesse momento, todos(as) rezavam em silêncio acompanhando a oração espontânea conduzida por uma líder. Ela pede ao Espírito Santo para iluminar aquele momento e que as pessoas que ali se encontram assumam o seu compromisso para que boas e novas ideias possam surgir daquela assembleia.

Em seguida, o secretário confere a presença das pastorais e grupos da comunidade citando o nome de cada uma aleatoriamente e os representantes respondiam em voz alta “presente”. Estavam participando as pastorais: da criança, catequese, juventude, idoso, dízimo, liturgia e batismo. Os grupos eram compostos por ministros, apostolado da oração, as CEB’s⁵⁷, ECC⁵⁸, sociedade de São Vicente de Paulo, alcoólicos anônimos e associação comunitária (GEAC)⁵⁹. Estavam ausentes dois grupos de oração sem justificativa verbalizada, o Grupo de Oração Vocacional Sacerdotal e Sagrada Face, que são compostos exclusivamente por mulheres.

O coordenador lê a pauta e os trabalhos da assembleia se iniciam. Cada grupo é convidado pelo coordenador a falar na sequência de confirmação da presença dos líderes que representam determinada pastoral ou grupo na assembleia. Alguém do grupo expõe sobre as propostas encaminhadas e apresenta à nova coordenação. Sempre quem fala em nome do grupo ou pastoral é o(a) coordenador(a). Quando há propostas a serem apreciadas pela plenária, elas são colocadas em votação. Assim, sucessivamente, cada um vai seguindo da mesma forma até todos(as) falarem. Nessa assembleia, todas as propostas foram aprovadas, após discussões, debates e articulações dos(as) líderes. Antes de encaminharem as propostas, os(as) líderes presentes na assembleia se articulam entre si, a fim de que as propostas sejam aprovadas. Argumentam sobre a relevância de cada proposta antes delas serem colocadas para apreciação da plenária. A articulação acontece antes e durante a assembleia. É um momento político relevante para as pastorais, de argumentação, defesa e justificativa sobre cada ideia ou proposta.

⁵⁷ CEB’s – Comunidades Eclesiais de Base.

⁵⁸ ECC – Encontro de Casais com Cristo.

⁵⁹ GEAC – Grupo de estudos e Ação Comunitária.

No momento da discussão e debate presenciavam-se conversas paralelas ou em grupinhos. Aqueles(as) líderes que não se expressavam em voz alta, faziam comentários em grupos de duas ou três pessoas em tom de voz baixa durante a reunião. Era visível o comportamento daquelas pessoas mais contidas, que quase não se manifestavam. Trinta por cento do grupo apresentava esse perfil mais discreto e desconfiado. Um outro grupo se posicionava diante de tudo que era encaminhado à plenária, com argumentação questionadora ou a favor sobre determinada proposta. Nessa dinâmica o grupo direcionou a assembleia até a conclusão dos trabalhos.

Foi importante observar sobre a minha presença enquanto pesquisadora, notada de forma diferente naquele momento, mesmo fazendo parte da comunidade, ali eu era pesquisadora e isso contribuiu para que a assembleia fosse mais formal do que de costume. A presença da câmera e da máquina fotográfica criou certa inibição entre o grupo, provocando um comportamento, além de formal, mais tímido, na forma de conduzir a assembleia e nas expressões verbais e corporais.

A forma de vestir também transmite informações sobre esse lugar e sobre as pessoas. O grupo de líderes se vestia com roupas comuns, sem nenhuma formalidade, alguns de bermudas, camisetas e chinelos. A estação do verão (novembro) contribuiu para que as pessoas se vestissem com roupas mais à vontade, no entanto, é comum, em Soledade, que as pessoas estejam com vestes menos formais e comuns em reuniões, e mais formais nas celebrações e rituais como missas, batizados, casamentos e celebrações festivas na Igreja Católica; um comportamento que foi incorporado pelas pessoas e faz parte da cultura local.

Na observação dos encontros e reuniões sobre a forma de se posicionarem na sala de reunião, me fez retomar ao passado na época de minha adolescência. As lembranças sobre o mapeamento do espaço de sentar no interior da Igreja. A repetição desse comportamento ocorre nas reuniões em Soledade. Mesmo que as pessoas se posicionem em círculo, de um lado do círculo sentam-se os homens e, do outro, as mulheres. As mulheres ficam mais em grupos do que os homens. Encontrar um homem só é comum, uma mulher não tanto, dificilmente observa-se uma mulher só, ela sempre está acompanhada com outras mulheres ou de um homem, seja filho, irmão, pai ou marido. Aqui se reforça que “a mulher deve estar sempre acompanhada e jamais andar só por aí, ela precisa de alguém para protegê-la”. “Uma mulher de família não fica andando por aí sozinha, dá oportunidade para as pessoas pensarem mal dela”.

No entanto, “a mulher independente e que decide sobre sua vida é vista de forma diferente”, principalmente por algumas pessoas que fazem parte da geração a partir dos 60 anos. Para essas pessoas, esse comportamento significa uma agressão e um rompimento da tradição e cultura dessa geração. Atualmente, várias mulheres de Soledade se enquadram nesse perfil, trabalham fora, estudam e buscam independência, contrariando, assim, os velhos costumes locais.

Em alguns espaços de Soledade há um grupo de mulheres que rompe com alguns costumes, como o citado; em outros, elas fortalecem costumes construídos ao longo da história. Como acontece nas reuniões da comunidade onde há necessidade de utilização da cozinha para preparar e servir algum tipo de refeição, quem trabalha são as mulheres. Assim ocorreu na assembleia, antes do encerramento e debate final. Algumas mulheres saíram da plenária em silêncio em direção à cozinha, com o objetivo de prepararem a mesa do lanche que seria servido após a conclusão das atividades do dia. Antes do início da assembleia elas já haviam trabalhado na cozinha e deixado tudo previamente organizado – trata-se de uma cena comum em dia de reunião e encontro na comunidade. E, na coordenação dessas mulheres como responsável pelo trabalho, um homem. Cabe a ele colocar os materiais e ingredientes que serão utilizados na cozinha, comprar o que for necessário, ajudar a pegar as panelas e caldeirões pesados, organizar mesas e cadeiras no refeitório. As mulheres são responsáveis por preparar os alimentos e nem sempre aparecem em público ou partilham da mesma mesa.

Historicamente, o espaço público era restrito aos homens como cidadãos, tendo sido as mulheres dele excluídas durante muitos séculos, pois estavam confinadas no mundo doméstico⁶⁰. Em todas as sociedades há uma divisão do trabalho entre homens e mulheres, permitindo que as tarefas necessárias à produção e à reprodução sejam cumpridas. Apesar de diferenças culturais no modo como as distintas sociedades humanas se organizam, as mulheres estão sempre mais voltadas ao cuidado dos(as) filhos(as) e ao trabalho doméstico, como consequência natural da reprodução – realidade vivenciada em todos os espaços da sociedade.

Em Soledade, alguns homens fazem parte das equipes da cozinha quando necessário. No entanto, é comum que eles estejam coordenando e sejam responsáveis pelo “serviço pesado”. No entanto, as mesas são sempre preparadas e decoradas pelas mulheres.

⁶⁰ (Diferenças de gênero na organização social da vida pública. Curso de Formação em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça | GPP-GeR, UFV. 2010).

Nota-se que o modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de gênero (GAGNON; SIMON, 1973). Há uma expectativa social em relação ao modo como homens e mulheres devem andar, falar, sentar, brincar, dançar, namorar, vestir, cuidar do outro, amar, etc. Conforme o gênero, acredita-se que também haja modos específicos de trabalhar, gerenciar outras pessoas, chefiar, ensinar, dirigir carros, gastar dinheiro, ingerir bebidas, dentre outras atividades. Os jeitos de ser e fazer são ensinados, aprendidos, desde a infância e reforçados por toda a vida. No campo de pesquisa percebemos e confirmamos essa realidade sociocultural, discutida por vários autores, principalmente no campo das ciências sociais.

Enquanto algumas mulheres preparavam a mesa na cozinha, a plenária da assembleia encaminhava as últimas discussões e deliberava sobre o relatório final. Este relatório é acompanhado de uma agenda anual com os principais eventos da comunidade. Os grupos e as pastorais escolhem datas de encontros, capacitações, comemorações, celebrações, etc. Dessa forma, uma única agenda é construída com o objetivo de não coincidirem datas importantes e todos terem a oportunidade de participar, tendo em vista que o mesmo espaço físico é utilizado pelos movimentos existentes na comunidade. Essa é uma agenda geral que, quando necessário, é revista ou reavaliada nas reuniões mensais do CPC.

A ata foi registrada no mesmo livro que são registradas as atas das reuniões do CPC. Assim, quando necessário, a coordenação ou qualquer líder poderá recorrer a um único livro. O livro de atas (documento da comunidade), juntamente com os antigos, é repassado ao secretário eleito no dia de sua posse, ficando sob sua responsabilidade e seus cuidados por um período de dois anos e, assim, sucessivamente.

Ao final da assembleia, a ata foi lida pelo secretário e apreciada pelos presentes. Houve alguns comentários de interpretação de texto e modificação de uma das datas do calendário anual. As observações foram discutidas e ressaltadas em tempo na ata, que, após sua aprovação, foi assinada pelos presentes.

A assembleia teve duração de três horas, sem intervalos. Após a leitura e aprovação da ata, o coordenador geral tomou a palavra, agradeceu à comunidade, desejou boa sorte à nova coordenação, mais duas pessoas fizeram uso da palavra e um deles disse sobre a importância da realização da assembleia e do compromisso que começava ali, para cada um dos líderes. O

coordenador convidou um dos líderes para que conduzisse uma oração de agradecimento e encerramento.

Após esse momento, algumas fotos das pessoas que deixavam os cargos e daquelas que assumiriam em janeiro foram registradas. Todos se cumprimentaram de forma descontraída e a plenária foi convidada pelo coordenador a lancha no refeitório.

Ao finalizar a assembleia, inicia-se o mesmo processo até a realização da próxima, que acontecerá em novembro de 2012. Essa dinâmica é responsável pela sobrevivência e gestão da comunidade. Trata-se de um grupo de pessoas em torno de interesses diversos, disputas, poder e conflitos, mas também de reciprocidade, generosidade e trabalho em equipe – experiência vivenciada em uma comunidade católica rural.

2 Considerações finais

O presente trabalho evidencia e apresenta-nos uma realidade marcada pelo poder masculino, mas sinaliza e aspira transformações que poderão surgir ou serem modificadas. Trata-se de uma estrutura androcêntrica e tradicional onde as decisões importantes estão sob o poder masculino, num drama que ainda vivenciam-se desigualdades de gênero. O trabalho revelou a persistência de problemas nas relações de gênero no espaço ocupado pelas pastorais na Igreja Católica de Soledade.

A partir da dinâmica de organização e composição da Assembleia Geral Comunitária, comprovou-se o que antes havia se evidenciado em entrevistas, reuniões pastorais, celebrações e encontros informais na comunidade com os(as) líderes. O espaço pastoral é um lugar ocupado por homens e mulheres que acreditam em uma Igreja mais próxima das pessoas e menos desigual, mas ainda é lugar de disputas de poder e do fortalecimento da cultura androcêntrica. A realidade da sociedade em geral quanto à hierarquia e assimetrias de gênero é reproduzida no espaço católico, no caso específico da discussão proposta neste artigo, em uma assembleia comunitária como dramatização do poder. Num drama vivenciado por homens e mulheres, marcado pela diferença, onde o poder masculino sobrepõe ao feminino e ainda dita as regras.

Portanto, várias mulheres de Soledade, após terem ocupado o espaço de liderança na comunidade – como ocupam hoje no CPC e nas assembleias gerais, por exemplo, na assembleia realizada em novembro de 2011 –, descobriram alternativas e espaços sociais

públicos que podem e devem ser ocupados por elas por direito. O espaço da associação comunitária de Soledade: o GEAC – Grupo de Estudos e Ação Comunitária e do Sindicato Rural de Manhuaçu, que junto à EMATER buscam organizar as mulheres trabalhadoras rurais, são espaços políticos importantes para as mulheres. Espaços como estes modificam, transformam a realidade, de mulheres dependentes e submissas, em mulheres mais independentes, autônomas, interventoras e conhecedoras de seus direitos.

Pode-se afirmar que a relevância da participação nas pastorais da Igreja Católica está também em contribuir de alguma forma com o ingresso das mulheres nesses espaços políticos, possibilitando a atuação da mulher em outros campos sem que seja somente o religioso.

As desigualdades nas relações de gênero são bem mais complexas do que aparentam ser. As mulheres vêm lutando para ocupar espaços negados a elas até então. Hoje, muitas delas têm consciência que fazem parte de uma estrutura androcêntrica milenar e de uma sociedade machista. Essa sociedade apresenta mudanças significativas, mas que de fato ainda não ocorreram na prática de forma mais ampla. É necessária a adoção de uma perspectiva de gênero que se afaste da concepção binária (homem/mulher) e que também considere sistematicamente a interseção com outros padrões de desigualdades como o de raça, etnia, classe social, religião.

Pois, como nos diz Scott (1990), o lugar da mulher não é diretamente o produto do que ela faz, mas tem a ver com o significado das relações sociais do contexto em que a mesma está inserida; tem a ver com os discursos que nomeiam, identificam, localizam os sujeitos nas relações de poder.

Nessa ótica, para a autora, o gênero não se reduz ao sexo, não se reduz à análise das diferenças entre os sujeitos sociais, mais a análise da percepção da diferença por esses sujeitos, tendo como princípio o sexo – este com seus vários sentidos – e, sendo assim, deve ser redefinido e reestruturado em relação como todo um sistema de relações.

Portanto, os instrumentos para análises de gênero devem englobar os símbolos culturalmente instituídos, os conceitos normativos, a noção política e a identidade subjetiva; levando sempre em conta que ele é um campo no qual ou por meio do qual o poder é articulado, já que serve para estipular as subjetividades dos sujeitos, a forma dos mesmos estarem no mundo.

Referências bibliográficas

BIDEGAIN, A. M. Gênero como categoria de análise na história das religiões. In: BIDEGAIN, A. M. (Org.). **Mulheres: autonomia e controle religioso na América Latina**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. p.13-28.

BOURDIEU, P. Sobre o poder simbólico. In: **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. p.7-15.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, P. **Poder, derecho y classes sociales**. 2. ed. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001.

BOURDIEU, P. **Gênese e estrutura do campo religioso**. In: MICELLI, S. (Org.). 5. ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2004.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulheres e violência. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, n.4, 1985.

FOUCAULT, M. Soberania e disciplina. In: **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 11. ed. Trad. por Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997. Capítulos I e II. (Vol. I: a vontade de saber).

GAGNON, J. H.; SIMON, W. **Sexual Conduct: the social sources of human sexuality**. Aldine: Chicago, 1973.

GEBARA, I. **Rompendo com o silêncio: uma fenomenologia do mal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez. 1990.

3 CONCLUSÃO GERAL

Ao concluir este trabalho, procuramos apresentar respostas para as questões levantadas anteriormente. Nosso objetivo geral buscou analisar e compreender como são vivenciadas e construídas as relações de gênero e poder na Igreja Católica de Soledade a partir do estudo da dinâmica da vida religiosa das lideranças do CPC e em que medida a participação nesse espaço pastoral influencia a vida dos sujeitos em estudo.

De modo específico, descrevemos, a partir de revisão bibliográfica, a construção histórica das pastorais da Igreja no Brasil e em Soledade. Procuramos identificar a existência de hierarquia das pastorais na organização da comunidade e a composição de gênero dos(as) líderes; de que forma homens e mulheres se articulam e como as pastorais integram o CPC; e a existência de conflitos e suas implicações na relação de gênero e poder nesse espaço.

Visando cumprir tais objetivos, optamos pela pesquisa qualitativa, por meio de questionários, entrevistas semiestruturadas e observação direta participante, etnografia, com registro em caderno de campo, análise de documentos, gravação de voz e imagens. O trabalho de campo iniciou-se em junho e encerrou-se com o registro da assembleia, em novembro de 2010. Apenas o agendamento das entrevistas concretizado de forma mais lenta que o esperado, pelo motivo de os(as) entrevistados(as) estarem em período de colheita de café em Soledade e as pessoas ficarem até mais tarde na lavoura, fazendo com que as entrevistas fossem realizadas somente à noite e aos finais de semana. Não houve maiores problemas. Os(As) líderes sentiram-se importantes sendo entrevistados(as), demonstraram ter gostado da proposta do trabalho e muito contribuíram com a pesquisa.

Nos resultados apresentados foi possível perceber as mudanças pelas quais tem passado a religião católica, especialmente diante da nova proposta pastoral após a realização do Concílio Vaticano II⁶¹. Nesse contexto, as relações familiares e a religião vêm sofrendo influências dessas mudanças, que são também culturais. Mas, a cultura que ainda prevalece é a cultura masculina, uma estrutura hierarquizada e androcêntrica católica.

Notamos, também, que mudanças sociais implicaram em transformações, possibilitando que as mulheres assumissem novos papéis e espaços. Seria importante que elas garantissem e ocupassem o seu lugar na sociedade, mesmo que essa condição as

⁶¹ A proposta pastoral das Comunidades Eclesiais de Base na linha da Teologia da Libertação.

sobrecarregassem e triplicasse o trabalho – afazeres e atividades assumidas e tidas como de sua responsabilidade por natureza, exemplo, o cuidado com os filhos, com a casa e o trabalho doméstico.

Verificamos que as mulheres, em Soledade, sentem-se bem sendo líderes, almejam os cargos de maior prestígio na comunidade apesar de ainda não os terem assumido. Porém, se realizam enquanto líderes pastorais, são coordenadoras nas pastorais e grupos na comunidade, se destacam em vários deles, percebem a desigualdade de gênero e sofrem discriminação com a diferença e a cultura machista local. Muitas dessas mulheres têm questionado sua condição de submissão sob essa estrutura androcêntrica católica e isso tem provocado questionamentos entre homens e mulheres no trabalho pastoral comunitário, possibilitando mudanças nessas relações e vislumbrando um futuro menos desigual.

A partir dos relatos e das narrativas das mulheres, notamos que há um desejo em serem diferentes do que elas são, sonham saber mais, reconhecem a diferença, a identificam na comunidade e na família, porém as condições desiguais as impedem de realizar seu projeto de vida nesse universo. Algumas mulheres estão buscando liberdade e independência e acreditam que realizarão seus projetos. Atualmente identificam espaços de participação que se tornam também espaços de empoderamento feminino, como o da associação comunitária de Soledade, do sindicato dos(as) trabalhadores(as) rurais e da EMATER na sede do município de Manhuaçu. Essas instâncias e órgãos públicos realizam atividades específicas para as mulheres, sobre autogestão, pequenas e micros empresas, cooperativas, grupos de mulheres, palestras informativas, orientações sobre direito e cidadania. Isso tem despertado o interesse de algumas em participar. Enquanto há um pequeno grupo que acredita na mudança dessa cultura da diferença, outras mulheres acomodaram e aceitaram a desigualdade como natural e acreditam que assim devem permanecer, inclusive sendo “protegidas pelos homens”, pagando o preço da submissão, muitas por não encontrarem alternativas, como a da própria sobrevivência, outras por não terem compreendido a condição de desigualdade pela qual se encontram e são vítimas.

Dentre as mulheres e os homens entrevistados, observamos que as relações desiguais são fortemente marcadas na família, assim como na Igreja Católica. Porém, no trabalho pastoral, essa diferença é menor e menos acentuada; com isso, o envolvimento pastoral contribui e culmina em mudanças nas relações de gênero em Soledade. A participação no CPC influencia e modifica as relações na família, na comunidade e entre as mulheres e o

espaço pastoral mobiliza homens e mulheres para a vida pública. A participação feminina tem ressignificado o espaço da mulher na comunidade e a vida de muitas que atuam em pastorais. Evidenciaram-se mudanças pelas quais as famílias passaram ao longo dos anos, conseqüentemente, as mulheres. As mudanças socioeconômicas modificaram também a vida da família e as relações de gênero.

As próprias mulheres experimentam no espaço religioso a dupla jornada de trabalho, as negociações com as famílias, sejam as de origem ou as constituídas por elas; negociação com a comunidade, a vontade de ampliação da visão de mundo, a identificação e o enfrentamento de limites e possibilidades de atuação política, a apropriação do conhecimento não apenas religioso, mas de vida e sobre o mundo social. Ela é mulher, mãe e esposa, enfrenta tensões e conflitos familiares para estar presente na comunidade e no trabalho pastoral, lugar onde ela se realiza e identifica novas possibilidades para sua vida.

Torna-se evidente que as relações de gênero são influenciadas por esse espaço religioso pastoral que também sofre influências da família e da sociedade em torno da religião, considerando essas influências em uma via de mão dupla.

Há uma valorização dos costumes e ritos locais e um desejo da liderança em continuar reproduzindo e incorporando novas práticas à organização local, sem, contudo, perder as tradições que, para os(as) líderes, dão sentido a dinâmica e vida comunitária.

Ao analisar o significado da vida em comunidade, essa se fez presente e marcante no significado que a religião possui e como ela tem poder sobre a vida das pessoas, seja ela homem ou mulher. Segundo os(as) integrantes do CPC, o trabalho pastoral, mesmo com os seus desafios contribui para diminuir o individualismo e preservar os interesses coletivos, “mesmo fazendo parte de uma sociedade capitalista, globalizada, secularizada, as tradições e a vida comunitária consegue sobreviver”.

Um espaço que seria somente religioso destaca-se e torna-se, muitas vezes, como a única opção de lazer e descontração, de encontros, de sociabilidade. Estar em comunidade, além dos conflitos internos e tensões, significa também oportunidade de cantar, rir, brincar, trabalhar em conjunto, mostrar os carismas e dons e colocá-lo a serviço de alguém, além de reunir pessoas com diferentes níveis socioeconômicos e culturais, que é uma das características do trabalho pastoral. Dessa forma, o limite dos objetivos que seriam somente espirituais ultrapassa a esfera religiosa nesse contexto. Eles vão além do espiritual e, na prática, perpassam a vida social, provocam mudanças que são vislumbradas por homens e

mulheres no espaço onde cada um atua diretamente, seja em sua vida profissional, familiar ou comunitária, construindo, assim, vários tipos de redes entre as pessoas que fazem parte das pastorais e grupos em Soledade.

Finalmente, pode-se concluir que, embora a estrutura hierarquizada e androcêntrica católica existam, a vida de homens e mulheres é influenciada de forma positiva pela dinâmica da vida pastoral, que faz parte dessa estrutura institucional e se objetiva de forma mais próxima das pessoas.

A religião aparece como resposta a várias questões. Apesar de alguns questionamentos estarem saciados, inúmeros outros surgem e a religião garante espaço e poder. Enquanto isso, nas pastorais, homens e mulheres que delas fazem parte vão se adaptando às novas realidades e necessidades atuais, provocando mudanças que interferem diretamente na vida dessas pessoas. Porém, essas mudanças ainda não foram capazes de eliminar as desigualdades de gênero que persistem na relação entre líderes que atuam e dramatizam o poder no campo pastoral.